

COMPARTILHANDO *leituras*

Coletânea dos textos dos convidados
dos eventos de 2019



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Copyright © Rejane Maria de Almeida Amorim, Maria Antônia
Azevêdo Teixeira Rocha e Ronald Vizzoni Garcia, 2020
Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida por meio impresso ou
eletrônico, sem a autorização prévia por escrito da Editora/Autor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C737 Compartilhando leituras: coletânea dos textos dos convidados
dos eventos de 2019 / organizadores Rejane Maria de Almeida Amorim,
Maria Antônia Azevêdo Teixeira Rocha, Ronald Vizzoni Garcia. – Rio de
Janeiro: UFRJ, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, 2020.
152 p. : il.

ISBN 978-65-88579-09-1 (versão on-line).

1. Leitura. 2. Leitura - Desenvolvimento. 3. Educação. I. Amorim, Rejane
Maria de Almeida. II. Rocha, Maria Antônia Azevêdo Teixeira. III. Garcia,
Ronald Vizzoni. IV. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Centro de
Filosofia e Ciências Humanas.

CDD: 809

Elaborada por: Adriana Almeida Campos CRB-7/4081

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

Denise Pires de Carvalho

Reitora

Carlos Frederico Leão Rocha

Vice-reitor

Marcelo Macedo Corrêa e Castro

Decano do CFCH

Vantuil Pereira

Vice-decano do CFCH

Rejane Maria de Almeida Amorim

Coordenadora de Integração Acadêmica de Graduação do CFCH

Juliana Beatriz Almeida de Souza

Coordenadora de Integração Acadêmica de Pós-Graduação do CFCH

Pedro Paulo Gastalho de Bicalho

Coordenador de Integração Acadêmica de Extensão do CFCH

Larissa Gaspar Alves

Superintendente Administrativa do CFCH

ORGANIZADORES

Rejane Maria de Almeida Amorim
Maria Antônia Azevêdo Teixeira Rocha
Ronald Vizzoni Garcia

REVISORES

Anabelle Loivos Considera
Antonio Andrade
Cláudia Bokel Reis
Erica dos Santos Resende
Marcelo Macedo Corrêa e Castro
Marta Lima de Souza
Rejane Maria de Almeida Amorim
William Soares dos Santos

EQUIPE DO PROJETO DE EXTENSÃO COMPARTILHANDO LEITURAS

Amanda Barbosa Martins Ferreira

Ana Lucia de Andrade Barreto

Emília Carolina Bispo dos Santos Augusto

Felipe de Carvalho Ferreira

Larissa Gaspar Alves

Lidiane Jeane Lima Cezario

Maria Antônia Azevêdo Teixeira Rocha

Marta Cristina Geminiano de Camargo Silva

Pedro Barreto Pereira

Rebeca Oliveira Calado

Rejane Maria de Almeida Amorim (Coordenadora)

Ronald Vizzoni Garcia

Valdete Viana Tavares (Coordenadora)

Sumário

Prefácio

Marcelo Macedo Corrêa e Castro.....8

Primeiras palavras

Projeto de Extensão Compartilhando Leituras: apontamentos sobre a experiência de aprendizagem coletiva

Rejane Maria de Almeida Amorim e Valdete Viana Tavares.....10

Parte I: As leituras compartilhadas

Júlio César de William Shakespeare: alguns elementos introdutórios

William Soares dos Santos.....18

Cora Coralina: “No tarde da vida: recriar e poetizar”

Marta Lima de Souza.....44

Formas de partilha do literário: sobre *A legião estrangeira*, de Clarice Lispector

Antonio Andrade.....59

Letras Verdes: a atualidade das questões ambientais em Euclides da Cunha

Anabelle Loivos Considera.....78

Compartilhar leituras, semear palavras e afetos

Ninfa Parreiras.....95

A trajetória d'O Pasquim: um alternativo que se tonou empresa (1969-1991)

Andréa Cristina de Barros Queiroz.....104

Travestis e transexuais: processo de exclusão no sistema educacional brasileiro

Clarice Nolasco Cardins e Guilherme Chagas de Siqueira.....122

Parte II: Narrativas dos extensionistas

Entre Olhares sobre o projeto de extensão Compartilhando Leituras

Amanda Barbosa Martins Ferreira e Lidiane Jeane Lima Cezario.....131

Impressões sobre o projeto de extensão Compartilhando Leituras

Ana Lucia de Andrade Barreto e Rebeca Oliveira Calado.....136

Interpretações, nuances e entendimentos sobre os impactos de um projeto de extensão

Felipe de Carvalho Ferreira e Emília Carolina Bispo dos Santos Augusto.....142

Sobre os autores

.....148

prefácio

Compartilhando Leituras é uma ação de extensão universitária que começou com uma configuração bastante empregada no cotidiano da UFRJ. Tratava-se, ao início, de reunir pessoas para que houvesse o compartilhamento da leitura de obras literárias. Assim, houve leituras de Shakespeare, Clarice Lispector, Cora Coralina, por exemplo, conduzidas por professores que haviam dedicado atenção especial à produção desses escritores.

Com o tempo, alargou-se a perspectiva do projeto, trazendo para a sua dinâmica leituras de mundo, de situações, de condições. Nessa nova etapa, ganharam espaço discussões fomentadas pela percepção de quem leu temas como a trajetória do jornal *O Pasquim* e a exclusão dos travestis e dos transexuais dos processos educacionais no Brasil.

Os textos deste livro eletrônico apresentam essa trajetória. Precedida por uma reflexão das coordenadoras da ação, Professora Rejane Maria de Almeida Amorim e Valdete Viana Tavares, na primeira parte, estão reunidas as produções relacionadas com os temas dos encontros. Na segunda parte, os estudantes que atuam no projeto narram experiências de participação no *Compartilhando Leituras*.

A publicação desses textos segue a mesma perspectiva da ação que lhe deu origem: a do compartilhamento de leituras, entendidas como movimentos para além da decodificação da superfície textual; entendidas como gestos de humanização, pela via do compartilhamento de conhecimentos e sentimentos de mundo.

Nossa intenção é, portanto, criar mais caminhos para socializar aquilo que temos compartilhado no universo da extensão, mas que pode e deve avançar por outros tempos e espaços, nos quais continue a servir de base para a formação de pessoas que não só leem o mundo, como também compartilham suas leituras.

Marcelo Macedo Corrêa e Castro

Professor Titular em Didática do Ensino da Língua Portuguesa FE/UFRJ
Decano do CFCH

PRIMEIRAS *palavras*

Projeto de Extensão Compartilhando Leituras: apontamentos sobre a experiência de aprendizagem coletiva

*Rejane Maria de Almeida Amorim
Valdete Viana Tavares*

Resumo

O texto apresenta uma reflexão sobre o desenvolvimento do Projeto de Extensão *Compartilhando Leituras* durante o ano de 2019, criado como proposta de interlocução de saberes entre a universidade e a comunidade. Como muitos espaços da universidade, o projeto pretende dar visibilidade aos diferentes saberes e sujeitos que tornam a nossa universidade plural dentro do contexto em que está inserida. No âmbito da Decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), o projeto envolve estudantes, professores, equipe técnica e comunidade em um ambiente formativo constituído por adesão e liberdade de escolha. Embasadas em Freire (1980, 1997) discutimos a extensão e os saberes que se articulam nesse espaço. Destacamos dois aspectos sobre os quais focamos nosso olhar para essa escrita, são eles: 1) A extensão e a formação dos estudantes e 2) A experiência vivida e os novos desafios de formar e formar-se.

Introdução

O projeto de extensão *Compartilhando Leituras* emergiu a partir de uma proposta da gestão atual (2018-2022) da Decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) que deseja promover ações de formação em formatos distintos para atender os mais variados públicos. Em resposta a esta demanda, a Coordenação de Integração Acadêmica de Graduação, em conjunto com a equipe técnica do CFCH criou o projeto Compartilhando Leituras, que abrange a graduação, as escolas públicas e o público em geral, externo à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente, o projeto é formado por quatro técnicos do CFCH, dois professores e cinco estudantes extensionistas, oriundos dos cursos de Comunicação e Pedagogia.

A proposta do projeto, para além da leitura literária, encontra-se no movimento das leituras de mundo. Nesse sentido, ousamos reconhecer e privilegiar as possíveis manifestações culturais dos indivíduos, em suas mais diversas áreas. Nosso trabalho visa apresentar as temáticas trazidas por palestrantes convidados nos mais diversos segmentos educacionais, desde a educação infantil, espaços não formais de saber, até

a universidade, promovendo amplos debates que circundam a educação e suas diversas interpretações e contextos. Com a experiência advinda de nossas atuações, conseguimos nos aproximar de âmbitos artísticos, literários e redes de sociabilidades dentro do ambiente universitário e escolar.

Durante o ano de 2019 promovemos nove eventos ao todo, sendo oito na UFRJ e um deles em uma escola pública. Em relação aos convidados, dois desses eventos foram coordenados por estudantes. Recebemos uma convidada externa da UFRJ, escritora de livros infanto-juvenis e os demais eventos foram coordenados por professores da casa.

Nosso público foi bem variado, em um dos eventos conseguimos trazer trinta estudantes de uma escola de ensino médio, atingindo o objetivo que tínhamos traçado para o ano de trazer ao menos uma escola para UFRJ. Da nossa experiência de 2019, organizamos esta compilação dos eventos em forma de e-book, contendo a textualização dos encontros dos convidados que aceitaram produzir o texto e as narrativas dos extensionistas sobre as suas vivências no projeto.

1) A extensão e a formação dos estudantes

Podemos partir de uma definição conceitual de Freire (1980) sobre a extensão e o que esse projeto significa para todos os envolvidos. O autor defendeu a extensão como uma situação educativa, em que educadores e educandos assumem o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto que desejam conhecer. Nos lançarmos neste projeto significou o desafio de formar em um ambiente dialógico que está presente desde as bases de sua constituição.

O princípio básico para que a universidade passe a cumprir o seu papel de agência formadora, segundo Santos (2004), é ter uma inspiração fundamental da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. A perspectiva de um conhecimento “pluriversitário” não beneficia apenas as comunidades que têm seus saberes levados em conta, mas renova a própria universidade.

Envolver a comunidade universitária em ações de extensão renovam nossos espaços de saber e demonstram na prática nosso desejo de construir um espaço acadêmico plural em que todos têm vez e voz. Os ganhos da extensão são os resultados do que se produziu no coletivo, ou o que essa vivência produziu em cada um dos sujeitos participantes de forma subjetiva.

Temos relatos das avaliações dos eventos em que as pessoas da plateia relataram ser a primeira vez que entravam no espaço universitário. Outros que falaram que a partir do evento iriam frequentar a biblioteca do CFCH, pois não sabiam que poderiam utilizar.

A extensão é um espaço vivo e dinâmico, que permite a interlocução de vários sujeitos e várias áreas de produção de conhecimento. O Projeto Compartilhando Leituras é um espaço que potencializa esses encontros para pensarmos e recriarmos uma universidade mais criativa e mais comprometida com a realidade que estamos inseridos.

Ainda quando desenhávamos o projeto foi preciso pensar a universidade a partir de seus objetivos básicos, como: a formação profissional, a obrigação de gerar novos conhecimentos, o estímulo a curiosidade e a disseminação do trabalho acadêmico. A extensão universitária se insere nesse contexto, quando apresenta a conceituação (teoria) e integrada à prática que direciona o pensar e o fazer na universidade.

Freire (1980) sustenta que a extensão já foi vista como um momento autoritário da universidade, que desconhecia a cultura e o saber popular, se mostrando como detentora de um saber absoluto e superior. Freire (1980) propõe algo inovador, um entendimento da extensão universitária como uma ação cultural, que além de conhecimento, possa ser também ação social transformadora. Foi com este novo entendimento da extensão, somado ao propósito ético-político que buscamos interagir e fazer uma extensão para além dos muros e para dentro da universidade.

Um momento marcante para o projeto foi o evento sobre a trajetória dos estudantes trans na universidade, conduzido por dois estudantes do curso de Pedagogia que vivem na pele essa experiência de ser trans em um ambiente acadêmico. Participar do diálogo que travaram com o público, mostrou a realidade de uma universidade que precisa dar espaço para que os coletivos garantam os seus direitos e possam ser ouvidos e respeitados.

2) A experiência vivida e os novos desafios de formar e formar-se

Segundo Freire (1997, p. 32): “sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino”. A experiência vivenciada corrobora com este pensamento, pois através dos encontros de planejamento e execução, tivemos momentos de envolvimento, participação e muito aprendizado pelas trocas que a todo tempo aconteciam.

A sugestão de ocupar o espaço de convidado pelos estudantes partiu de nossos extensionistas (estudantes também) e foi acolhida pelo coletivo. Tivemos dois eventos, um na universidade e outro em uma escola pública conduzido por estudantes do curso de Pedagogia da UFRJ.

Outro destaque foi a vinda de uma turma de ensino médio em um evento sobre literatura infantil. Foram os estudantes os protagonistas dessas ações dentro do

projeto, sua mobilização contribuiu para fortalecer as diferentes vozes e permitir a interlocução de diferentes atores no espaço universitário, cruciais para o bom andamento do projeto. Os estudantes de ensino médio participaram de um acolhimento proposto pela equipe da Biblioteca do CFCH, visitaram o Palácio Universitário além da participação no evento do dia. Oferecer a esses jovens a oportunidade de estar no espaço universitário pode favorecer o desejo de continuarem suas trajetórias educacionais, algo que foi relatado pela professora e pelos jovens na avaliação do evento.

Nossos extensionistas tiveram encontros formativos de equipe, com destaque para a formação sobre “A escrita na imprensa”, que o jornalista do CFCH ministrou para o grupo. Essa atividade em formato de oficina, favoreceu o exercício de uma escrita diferente da escrita que estão acostumados no ambiente acadêmico.

A medida em que o projeto estava sendo executado, os desafios afloravam, e cada atitude viabilizava a construção de uma aprendizagem concreta. Quanto mais instigávamos para o desenvolvimento da curiosidade, mais se tornava nítido a importância do protagonismo dos estudantes. Foi essencial que se reconhecessem como pertencentes ao grupo, responsáveis diretos pelas práticas que estavam desenvolvendo, e assim, aprimorassem o conhecimento e a própria aprendizagem.

Por duas vezes tivemos o texto escrito pós evento divulgado no portal da UFRJ, que é o espaço virtual de maior visibilidade da universidade. Os estudantes perceberam concretamente o resultado de seus esforços dentro do projeto, o texto precisava ser reescrito muitas vezes, o designer precisava de muitos ajustes e assim aprendemos coletivamente.

O uso das novas tecnologias foi uma constante em todas as etapas de preparação do evento. Os estudantes produziram um vídeo que apresenta o projeto, foram os responsáveis por todo desenvolvimento da identidade visual do Projeto de extensão Compartilhando Leituras. O uso de plataformas e aplicativos para desenvolver cartazes, certificados e materiais de divulgação fez parte da formação que envolveu professores e técnicos, que aprenderam com os extensionistas.

Para que o projeto fosse executado com excelência, nos preocupamos em fomentar na equipe um espírito de comprometimento com o papel que cada um iria desenvolver. O projeto nos ensinou que além da colaboração mútua, a harmonia que já se destacava nas reuniões semanais, foi essencial para que a equipe conseguisse ser paciente e resoluta. Podemos dizer que perseguimos uma boa comunicação e um diálogo contínuo, nos quais discussões intensas, às vezes com divergências técnicas, foram não só acolhidas como esperadas e assim conseguimos conduzir de maneira respeitosa para uma solução conjunta, o que se destaca como um ponto forte do projeto.

Considerações

Ao iniciar o projeto, não imaginávamos o quão este se revelaria enriquecedor, produtivo e reflexivo. Nos rendeu as mais provocativas e ricas situações que promoveram crescimento profissional e acadêmico. Já atingimos o patamar esperado de sermos procurados por pessoas ou grupos que desejam compartilhar uma leitura literária ou de mundo. Já realizamos dois eventos cujos convidados foram pessoas que nos enviaram mensagens desejosas em participar.

Freire (1980) nos alerta que o estudante passivo, mero receptor de informações, num espaço escolar em que o saber não circula, precisa ser transformado. A mudança de postura, tanto para os estudantes, quanto para o profissional que atua junto a eles, faz toda a diferença no produto final.

O projeto de extensão Compartilhando Leituras atentou para não reproduzir este perfil. Com este princípio de que todos são sujeitos, que conseguimos que estudantes assumissem uma postura prática, mais ativa e mais consciente do seu papel dentro do processo de ensinar e do aprender. Sustentados por ideais freireanos, nos guiamos na condução de um processo que garantisse a autonomia de cada membro do grupo e um aprendizado constante.

Em nossas avaliações de eventos solicitamos que os participantes comentassem sobre o motivo pelo qual decidiu ir ao evento. Nos chamou muito a atenção quando escreveram que desejavam entrar no espaço universitário e a chamada para um evento sem qualquer restrição e ainda com oferecimento de certificado foi o que esperavam. Festejamos essas falas e aproveitamos sempre para confrontar com a experiência de vida de cada um dos extensionistas, que também perceberam o quanto a universidade deve provocar essa sensação de pertencimento na comunidade em geral e nos estudantes de ensino médio, nossos futuros universitários.

Um processo de construção e execução de um projeto como o Compartilhando Leituras, nos desafiou em cada etapa, a destacável cooperação entre os atores envolvidos, a disponibilidade para aprender e trocar conhecimento, ultrapassa os limites do campus universitário, e sustentados pela nossa visão de mundo, podemos afirmar que vai de encontro a construção de uma sociedade que tanto almejamos: solidária, dialógica, justa e igualitária.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

SANTOS, Boaventura Sousa. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo: Cortez, 2004.

AS LEITURAS

compartilhadas

Júlio César de William Shakespeare: alguns elementos introdutórios

por William Soares dos Santos

***Júlio César* de William Shakespeare: alguns elementos introdutórios**

William Soares dos Santos

Introdução

É muito provável que, ao lado de *Romeu & Julieta* e *Hamlet*, *Júlio César* seja uma das peças mais conhecidas de William Shakespeare (1564-1616). Alguns elementos da peça contribuem para esse fenômeno. Em primeiro lugar, ela se passa na Antiga Roma, o que colabora para o seu fascínio. Em segundo lugar, ela é uma peça que tem uma ação relativamente rápida e, em terceiro lugar, porque fala de temas tão caros e ainda presentes nas relações humanas, como política, amizade e traição. A lista não para por aí. Podemos acrescentar que os diálogos que Shakespeare criou para os personagens são muito marcantes. Por se tratar de pessoas que existiram e de ações que, realmente aconteceram, depois de conhecermos a peça, fica difícil dissociar as figuras de Júlio César, Marco Antônio e Brutus dos diálogos e da condução das ações tais como se apresentam em seu interior. Mesmo para aqueles que não leram ou a assistiram, mas que viram filmes baseados em sua história, é importante perceber que praticamente todas as produções cinematográficas existentes têm por base a peça e os diálogos elaborados por Shakespeare, que, quando não aparecem integralmente, são, minimamente, adaptados de sua obra. Dentre os trechos mais conhecidos, não podemos deixar de citar o discurso de Marco Antônio no funeral de César, que é analisado até hoje como exemplo de retórica de sucesso. Por esses e outros elementos, *Júlio César* de William Shakespeare é uma obra que tem sido lida, encenada e estudada com bastante frequência e ainda nos dias de hoje.

Não pretendo realizar uma introdução tradicional da peça. Muitos autores já fizeram isso muito melhor do que eu poderia fazer no espaço reduzido que tenho aqui. Para os leitores interessados, recomendo os ótimos textos introdutórios de Norman Sanders (1967) para a edição da Penguin Books e de David Daniel (1998) para a edição da coleção *Arden Shakespeare – Third Series*.

O que farei é tão somente apontar alguns elementos de interesse na peça. Tentarei seguir o caminho que tracei em minha palestra realizada a convite da decania do CFCH no dia 27 de março de 2019 no âmbito do projeto “Compartilhando leituras”. Como a minha fala, naquela ocasião, não foi escrita nem

gravada, não sei se conseguirei me remeter a todos os aspectos desenvolvidos naquele dia, mas procurarei fazer o melhor possível. O meu principal objetivo com este texto é que os leitores não familiarizados com a peça se sintam motivados a realizarem as suas próprias leituras e aqueles que já tenham tido contato com a mesma renovem as suas leituras, encetando novas descobertas dentro desta obra em particular, e que, de forma mais ampla, possam ser motivados a descobrirem outras obras de William Shakespeare.

Shakespeare e a educação

Em primeiro lugar, uma vez que sou professor da Faculdade de Educação (atuando também na pós-graduação de Linguística Aplicada da Faculdade de Letras), e algumas pessoas me perguntarem o porquê de eu falar constantemente de literatura e de Shakespeare, em particular, é necessário que eu faça uma defesa do estudo da literatura como elemento fundamental na área de Educação. E quando falo de literatura, eu compreendo a literatura brasileira e, também, aquela literatura universal que já se mostrou de relevo. Gostaria de passar adiante ao tratamento da peça de Shakespeare, mas terei de me deter nessa defesa, uma vez que considero que seja ainda muito pouco compreendida e estudada a questão das relações entre a literatura e a educação e, ao menos em minha experiência, percebo que essa relação é muito mal construída nas esferas da academia no Brasil, o que é uma pena, pois ambas as esferas (a da educação e a dos estudos literários) ganhariam mutuamente. Dante, Shakespeare, Cervantes, Molière, Machado de Assis, Lima Barreto, Carolina de Jesus e outros grandes ícones da literatura universal deveriam encontrar mais espaço na Faculdade de Educação, bem como em nossas escolas porque, antes de tudo, como postulou, sabiamente, Antonio Candido (2004), a literatura não é um luxo, mas um direito básico do ser humano, pois a ficção/fabulação atua no caráter e na formação dos sujeitos, ou em suas próprias palavras:

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (p. 113)

Essa relação entre Educação e Literatura já é bem equilibrada e trabalhada em academias pelo mundo, como acontece, por exemplo, na Faculdade de Educação da Universidade de Cambridge, onde estudos literários, particularmente, sobre Shakespeare e seus contemporâneos, são desenvolvidos em sua Faculdade de Educação, como pode ser comprovado pelas chamadas abaixo, encontradas no site de sua Faculdade de Educação.

UNIVERSITY OF CAMBRIDGE

Study at Cambridge

About the University

Research at Cambridge

Quick Links

Search

Departments A-Z / Faculty of Education / Events / Conferences / Past Conferences / Shakespeare: Sources and Adaptation

Faculty Staff List | Contact Us

The Faculty of Education

Home About Study with Us Research Centres & Networks People News Events Library Services educ NET

Faculty of Education

Events

Conferences

Past Conferences

Shakespeare: Sources and Adaptation

Conferences

Special Events

Open Research Seminar Calendar

Media

Shakespeare: Sources and Adaptation

Shakespeare: Sources and Adaptation

9 - 11th September 2011

Conference flyer and website

In September 2011 the Cambridge University Faculty of Education, in association with the Cambridge University Faculty of English, The Marlowe Society and the Association of Adaptation Studies will host an interdisciplinary three day conference entitled 'Shakespeare: Sources and Adaptation'.

The conference will explore some of the classical and vernacular drama and poetry and the historical sources that inspired Shakespeare's work, and the work – literary, artistic, musical and filmic – that has in turn been influenced by Shakespeare's plays.

This event seeks to unite theatre practitioners, academics, teachers, students and Shakespeare enthusiasts in a series of lectures, workshops, seminars, rehearsed readings and performances. It is hoped that the theme will encourage participants from a range of disciplines – English, Drama, Education, Music, Modern Languages, Classics, History, Art and Film.

Speakers include: Carol Ann Duffy, Michael Rosen, Professor Helen Cooper, Professor Graham Holderness, Professor Stuart Sillars, actress Imogen Stubbs and directors Rupert Guld and Sir Trevor Nunn (subject to other commitments).

The conference will include an exhibition of painting and poetry inspired by Shakespeare by artist Tom de Freston and poet Kiran Millwood-Hargrave. There will also be a display of paintings and poetry by students from local Cambridge schools, with whom Tom and Kiran will run a series of workshops.

About

Map & How To Reach Us

Study with Us

Undergraduate Study

PGCE Study

Graduate Study

Practitioner Professional Development

Research

Research Areas

Open Research Seminars

Working Paper Series

Research Projects

Academic Groups

Publications

Centres & Networks

Services

IT Service

AV Support Service

External Bookings

People

Library

Connect with us

Twitter

Facebook

Youtube

Our Address

184 Hills Road,

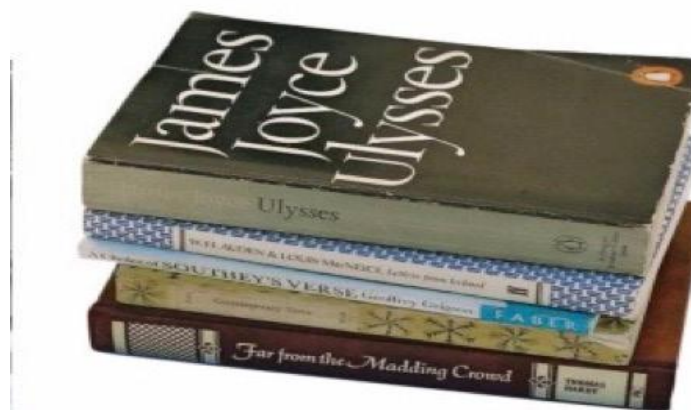
Cambridge, CB2 8PQ, UK

+44 (0)1223 767600

Map & How to Reach Us

Back To Top

Chamada de evento sobre Shakespeare na página da Faculdade de Educação de Cambridge.



Education with English and Drama (UCAS code X3W4 BA/EED)


The English and Drama Papers are taught by the Faculty of Education with further English papers offered by the Faculty of English. The English and Drama course aims to extend your knowledge and experience in two main inter-related areas: the development of dramatic literature in its historical contexts and the practice of drama production, including theatre skills and dramatic writing.

In the first year (Prelim to Part I), you will study Literature, Drama, Film and Drama Production.

In your second year (Part I), you can study two or three papers from courses taught in the Faculty of Education (Film, Culture and Identity; Shakespeare and Renaissance Drama; Drama

Brochura da Faculdade de Educação de Cambridge em que apresenta o seu curso de Educação com literatura inglesa.

A primeira chamada se refere a um evento de Estudos Shakespearianos e a outra, encontrada na parte de apresentação em brochuras sobre os seus cursos, refere-se ao curso, dentro da Faculdade de Educação, em que o estudante sai formado em educador de literatura inglesa. Por fim, trago abaixo o curso da Universidade de Birmingham em que é oferecido o curso de “Shakespeare e Educação” em sua pós-graduação.




UNIVERSITY OF
BIRMINGHAM

Teaching excellence Alumni Work here Events Visit

UK
Dubai

Study Research International Business News About us



Home > Postgraduate > Postgraduate courses > Postgraduate taught degrees > Shakespeare and Education MA (on campus or by distance learning)

MA Shakespeare and Education (on campus or by distance learning)

Course fact file

Course Type

Postgraduate, Continuing professional development, Distance learning, Taught

Duration

1 year full-time, 2-3 years part-time

Fees and funding

We charge an annual tuition fee.
Fees for 2019/20:
UK/EU: £9,250 full-time
International: £17,910 full-time
Part-time/distance: £1,028 per 20 credits
[More details.](#)

Contact details

Telephone

+44 (0)121 414 9500

Email

shakespeare@bham.ac.uk

Department

[The Shakespeare Institute](#)

Facebook

[shakespeareinstitute](#)

Twitter

[shakesinstitute](#)


Order a prospectus


Open day bookings

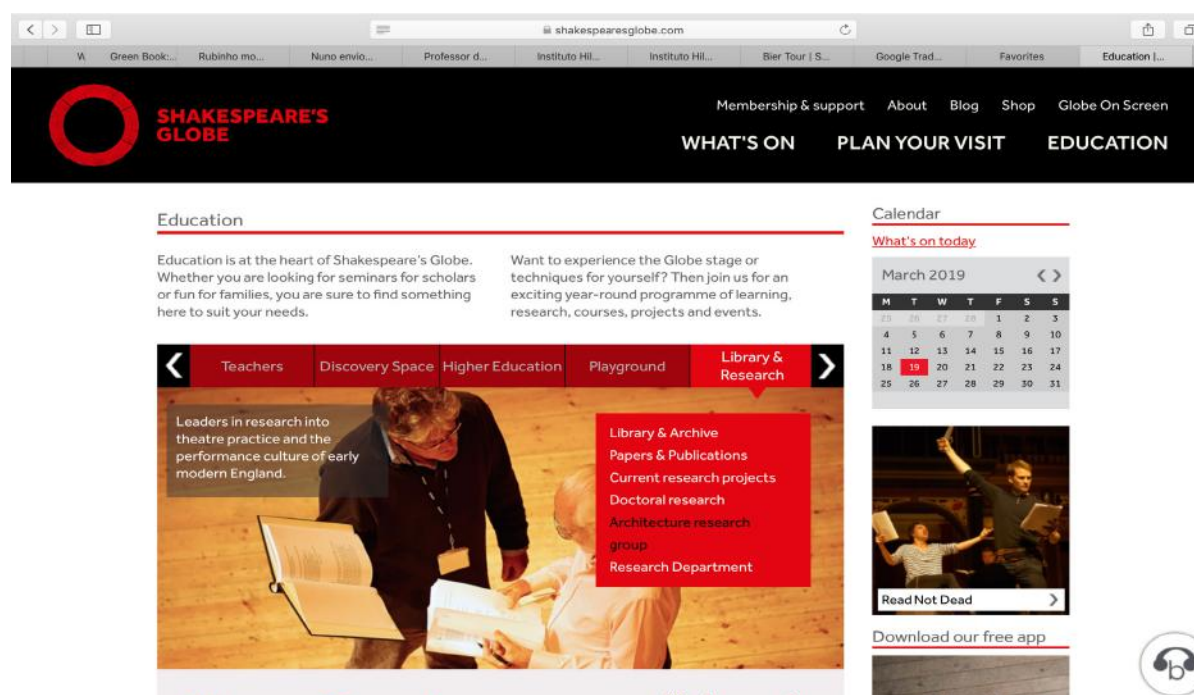

Got any questions?


Apply for this course

Chamada de curso de pós-graduação em Shakespeare e Educação.

Em todos esses casos, insisto, é a Faculdade de Educação que é a responsável pelos cursos e, em muitos casos, os cursos de Linguística Aplicada, que tratam bastante sobre ensino de línguas, entre outros tópicos correlatos à Educação, estão alocados, não nas Faculdades de Letras, como geralmente acontece no Brasil, mas nas Faculdades de Educação, o que comumente ocorre na Inglaterra e na Alemanha.

Outro caso de projeto educativo interessante (há muitos outros, mas me limitarei a apenas mais um exemplo) é o caso do teatro Globe, em Londres, que mesmo não sendo uma instituição, inicialmente fundada para o ensino, atualmente, além de sua enorme importância para a pesquisa e o desenvolvimento de peças teatrais da renascença, possui um importante departamento voltado à educação, preocupado com a formação do público leitor de obras literárias e frequentadores de teatro, como pode ser visto em uma das chamadas de seu site, que coloco abaixo, em que podemos ler em suas linhas iniciais a frase “Educação se encontra no coração do teatro Globe de Shakespeare”.



Site do Teatro Globe de Shakespeare.

Como se tudo isso não bastasse, falar de Shakespeare é falar de literatura e, também, de teatro. O brasileiro Augusto Boal (cf. BOAL, 1983) foi um dos dramaturgos que melhor exploraram e explicaram as potencialidades educacionais e políticas do teatro, tanto isso é verdade que na Itália, e em outros países, Boal é considerado um educador (cf. VITTORIA; VIGILANTE, 1993). O teatro, com as suas múltiplas possibilidades, pode ajudar o educador a promover reflexões e construção de saberes sobre o texto, sobre o corpo e ainda ativar a criatividade de seus alunos em vários níveis e aspectos.

São poucos os indícios, mas tenho esperança de que algumas compreensões estejam surgindo a respeito da relação entre literatura e educação, inclusive envolvendo trabalhos com a obra de Shakespeare. Dois exemplos disso é que no ano de 2018, dentro do Curso de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica – CESPEB, promovido pela Faculdade de Educação da UFRJ, eu orientei a estudante Letícia da Costa Grisolia, que defendeu a sua Monografia de conclusão de curso de aperfeiçoamento/especialização com o título “Leitura em sala de aula: uma experiência com Shakespeare no 8º ano”, em que ela relata a sua experiência de trabalhar com uma das peças de William Shakespeare em sala de aula de ensino de inglês, em uma escola pública da região metropolitana da cidade o Rio de Janeiro. Outro bom exemplo foi a defesa da tese de doutorado, no Programa de Pós-graduação em Educação – PPGE da Faculdade de Educação da UFRJ, em 2018, de Luzia Cunha Cruz, intitulada “Ética e Shakespeare: uma proposta de aprendizagem para o ensino médio”, realizada sob a orientação da Professora Dra. Maria Judith Sucupira da Costa Lins.

Conto com a generosidade dos leitores e leitoras a fim de me desculparem por essa preleção, espero que ela não tenha sido longa por demais, mas anseio que, em breve, eu não precise mais justificar a presença dos estudos literários na Faculdade de Educação todas as vezes que eu falar de literatura para um público, predominantemente interessado em temas que envolvam a Educação. Sempre parto do princípio de que Literatura é Educação (cf. RAIMONDI, 1998).

Continuemos a falar de *Júlio César*

A peça *Júlio César* foi escrita por William Shakespeare, muito provavelmente entre 1598 e 1599 e faz parte de um grupo de peças de Shakespeare convencionalmente conhecido por “peças/tragédias romanas”. Elas são assim definidas por terem enredos e personagens retirados da história e dos mitos romanos e, também, porque têm Roma como cenário (cf. SANTOS, 2020). Além de *Júlio César*, ainda fazem parte deste grupo as peças *Coriolano*, *Antônio & Cleópatra* e *Tito Andrônico*. Nos casos de *Júlio César*, *Antônio & Cleópatra* e *Coriolano*, Shakespeare teve como fonte principal o trabalho de Plutarco intitulado *The Lives of the Noble Grecians and Romans* (*As vidas dos nobres gregos e romanos*), na tradução (do francês) de Sir Thomas North, publicada em 1579 na Inglaterra.

Anacronismos

Ao escrever as peças romanas, Shakespeare inventa a sua própria Roma para o público elisabetano, já que suas fontes (principalmente Plutarco) não dão conta dos fatos que faziam parte da vida quotidiana dos romanos, uma vez que os leitores romanos a quem esses textos eram, inicialmente, destinados já estavam familiarizados com as convenções e particularidades do mundo em que viviam. Despossuído da atual perspectiva histórica, ao recriar o mundo romano, Shakespeare comete alguns anacronismos, fato comum à maioria dos dramaturgos de sua época (cf. CHAMBERS, 1930). No caso daqueles que aparecem em *Júlio César*, é admissível interpretá-los como parte do mecanismo dramático, mas, em grande parte dos casos, não se pode afirmar se eram intencionais ou não. Também não havia, nas montagens teatrais em geral, uma preocupação de se utilizar um figurino que representasse o modo de vestir romano. Os personagens eram representados, na maior parte das vezes, com roupas da Renascença que eram utilizadas, inclusive, para marcar o status social do personagem segundo a compreensão da plateia elisabetana. Assim, não se deve procurar nas peças romanas shakespearianas uma cópia fiel do universo roma-

no, mas o seu cerne, representado pelos fatores políticos e pelo comportamento de suas figuras históricas.

Personagens

Embora a lista seja um pouco extensa, antes que possamos abordar a sinopse da peça, acho que seja importante descrever os personagens que circulam nela para que tenhamos uma melhor dimensão de como eles agem:

Júlio César, um dos principais líderes da República Romana, é assassinado com o argumento de que ele desejava ter mais poder e, talvez, se tornar ditador do Império Romano. Conspiradores contra César: Marco Brutus, Cassius, Servílio Casca, Décimo Brutus, Cina, Metelo Cimber, Trebônio, Caio Ligário. Triúnviros (após a morte de César): César Augusto, Marco Antônio e Lépido. Tribunos: Flávio (Lúcio Cesécio Flávio), Marulo (Caio Epídio Marulo). Senadores: Cícero, Públio, Popílio Lenas (Caio Popílio Lenas). Cidadãos: Calpúrnia – esposa de César, Pórcia – esposa de Brutus, adivinho, Artemidoro – sofista de Cnidos, Cina (Hélvio Cina) – sapateiro, carpinteiro, poeta (que se crê seja baseado em Marco Favônio), Lucius – ajudante de Brutus. Leais a Brutus e Cassius: Volúmnio (Públio Volúmnio), Ticínio, Marco Pórcio Catão (filho de Catão, o Jovem) – irmão de Pórcia, Messala – mensageiro, Varro, Clito, Cláudio, Dardânio, Estrato, Estrato, Lucílio, Labeu (papel sem falas), Flávio (papel sem falas), Estacílio (papel sem falas), Píndaro – servo de Cassius. Outros: criado de César, criado de Antônio, criado de Otávio, mensageiro. Outros soldados, senadores, plebeus e criados.

Sinopse cena a cena:

Ato 1 Cena 1 – “Fazemos um feriado para ver César”

O povo de Roma enche as ruas em comemoração à vitória de Júlio César na batalha contra os filhos de Pompeu. Alguns membros do povo são repreendidos por dois tribunos - oficiais romanos cujo trabalho é representar as pessoas comuns da cidade - que os lembram que, no passado, eles haviam apoiado a Pompeu, e alertam que César tem se tornado poderoso demais.

Ato 1 Cena 2 – “Cuidado com os idos de março”

Em meio à procissão triunfante de César, ele é alertado por um adivinho que o adverte para ter “Cuidado com os idos de março” (o dia 15 daquele mês). César rejeita o aviso, observando que o homem delirava, e a procissão continua. Dois dos senadores, inicialmente aliados a César, Brutus e Cassius, ficam para trás e

discutem o poder cada vez maior de César. Depois sabemos que Marco Antônio ofereceu a coroa de louros a César três vezes e, a cada vez, apesar do encorajamento da multidão, César recusou, antes de cair numa crise epiléptica. Os três homens discutem a situação política e, quando deixado sozinho, Cassius anuncia que pretende derrubar César em favor de Brutus.

Ato 1 Cena 3 – “É uma hora estranhamente disposta”

Casca informa a Cícero sobre uma terrível tempestade que levou a cidade a um estado de caos: pessoas foram vistas na cidade com seus corpos em chamas; um leão foi avistado vagando pelas ruas; e corujas noturnas cantaram ao longo do dia. Cassius se une à dupla e interpreta esses eventos como presságios do que acontecerá se o Senado entregar a coroa a César no dia seguinte. Ele diz a Casca que está conspirando com outros nobres romanos para derrubar César. Cinna, um desses conspiradores, chega e Cassius lhe entrega uma carta para Brutus. Cassius e Casca decidem visitar Brutus e convencê-lo a se juntar ao grupo.

Ato 2 Cena 1 – “Vamos ser sacrificadores, mas não açougueiros”

É a noite antes dos idos de março - o dia em que César foi avisado. Sozinho, Brutus confessa que não conseguiu dormir desde que Cassius plantou em sua cabeça a semente da ideia da derrubada de César. Cassius chega com os outros conspiradores: Casca, Décio, Cinna, Metellus e Trebonius. Depois de resolvidos em matar César, Cassius sugere que Marco Antônio também deva ser morto, mas Brutus nega o pedido e demanda que os conspiradores se concentrem apenas na morte de César. Os conspiradores partem e se preparam para realizar sua trama. A esposa de Brutus, Portia, entra e pergunta ao marido sobre seu estranho comportamento, e ele promete contar a ela sobre seu plano. Brutus é então visitado por outro romano, Caio Ligarius, que concorda em se juntar à conspiração.

Ato 2 Cena 2 – “César sairá”

A esposa de César, Calpurnia, acorda assustada por ter tido um pesadelo que prenunciava o assassinato de seu marido e implora que ele não vá ao Senado. César reconhece seus medos, mas insiste que não pode deixar de sair. O servo de César traz uma predição de um sacerdote sobre o futuro de seu mestre: as profecias relatadas não são boas. Calpurnia implora a César para enviar Marco Antônio em seu lugar. César, inicialmente, concorda em enviar uma mensagem de que ele não está bem, mas Décio - um dos conspiradores - chega e convence César a não ser influenciado pelos pesadelos de sua esposa. Eles se juntam aos outros conspiradores, e César os convida para o vinho antes de partirem para o Senado.

Ato 2 Cena 3 – “Cuidado com Brutus”

Artemidoro entra com uma carta para César, contendo os nomes daqueles que conspiram contra ele. Ele promete garantir que César a receba a tempo.

Ato 2 Cena 4 – “César já foi ao Capitólio?”

Portia pede que seu servo Lúcio corra ao Senado e informe César sobre a situação.

Ato 3 Cena 1 – “Et tu, Brute?”

César chega e diz ao adivinho que os idos de março chegaram e o adivinho replica dizendo que eles ainda não acabaram. Artemidoro tenta entregar a carta a César, mas falha. Metelo aborda César com uma petição para reverter o banimento de seu irmão. César nega o pedido. Para sua surpresa, Brutus se junta à petição, junto com os outros conspiradores. Quando César se recusa novamente, eles o apunham.

Enquanto os conspiradores celebram, um servo de Marco Antônio chega, prometendo paz e solicitando que seu mestre seja autorizado a se encontrar com Brutus em segurança e ouvir sua justificativa do assassinato de César. Brutus concorda. Quando se encontram, eles combinam que Brutus e Antônio falarão com o povo para explicar a situação. Quando está sozinho, no entanto, Antônio jura vingança. Um servo de Otávio César chega, a quem Júlio César convidara para visitar o Capitólio. Antônio envia-lhe uma mensagem informando-o dos acontecimentos da manhã e aconselhando cautela.

Ato 3 Cena 2 – “Brutus é um homem honrado”

Brutus se dirige aos cidadãos, reconhecendo as virtudes de César, mas que tomou a atitude de eliminá-lo por causa da ambição de César e pelo bem de Roma. As pessoas, aparentemente convencidas, elogiam o bom senso de Brutus. Ele parte, insistindo que as pessoas fiquem para ouvir Antônio também. Depois que Brutus sai, Marco Antônio fala ao povo. Antônio inicia seu discurso elogiando Brutus e concordando que, se César era ambicioso, ele merecia seu destino. Ele diz repetidamente que “Brutus é um homem honrado”, embora à medida que o discurso avance, isso soe cada vez menos verdadeiro. Antônio lembra das boas obras de César, de sua empatia pelo povo e o fato de que César recusou a coroa três vezes: são essas as atitudes de um homem ambicioso? A multidão, convencida pela honestidade de Antônio, começa a duvidar das ações de Brutus. Apesar de fingir relutância a princípio, Antônio concorda em ler o testamento de César, no qual ele

deixou dinheiro para todos os cidadãos romanos e todas as suas propriedades para o público. As pessoas, agora enfurecidas com Brutus, prometem vingar César e matar os conspiradores. Ao ouvir sobre isso, Brutus e Cassius fogem de Roma.

Ato 3 Cena 3 – “Eu sou o poeta Cinna!”

Os plebeus enfurecidos encontram e assassinam brutalmente um poeta chamado Cinna, ao confundi-lo com o conspirador de mesmo nome.

Ato 4 Cena 1 – “Um companheiro de espírito estéril”

Antônio se encontra com Otávio e Lépido. Em particular, Antônio parece consideravelmente menos generoso do que quando se dirigiu ao público, ele pede a Lépido para buscar o testamento de César com o objetivo de reduzir o seu valor. Quando sozinho com Otávio, Antônio confessa que não deseja que Lépido governe ao lado deles: ele será uma presença útil na próxima batalha contra Brutus e Cassius, mas não mais.

Ato 4 Cena 2 – “Fale suavemente suas mágoas”

A relação entre Brutus e Cassius se deteriora: cada um sentindo-se ofendido pelo outro, eles se encontram em particular para discutir seus planos.

Ato 4 Cena 3 – “Teu espírito maligno”

Brutus e Cassius discutem vários pontos da administração militar. Os seus negócios são finalmente resolvidos, ambos culpando seus próprios temperamentos. Ao fim, a sua amizade é renovada. Brutus diz a Cassius que sua esposa, Portia, angustiada por sua ausência e com medo da ascensão de Antônio ao poder, se matou. Brutus e Cassius debatem como e quando encontrar o exército que se aproxima de Antônio. Quando Cassius se vai, Brutus é visitado pelo fantasma de César, que promete aparecer novamente na batalha contra o exército de Antônio. Uma vez que o fantasma partiu, Brutus manda dizer a Cassius para seguir adiante com suas tropas - ele seguirá logo em seguida.

Ato 5 Cena 1 – “Se nos encontrarmos novamente, vamos sorrir de fato”

Otávio informa a Antônio que o exército de Brutus e Cassius está marchando em direção a eles, em vez de esperar por sua chegada. Cassius e Brutus partem desejando bem um ao outro, mas reconhecendo que este pode ser seu último encontro.

Ato 5 Cena 2 – “Deixe-os definir imediatamente”

No meio da batalha, Brutus ordena a uma de suas legiões ataque as tropas de Otávio, que parecem estar enfraquecendo.

Ato 5 Cena 3 – “Ó Julius Caesar, tu és poderoso ainda”

Os soldados de Cassius estão desorientados. Vendo seus homens fugindo, Cassius mata seu próprio porta-estandarte com raiva. Seus homens culpam Brutus por dar uma ordem muito cedo, permitindo que as tropas de Antônio os cercassem. Percebendo que ele perdeu, Cassius ordena a seu servo Pindarus que o mate, oferecendo-lhe sua liberdade em troca, e Pindarus o mata. Messala entra com notícias melhores - os soldados de Brutus derrotaram Otávio, mas ele chegou tarde demais. Enquanto Messala vai encontrar Brutus, Titinius – partidário de Cassius, devastado devido a sua morte – se mata. Quando Brutus chega e vê os dois corpos, ele fica impressionado com o poder que o espírito de César continua exercendo sobre eles. Ele promete lutar.

Ato 5 Cena 4 – “Nenhum inimigo poderá dar vida ao nobre Brutus”

Alguns dos soldados de Brutus são capturados pelas tropas de Antônio.

Ato 5 Cena 5 – “Este foi o mais nobre romano de todos”

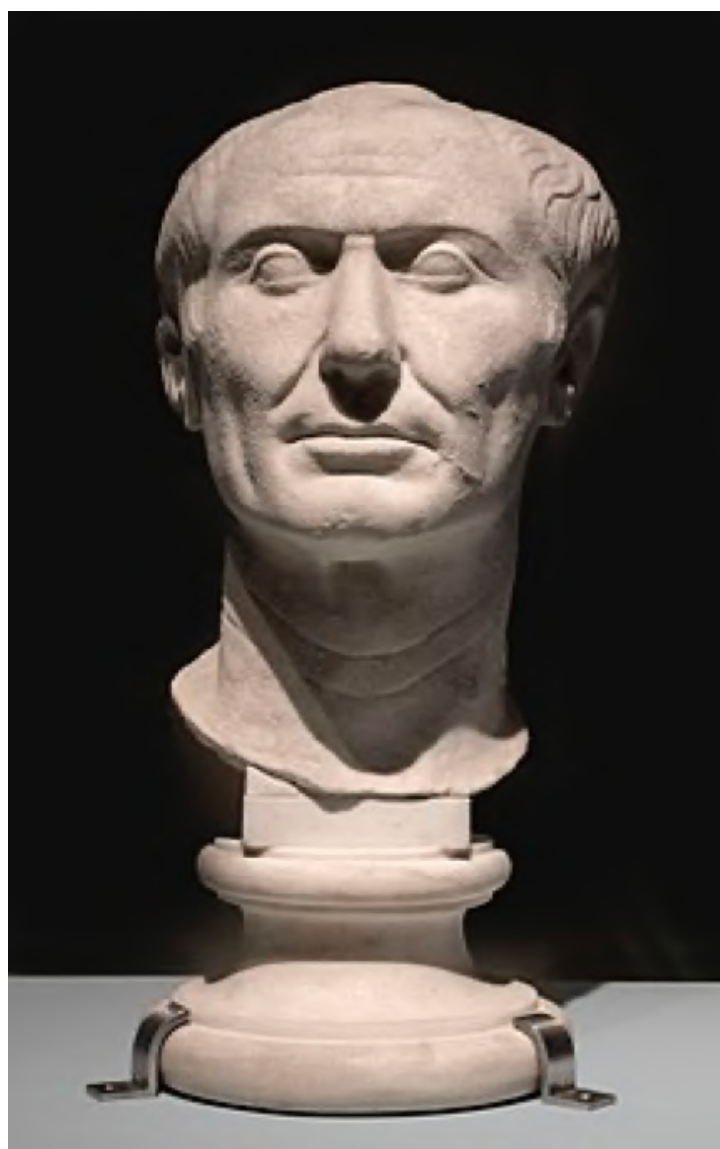
Brutus foi novamente visitado pelo fantasma de César e, com as tropas de Antônio se aproximando, ele pede a seus amigos para matá-lo. Todos eles o recusam, mas Brutus acaba convencendo um de seus seguidores a ajudá-lo, segurando uma espada para a qual Brutus corre, matando-se. Antônio, Otávio e seus seguidores chegam. Antônio presta homenagem a Brutus, acreditando que ele foi o único do grupo de conspiradores que fez o que achava certo, e ordena que o seu corpo seja enterrado com honra.

Algumas características importantes da peça

Embora tenha para si o título da peça e seja, indubitavelmente, o eixo que conduz a ação, dependendo da perspectiva, Júlio César pode não ser considerado o personagem central da peça. Shakespeare faz de Brutus o personagem que dá força motriz à trama, ao mostrá-lo como um ser humano que se consome por ambiguidades paralelas a de outro grande personagem seu: Hamlet, o príncipe da Dinamarca (em peça que seria escrita depois, em 1600).

Talvez uma das principais características da versão de Shakespeare é que ele nos leva a simpatizar, de uma forma ou de outra, com todos os personagens

principais, embora eles estejam em lados opostos. O que Shakespeare consegue com isso é nos mostrar que as situações políticas (e, portanto, humanas) são mais complexas do que uma simples luta do bem contra o mal poderia nos mostrar. Shakespeare nos leva ao envolvimento com as questões profundas da trama. Desse modo, a plateia não tem tempo de se envolver mais emocionalmente com um ou outro personagem. Há algumas inconsistências de tempo em sua estrutura, que podem ser explicadas porque Shakespeare se preocupa com a ação dramática e não com detalhes.

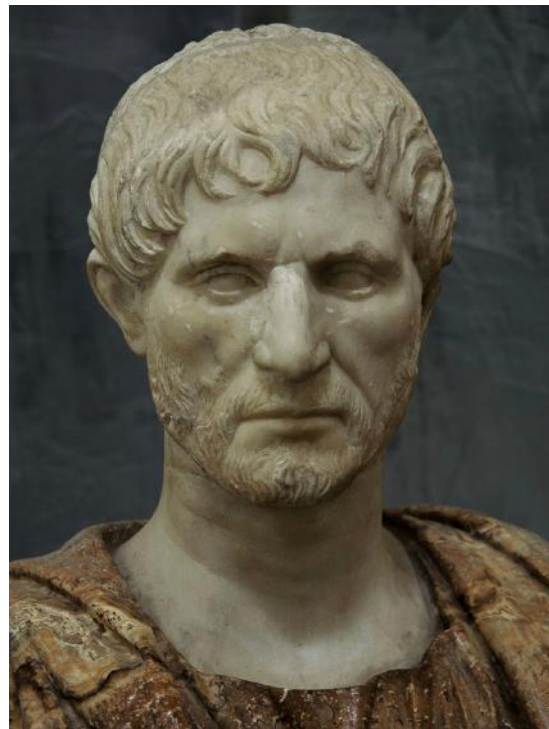


Gaius Julius Caesar (12 ou 13 de Julho de 10 a.C. - 44 a.C.)

O retrato de Tusculum é, provavelmente a única escultura de César feita durante a sua vida que tenha chegado até os dias de hoje.

Não podemos menosprezar o fato de Shakespeare intitular a peça *Júlio César*. Este personagem está no centro da atenção e da ação todo o tempo e é o seu assassinato que move tudo ao redor. Trata-se de um personagem cheio de contradições: é forte, mas é epilético e acometido por espasmos que o fazem perder os sentidos e desmaiar e, em outro momento, nos mostra que ele perdeu a audição de um dos ouvidos. Ele é o homem mais poderoso de Roma, mas tem medo, talvez como muitos que se veem no centro do poder. O fato de ele se lembrar do adivinho é muito peculiar e, ao mesmo tempo em que despreza a superstição de sua mulher,

é movido por esta mesma superstição. Na peça, o personagem de Júlio César é o retrato da *híbris* que acomete aos que tentam centralizar o poder. Isso se mostra quando ele é facilmente levado pela (falsa) interpretação do sonho de sua mulher, proposta por Décio Brutus, enquanto este alimenta a vaidade de César, mas no decorrer da trama ficamos sem saber se ele tinha a ambição desmesurada que teria levado ao seu trágico fim.



Lucius Junius Brutus.
Busto em mármore branco. Em torno do primeiro e início do segundo século, Nápoles.
Museu arqueológico nacional.

Brutus é o personagem mais fascinante da peça. É o que mais reluta em participar do complô, já que ele foi criado por César, que o considera um filho (daí uma das mais famosas frases da peça: “Até tu Brutus?”), mas é levado a participar da trama porque acredita que está fazendo um bem à República. Brutus é considerado por Antônio “o mais nobre de todos eles” porque sabe que, diferentemente dos outros conspiradores, Brutus busca o bem comum. No início da trama, Brutus aparece longe dos outros conspiradores, que são motivados por outros sentimentos, como a inveja, interesse próprio e desejo de vingança.

Por tudo isso, Brutus passa toda a peça sendo devorado pelo dilema moral, magnificamente expresso por Shakespeare nos solilóquios que constrói para o seu personagem e nas aparições que lhe faz o fantasma de Júlio César. O dilema de Brutus é ainda mais complexo quando Shakespeare nos faz perceber que ele foi enganado pelas artimanhas de Cassius. Ou quando nos faz questionar o valor da superioridade moral de Brutus, uma vez que ele é cego ao que está acontecendo, colocando em dúvida a validade de seus propósitos.

A cena final traz, também, a tragédia de Brutus à sua conclusão. Ele morre

nobrememente, como um verdadeiro romano, através de sua espada. Através de seu suicídio, Brutus reconhece a justiça de sua morte e, ao aceitá-la, tem o seu valor reconhecido pelos romanos.



Denarius (ano 45 a. C.) com a face de Gaius Cassius
Gaius Cassius Longinus (85 a. C - 42 a. C).

Cassius é a antítese de Brutus. Se este pensa no bem comum, Cassius parece ter inveja de César e quer vê-lo humilhado e destruído. É a inveja do amor de César por Brutus (I.ii. 305) que parece motivar Cassius a seduzir Brutus para o complô.

Quando descreve as fraquezas de César (I.ii.207), Cassius deixa revelar mais de si próprio do que de César. Shakespeare mostra Cassius em permanente desequilíbrio de humores. Algo não casual, tendo em vista a doutrina dos quatro *humores*, ainda presente na era elisabetana. Suas falas e atuações aparecem constantemente envolvidas no humor colérico (o que podemos hoje definir como distúrbios psicológicos), em meio à ira e constante criticismo. No entanto, a sua necessidade de se reconciliar com Brutus (IV.iii.104) antes da batalha contra as forças de Otávio e Antônio mostra que ele precisa do apoio emocional de seu amigo em uma das mais belas cenas da peça.



Busto de Marco Antônio, feito durante a dinastia dos Flávios (69 - 96 A.D.)
(Museu do Vaticano)

Em *Júlio César*, Antônio é um dos quatro personagens mais importantes e, sobre isso, devemos nos lembrar que, nesta obra, há dúvidas a respeito da existência de uma figura dramática central. Brutus é, na peça, o “*homo praeoccupatus*” (Honigmann, 1976, p. 32) e, assim, Antônio lhe serve de contraponto, uma vez que é descrito como o homem da boa vida, da jovialidade e da ação. Ele faz sua entrada na peça em uma atividade esportiva em homenagem ao próprio César nas festas lupercais e, através da fala do personagem Brutus, percebemos que a jovialidade é uma das principais marcas de Antônio: “Não sou jovial, careço desse espírito/ vivaz que há em Antônio (...)” (I.ii.136). César, ainda na mesma cena, irá enfatizar o gosto de Antônio pela música e pelo teatro em contraposição ao modo introspectivo de Cassius, “que lê muito./ É um grande observador e possui vista que devassa as razões dos nossos atos;/ não aprecia o teatro, como o fazes,/ Antônio, nem se apraz em ouvir música” (I.ii.140). No ato II, cena i, Brutus observa que Antônio “é dado aos prazeres e às loucuras, gostando de estar sempre acompanhado”. Mais adiante, César confirma a observação de Brutus dizendo que Antônio gosta de passar as noites em festas (II.ii.163).

No entanto, na peça *Júlio César*, Antônio, o esportista e o amante de festas e prazeres, surpreende ao se revelar um político hábil e um orador brilhante que desconstrói o discurso de Brutus (III.ii.179), fazendo com que o povo

se insurja contra os assassinos de César; e, mais tarde, ele também se apresenta como o grande general que vence as legiões dos seus inimigos (V.iii.205).

Dessa forma, o personagem de Antônio tem sua identidade reconstruída no decorrer da trama: se no início ele se mostra o fiel, mas frívolo amigo de César, que Brutus se nega a temer, depois da morte de César, ele passa a ser um homem orientado pela conquista do poder, frio e calculista. Antônio, como coloca Hirst (1971, p. 50), “experimentará a sensação de poder e será corrompido por ela de tal forma que transforma sua causa original de uma honrada vingança em uma campanha em proveito próprio”.

No final da peça temos a imagem de Antônio como sendo o ser masculino por excelência (cf. Santos, 2020): o amante dos esportes e das festas, o amigo devoto que vinga a morte de Júlio César, o orador hábil que supera a oratória de Brutus, o político oportunista e impiedoso que determina a morte de seus inimigos, o experiente general que comanda os seus exércitos na vitória contra os seus oponentes e um dos membros do triunvirato (com Otávio César e Lépido) que governa Roma.



Augusto (Prima Porta)
Otávio Augusto (63 a.C. - 14 A.D.)

Embora Antônio tenha em Augusto um magnífico aliado, logo percebe que ele será o seu oponente. Extremamente calculista, Otávio Augusto engana Antônio e faz o seu exército sobressair apenas para mostrar a força de seu poder. Essa mostra de força é algo que terá continuidade na trama de outra peça de Shakespeare em que Otávio se mostra muito competente em estabelecer o seu poder.

O Povo

Na peça *Júlio César*, o povo tem significância e força em sua ação. Shakespeare constrói os movimentos dos populares através de uma única motivação: a autoproteção. E, ainda que tenham a volta de um novo Lucius Tarquinius (o último rei de Roma, derrubado por uma revolução popular que estabeleceu a República em 509 a.C.), eles se prontificam a ouvir os dois lados da ação e mudam a sua escolha como melhor lhes convém. Na peça, o povo é tratado tanto como grupo de indivíduos como uma grande turba assassina. Shakespeare mostra o povo em sua ignorância, em sua violência, em sua falta de direção.

Quase todos os personagens centrais da ação têm dificuldade de ver o poder do povo. Júlio César os trata como crianças dependentes de sua elevada vontade e da sua superioridade como líder. Brutus subestima a força do povo e também a sua volatilidade. Apenas Antônio compreende como os populares pensam e agem e, desse modo, é capaz de manipulá-los de forma magistral para os seus próprios fins.

A peça abre com um grupo de cidadãos felizes em poder ter um feriado com a desculpa de participar da celebração do triunfo de César. O líder do grupo é um sapateiro, ágil em fazer piadas em uma conversa que o grupo tem com dois tribunos mal-humorados, os quais perguntam ao povo, como tendo adorado Pompeu, eles, agora, amam quem o matou.

Podemos afirmar que o momento da peça em que o povo tem seu momento de principal atuação é o da cena do grande fórum, na qual a oratória de Antônio derrota os propósitos descritos anteriormente por Brutus. No curso dessa cena, o povo é trabalhado de forma a pender rapidamente de um lado para, logo em seguida, ser levado para o outro lado. Inicialmente o povo é levado por Brutus a aceitar o motivo do assassinato de César, para, em seguida, ser inflamado emocionalmente pelo discurso de Antônio e explodir em violência.

Júlio César e algumas adaptações cinematográficas

As obras de Shakespeare são adaptadas à arte cinematográfica desde os seus primórdios. Algumas de suas peças contam mesmo com inúmeras adaptações (cf. FREITAS, 2017), e *Júlio César* não escapa a essa tendência, possuindo diferentes versões cinematográficas. Apenas listarei algumas delas para que os leitores curiosos busquem conhecê-las:

JULIUS CESAR. Direção: David Bradley. Estados Unidos: Brandon Films Inc, 1950.

JULIUS CESAR. Direção: Joseph L. Mankiewicz. Produção: John Houseman. Estados Unidos: Metro-Goldwyn-Mayer, 1953.

JULIUS CESAR. Direção: Stuart Burge. Produção: Peter Snell. Reino Unido: Commonwealth United Entertainment, 1970.

ROMA. Reino Unido; Estados Unidos: 2005-2007



Charlton Heston em *Júlio César* de David Bradley (1950)

A atualidade de Júlio César



Orson Welles interpreta Brutus no Mercury Theatre em Nova York, em 1937

Durante o século XX e, mesmo atualmente, várias peças de Shakespeare têm sido encenadas com cenários modernos. Em 1937, Orson Welles (que interpretou Brutus) levou aos palcos a peça de Shakespeare com um cenário que evocava os regimes de Mussolini e de Adolf Hitler, no Mercury Theatre, em Nova York. A peça, depois, foi encenada no National Theatre. Mais recentemente, em 2017, uma adaptação da peça, mostrando Júlio César com roupas características de Donald Trump, causou grande balbúrdia em Nova York, com manifestações contra a sua encenação por parte de apoiadores de Donald Trump e a defesa de sua encenação por apoiadores da liberdade de expressão. Em uma das apresentações, uma apoiadora de Trump invadiu o palco para agredir os atores e teve de ser retirada pela polícia. Isso mostra que Shakespeare atinge diretamente as plateias atuais porque consegue fazer retratar no palco dimensões do humano e da política que nos são muito próximas, fazendo inflamar diversas facetas de nossas emoções e racionalidades que dizem respeito a nós mesmos.



Reportagem do Jornal “The Guardian”, postada em sua página na web em 12 de junho de 2017, aborda os protestos contra a apresentação da peça *Júlio César* de Shakespeare.

Para levar para a sala de aula

A partir da leitura de *Júlio César*, são muitos os temas que podem ser explorados em sala de aula. A seguir sugiro apenas alguns, que podem e devem ser ampliados a partir dos objetivos e da experiência do educador com o tema a ser desenvolvido: o exercício do poder e seus limites. O exercício do poder entre alianças e traições. O sobrenatural (ou psicológico?) agindo na tomada de decisões do mundo cotidiano. Até onde vai o dever do cidadão para com o Estado? Conflitos entre interesses do povo e do Estado, que, em tese, deveriam ser um só. Mudança de opinião popular (ou a facilidade com que o povo é conduzido), etc.

Minhas últimas considerações

Júlio César continua sendo uma obra atual porque aborda, dentre outros elementos, o ser humano em seu aspecto político, algo central em nossas vidas até hoje (cf. HELIODORA, 1978). Ao mesmo tempo, trabalha com questões que se referem às idiossincrasias das personalidades de diferentes seres humanos e de como eles reagem ao peso de suas escolhas. Através das ações e de conflitos de grandes personagens da história da Roma antiga, podemos pensar os desafios que enfrentamos ainda nos dias de hoje.

A leitura que fiz aqui é muito superficial e tem como maior objetivo, como coloquei no começo, motivar os leitores a realizarem as suas próprias leituras da peça, algo que eu espero ter conseguido. Para finalizar, gostaria de traçar uma contextualização um pouco mais abrangente de elementos históricos ligados aos fatos descritos em *Júlio César* de Shakespeare. Começarei a me reportar a eventos que aconteceram há quase trezentos anos antes da pessoa Júlio César estar no poder em Roma, mas pretendo mostrar, brevemente, que eles se ligam à trama da peça.



Alexandre, o Grande (356 a.C. - 323 a.C.).

Alexandre III da Macedônia, ou Alexandre o Grande (Julho de 356 a.C. - Junho de 323 a.C.), herdeiro do antigo reino Grego da Macedônia, foi um gênio

militar que iniciou uma campanha de expansão territorial (aos vinte anos de idade) jamais antes vista na história da Europa e da Ásia. Alexandre conquista o Egito no ano 332 a.C., tendo sido, logo em seguida, recebido pela elite e pelo povo como um libertador. Os sacerdotes da antiga religião egípcia o declararam uma deidade, ou seja, um Deus vivo, filho do Deus Amon (Amun) no oráculo de Oásis de Siwa, no deserto da Líbia. A partir deste evento em diante, ele passa a ser considerado filho de Zeus-Ammon e, depois de sua morte, foi muito retratado em moedas com os chifres do carneiro, símbolo da divindade egípcia.

Durante a sua estadia no Egito, Alexandre fundou a cidade de Alexandria, que se tornaria, nos séculos que se seguiram, uma das mais prósperas cidades de toda a Antiguidade. Após a sua morte, em 323 a.C., o seu reino foi dividido entre seus generais. A parte do Egito foi destinada (depois de muitos conflitos) a Ptolomeu I Soter (O salvador), que fundou a dinastia dos Ptolomeus, que só terminaria com a morte de Cleópatra VII e a conquista Romana no ano 30 a.C.



Ptolomeu I Soter (367 a. C - 282 a. C).

Os Ptolomeus promoveram o sincretismo entre as culturas helênica e a egípcia e adotaram as tradições religiosas dos egípcios (particularmente os ritos de Osíris) para casar seus filhos com a elite local e para justificarem a sua ascensão e permanência no poder. Desse modo, os seus governantes eram entronados como deuses.

Cleópatra VII ascendeu ao trono egípcio aos dezoito anos, após a morte de

seu pai (Ptolomeu XII, Neos Dionysos). Ela reinou como rainha “philopator” e faraó com vários co-regentes masculinos do ano 51 a.C. até o ano 30 a.C., quando ela morreu, aos 39 anos. Nos seus últimos anos de vida, no entanto, ela é quem governava de fato, sob os auspícios do Império Romano.

A perda de poder dos Ptolomeus coincide com o avanço do poderio bélico da República Romana. Sem escolha frente a essa nova realidade (vendo cair cidade após cidade), os Ptolomeus escolheram se aliar aos Romanos. Durante o reinado dos últimos Ptolomeus, Roma ganhou cada vez mais poder sobre o Egito até ser declarada “guardiã” da Dinastia dos Ptolomeus.

Cleópatra VII herdou o trono com seu irmão mais novo, mas a relação entre eles logo se degenerou e seu poder e autoridade foram sendo minados pelos conselheiros de seu irmão, Ptolomeu XIII. Cleópatra decide, então, ir para o exílio e reunir um exército para retomar o seu poder. A fim de evitar uma guerra civil que prejudicaria Roma profundamente (uma vez que o Egito era um dos seus maiores fornecedores de grãos e de outras importantes mercadorias), Júlio César parte com um exército para o Egito no ano de 48 a.C.

A história conta que, em uma ocasião em que Júlio César estava no palácio de Alexandria, Cleópatra conseguiu ser levada até ele escondida dentro de um tapete carregado por um de seus leais servos. Tudo indica que César ficou impressionado com a inteligência daquela mulher de vinte e dois anos e resolveu apoiá-la.

No verão do ano 47 a.C., após terem derrotado o irmão de Cleópatra e resolvido a questão da guerra civil no Egito, Júlio César e Cleópatra partiram em uma viagem de dois meses ao longo do Nilo. Eles visitaram a cidade de Dendara, onde Cleópatra foi entronada como faraó e como uma deidade, filha de Osíris. A honra de ser uma deidade estava para além do alcance de Júlio César, mas, obviamente, essa experiência deve tê-lo impactado muito. Nesse ínterim, ele e Cleópatra se tornaram amantes, e ela concebeu um filho de César: Cesário, que foi reconhecido por ele.

No ano de 45 a.C., Cleópatra e Cesário partiram de Alexandria para Roma, onde Júlio César construiu um palácio para ela e o filho. No ano seguinte (44 a.C.), Júlio César foi assassinado em Roma por vários políticos no capitólio romano. Roma passa a ser governada pelo triunvirato composto por Otávio Augusto, Marco Antônio e Lépido. Cleópatra se envolve com Marco Antônio, de quem se torna ardorosa amante e com quem teve quatro filhos...

...mas isso é tema para a leitura de outra obra de Shakespeare:

Antônio & Cleópatra.

Referências bibliográficas

- BOAL, Augusto. *O teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.
- CHAMBERS, Edmund Kerchever. *William Shakespeare: A Study of Facts and Problems*. Oxford. Claredon Press, 1930.
- CANDIDO, Antonio. *O direitos à literatura*. In: *Vários Escritos*. São Paulo / Rio de Janeiro: Duas Cidades / Ouro sobre Azul, 2004.
- CRUZ, Luzia Cunha. *Ética e Shakespeare: uma proposta de aprendizagem para o ensino médio*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2018.
- DANIEL, David. *Introduction*. In: SHAKESPEARE, William. *Julius Caesar*. The Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 1998.
- HELIODORA, Bárbara. *A expressão dramática do Homem político em Shakespeare*. São Paulo: Paz e Terra, 1978.
- HONIGMANN. E.A.J. *Shakespeare - Seven tragedies. The dramatists Manipulation of response*. Nova York: Macmillan, 1976.
- FREITAS, Élvio Pereira Cotrim de. *Shakespeare no cinema: (re) configurações das figuras femininas demoníacas em Macbeth*. In: SANTOS, William Soares dos. *Uma vida com Shakespeare - estudos shakespearianos em homenagem a Marlene Soares dos Santos*. Rio de Janeiro: Carta Capital, 2017.
- GREER, Germaine. *Shakespeare*. Jorge Zahar Editor, 1986.
- MEDEIROS, Fernanda Teixeira de. *Até que a morte nos una: três casais trágicos shakespearianos*. In: SANTOS, William Soares dos. *Uma vida com Shakespeare - estudos shakespearianos em homenagem a Marlene Soares dos Santos*. Rio de Janeiro: Carta Capital, 2017.
- RAIMONDI, Ezio. *Letteratura e identità nazionale*. Milano: Bruno Mondadori, 1998.
- ROSENTHAL, Daniel. *100 Shakespeare films*. BFI Screen Guides: The British Film Institute, 2007.
- SANDERS, Norman. *Introduction*. In: SHAKESPEARE, William. *Julius Caesar*. London: Penguin Books, 1967.
- SANTOS, Marlene Soares dos. *O teatro elisabetano*. In: NUÑEZ, Carlinda Fragale P. et al. *O teatro através da história*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil / Entourage Produções, 1994, p. 69-97.
- SANTOS, Marlene Soares dos & LEÃO, Liana de Camargo. *Shakespeare, sua época e sua obra*. Curitiba: Editora Beatrice, 2006.
- SANTOS, Marlene Soares dos. *Shakespeare: criador e criatura*. *Revista Matraca*, Rio de Janeiro, v.27, n.49, p.189-209, jan./abr. 2020.

SANTOS, William Soares dos. *Uma vida com Shakespeare - estudos shakespearianos em homenagem a Marlene Soares dos Santos*. Rio de Janeiro: Carta Capital, 2017.

SANTOS, William Soares dos. *Identidades masculinas em Coriolano e Antônio e Cleópatra de William Shakespeare*. São Paulo: Editora Amavisse, 2020

VITTORIA, Paolo & MAZZINI, Roberto. *Augusto Boal: o teatro para a libertação*. In: VITTORIA, Paolo & VIGILANTE, Antonio. *Pedagogias da libertação – Estudos sobre Freire, Boal, Capitini & Dolci*. Tradução de William Soares dos Santos. Rio de Janeiro: FAPERJ / Quartet, 2013.

Cora Coralina: “No tarde da vida: recriar e poetizar”

por Marta Lima de Souza

Cora Coralina - “No tarde da vida: recriar e poetizar”

Marta Lima de Souza

Resumo

O texto faz itinerário poético em duas obras de Cora Coralina. Nas poesias, revelam-se a poeta, a cidade, a escola, a professora Silvina e as questões em relação ao gênero e à velhice. Nas considerações, destacamos o quanto a poesia ensina-nos e contribui para a discussão do feminino e da velhice.

Palavras-chave: Cora Coralina; poesia; mulher, velhice.

Introdução

Primeiramente, ressaltamos a importância do projeto de extensão “Compartilhando Leituras 2019”, uma realização da Decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH da Universidade Federal do Rio de Janeiro com a intenção de aproximar a leitura e os/as autores/as de servidores, estudantes e público em geral.

O objetivo deste texto¹ é fazer um breve itinerário poético a partir de duas obras de Cora Coralina, a saber: *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* - PBG (2014) e *Vintém de cobre – meias confissões de Aninha* - VC (2013). Cabe destacar o meu lugar de fala, pois não sou especialista tampouco estudiosa da obra de Cora, e sim uma leitora apaixonada e curiosa, portanto, é deste lugar que falo.

Neste caminho poético de Cora Coralina vamos tratar, ainda que resumidamente, de como a poeta reinventa-se; da cidade onde nasceu, da escola, da mestra Silvina, das publicações focalizadas, das questões de gênero, da velhice e das agruras da vida até a publicação do primeiro livro.

¹ Esse texto é uma versão ampliada da palestra Cora Coralina – “no tarde da vida: recriar e poetizar” proferida no projeto de extensão “Compartilhando Leituras 2019” em 24 de abril de 2019, no auditório da Decania do CFCH/UFRJ.

Cora Coralina: a cidade, a escola, a professora e a mulher - a inventora de si mesma

Cora Coralina convida-nos a entrar em seus becos interiores e nos becos de sua Goiás Velha ao apresentar-nos a cidade no poema² Minha Cidade (p.34, 2014):

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.
Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação.
(...)
Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras:
Bravias.
Renitentes.
Indomáveis.
Cortadas.
Maltratadas.
Pisadas.
E renascendo.
Eu sou a dureza desses morros,
revestidos,

² Não faremos distinção entre poema e poesia, conforme aparecem na obra de Cora Coralina.

enflorados,
lascados a machado,
lanhados, lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Calcinados
e renascidos.
Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.
Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

Cora Coralina (ou Aninha) autodenominava-se “a menina feia da ponte da Lapa”, a sua história é tecida junto à da cidade como “(...) o caule das trepadeiras sem classe”, aquelas “renitentes”, “indomáveis”, que mesmo maltratadas vão renascendo, assim vai apresentando-nos a si mesma, a cidade e a casa velha da ponte do Rio Vermelho em Goiás Velho/GO onde nasceu e mudou-se, retornando-a para viver até a sua morte em 1985.

Nascida na “frincha das pedras bravias” em 20 de agosto de 1889 como Ana Lins dos Guimarães Peixoto, um pouco antes da Proclamação da República no século XIX, era filha de Jacintha Luiza do Couto Brandão Peixoto e Francisco de Paula Lins dos Guimarães. Seu nome foi uma homenagem à Sant’Anna, a padroeira da cidade, como acontecia com a maior parte das meninas daquele período. Desse modo, quando começou a escrever nos jornais da cidade, ela teve a oportunidade de criar um pseudônimo, visto que queira diferenciar-se de tantas Anas, inventando a si mesma e renascendo como Cora Coralina.

Para contrariar os desejos de sua mãe de um filho homem, Cora foi a terceira filha mulher (depois houve uma quarta filha do segundo casamento) e, enquanto nascia, seu pai morria aos poucos de grave doença, como destaca no poema Minha Infância (p.168, 2014):

Éramos quatro as filhas de minha mãe.
Entre elas ocupei sempre o pior lugar.
Duas me precederam – eram lindas, mimadas.
Devia ser a última, no entanto,
veio outra que ficou sendo a caçula.
Quando nasci, meu velho Pai agonizava,
logo após morria.
Cresci filha sem pai,
secundária na turma das irmãs.
Eu era triste, nervosa e feia.
Amarela, de rosto empalamado.
De pernas moles, caindo à toa.
Os que assim me viam – diziam:
“- Essa menina é o retrato vivo
do velho pai doente”.(...) (p.168, 2014)

A menina (“sem carinho de mãe, sem proteção de pai [...] - melhor fora não ter nascido”, p.132, 2014) aprendeu a ler e a escrever na escola, na sala de aula de Mestra Silvina, conforme A escola da Mestra Silvina (p.61, 2014):

Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.
Repartida em dois períodos
para a mesma meninada,
das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal — sempre havia
distribuídos
alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado a uma geração
antes da minha.

A gente chegava “— Bença, Mestra.”
Sentava em bancos compridos,
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.

(...) Minha escola da Mestra Silvina...
Silvina Ermelinda Xavier de Brito.
Era todo o nome dela. (...)” (p.61, 2014)

A escola não era obrigatória nem era para meninas, entretanto, deixou marcas na poeta por meio da Mestra Silvina lembrada em vários poemas como, por exemplo, em *Voltei* (2013):

Quanto daria por um daqueles duros bancos onde me
sentava, (...)
Reconheço a paciência infinita da mestra Silvina,
Sua memória sagrada e venerada, para ela a oferta deste
livro.
Todas as páginas, todas as ofertas e referências
Tão pouco para aquela que me esclareceu a luz da
inteligência. (...)
(p.135, 2013)

A poeta reverencia a professora, visto que a menina atrasada da sala da Mestra Silvina que no tarde da vida fez doces, juntou as pedras e transformou-as em poesias, mesmo com a escolaridade incompleta até a terceira série do ensino primário, encontrou um refúgio nos livros e na leitura graças a ela. Assim cresceu a moça que diziam que nunca se casaria por ser tão apegada aos livros, pois o ditado da época era: “mulher para casar, não precisa soletrar!” (PEREIRA, 2009, p.30). Cora logo se viu em apuros, porque se ler e escrever já era um feito feminino para a época, imaginem destacar-se no meio literário antes dos 20 anos como ela fazia nas publicações dos jornais da cidade desde os 14 anos.

Com medo de não casar e de não servir para nada, quando passou um

forasteiro por ali, aboletou-se em seu cavalo e foi viver com ele em São Paulo, de carona levava a filha bastarda do companheiro. Em 1911, com certeza, esse foi um ato de grande coragem, visto que a autora deixou para trás a família e a cidade que também buscaram excluí-la de suas histórias. Rejeitada por suas origens, num mundo em que a mulher vivia subjugada ao homem, reflexo de uma sociedade patriarcal e machista, Cora descobriu como é a dor dos rejeitados e excluídos e, talvez, isto tenha proporcionado que a sua poesia ou a sua prosa poética dialogasse tanto com os que sobram e estão à margem.

Então, a “moça velha” (PEREIRA, 2009), apegada aos livros, culta e inteligente, casou-se com o advogado Cantídio Tolentino de Figueiredo Brêtas, 22 anos mais velho e com quem teve seis filhos, sendo três homens e três mulheres. Além das questões de gênero na sociedade patriarcal, enfrentou também problemas conjugais, pois o marido incomodava-se com a projeção que ela alcançava por meio da escrita. No poema Aninha e suas pedras (p.148, 2013), observamos como a poesia fez emergir vozes de mulheres excluídas em seu tempo e a necessidade de se recriar, que permanecem muito atuais:

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha
um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para uso de todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede. (p.148, 2013)

A poesia de Cora traz a marca de privações relativas às questões de gênero: mulher, mãe e esposa que limitaram a sua trajetória literária, amarras que serão rompidas quando regressa para Goiás Velho: “(...) Não quero mais limitação na minha vida. Não há nada que valha para mim a minha libertação” (BOTASSI, 1983, apud BRITTO, 2011, p.189), quando encontrará tempo para dedicar-se aos poemas e aos doces.

Cora Coralina: o retorno, os doces e as poesias

Ao tornar-se viúva e após 45 anos longe de sua terra natal, Cora retorna para resolver questões relativas ao inventário familiar e reconquistar a casa velha da ponte do Rio Vermelho, em 1956, aos 67 anos. Nesse retorno, ela resolveu instalar-se em Goiás e esperava também realizar o seu sonho e projeto literário: escrever e publicar um livro. Contudo, além das dificuldades para sobreviver, encontrou a rejeição do passado pela cidade, o que a deixou reclusa na casa velha, quando deu início a arte de fazer doces e poesias, como no poema *Voltei* (p.135, 2013):

Voltei. Ninguém me conhecia. Nem eu reconhecia
alguém.

Quarenta e cinco anos decorridos. Procurava o
passado no presente e lentamente fui identificando a
minha gente.

Minha escola primária. A sombra da velha Mestra. A
casa, tal como antes. Sua pedra escorando a pesada
porta. (...) (p.135, 2013).

Voltar foi um ato de coragem porque estava sozinha, sexagenária e ocupando a posição de “persona non grata”. O reencontro com a cidade em que nasceu fez emergir lembranças, memórias, revelando segredos e silêncios que mais tarde tornaram-se suas “meias confissões” - o terceiro livro publicado em 1983 como podemos ler em *Este livro, Meias confissões de Aninha* (p.19, 2013):

É um livro tumultuado, aberrante, da rotina de se fazer
e ordenar um livro.

Tumultuado, como foi a vida daquela que o escreveu.
Consequente. Vai à publicidade sem nenhuma
pretensão.

Alguma coisa, coisas que me entulhavam, me
engasgavam
e precisavam sair.

É um livro das consequências.

De consequências.

De uma estou certa, muitas dirão: estas coisas também se passaram comigo.

Este livro foi escrito no tarde da vida,
procurei recriar e poetizar. Caminhos ásperos
de uma dura caminhada.

Nos reinos da Cidade de Goiás, onde todos somos amigos
do rei (p.19, 2013)

Muito antes deste livro “tumultuado (...) [com] coisas que me entulhavam (...) e precisavam sair”, em 1965 a poeta havia publicado finalmente o seu primeiro livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (2014) aos 76 anos pela Editora José Olympio.

Foram necessários muitos tachos de doces (fazê-los e vendê-los) e achar tempo entre as suas produções para a escrita. Foram longos 14 anos fazendo doces, ajuntando pedras e construindo poemas até a publicação do livro. Também foi necessário ter “um teto todo seu” (WOOLF, 2004, apud BRITTO, 2011, p.187) para que Cora realizasse seu sonho literário, ou seja, ter com o que viver financeiramente para poder escrever.

Costumava deixar um caderno com lápis e velas ao lado da cama para registrar seus escritos quando a criação visitasse-lhe durante a noite. Entretanto, seus originais que foram revistos e trabalhados, metodicamente, espalhados e escritos à mão, necessitavam de um tratamento que os reunissem a título de publicá-los. Desse modo, a poeta ganhou uma máquina de escrever de um amigo, Dr. Tarquínio J.B. de Oliveira, e ingressou aos 70 anos no curso de datilografia para datilografar seus manuscritos. Peregrinou muito para publicá-los até a aceitação pela José Olympio, editora em que havia trabalhado quando morou em São Paulo. Inicia o livro *PBG* (2014) com uma chamada Ao leitor sobre a necessidade de revisitar o passado e de registrá-lo (p.25, 2014):

Alguém deve rever, escrever
e assinar os autos do Passado antes
que o Tempo passe tudo a raso.
É o que procuro fazer para a geração
nova, sempre atenta e enlevada nas
estórias, lendas, tradições, sociologia

e folclore de nossa terra.
Para a gente moça, pois, escrevi
este livro de histórias. Sei que serei lida e
entendida.

Mas, o livro *PBG* (2014) encontrou resistências e críticas, principalmente à forma como usava a poesia para contar histórias. Cora impactada pela liberdade que buscou ao longo de sua trajetória de vida não se filiava a nenhuma tradição canônica. Sua poesia misturava gêneros, dialogava com a vida, possuía doutrina própria e revelava a autora como uma filósofa formada pela vida, como ela mesmo afirmava: “nas coisas que escrevo, há muito de mim” (PEREIRA, 2009, p.29). Com certeza, há muito de autobiográfico na poesia criada e recriada por Cora, no entanto, há também um diálogo com as problemáticas do ser humano que rompem as fronteiras, os limites do Brasil e de Goiás, tornando-lhe uma cidadã-escritora.

O reconhecimento literário só viria na década de 1980 com a publicação de “VC” (2013) em 1983, após a crônica no *Jornal do Brasil* e a carta de Carlos Drummond de Andrade para Cora: “seu Vintém de Cobre é, para mim, moeda de ouro, e de um ouro que não sofre as oscilações do mercado. É poesia das mais diretas e comunicativas que já tenho lido e amado. (...)” (2013, p.12, grifos do autor). E, assim, sua poesia ganhou relevância.

Cora Coralina: outras vozes

Sabedora das dores humanas por experiência própria, Cora Coralina traz em seus poemas os que estão à margem, os excluídos. Ao mesmo tempo em que sua poesia incorpora o diálogo com o outro, sua dor, ela também incorpora os mitos, os regionalismos, o culto do sagrado, os mistérios do mundo, que revelam o sincretismo característico das práticas socioculturais em determinados lugares no Brasil. No livro *PBG* (2014), ela apresenta um texto polissêmico em que há múltiplas vozes que se misturam, se interpõem, se sobrepõem, como a define Pereira: “Cora é a poeta das minorias, dos excluídos, dos renegados, dos solitários, dos desfavorecidos – por sua poesia se extravasam múltiplas vozes” (PEREIRA, 2009, p.73), tal qual como podemos ler no poema “Todas as vidas” (p.31, 2014):

Vive dentro de mim
a mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
E filharada.
Vive dentro de mim
A mulher roceira.
- Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.
Vive dentro de mim
A mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.
Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras.

No poema acima, há a complexidade de ser mulher e suas diversas vozes em sociedades patriarcais, um precursor na discussão de gênero. Essas múltiplas vozes vão aparecer em outros poemas do *PBG* (2014), tais como: “Mulher da vida” (p.201); “A lavadeira” (p.205); “Oração do Pequeno Delinquente” (p.232); “Oração do presidiário” (p.234). Destacamos o poema sobre o menor abandonado escrito por encomenda para evidenciar como Cora estava preocupada com as desigualdades sociais, intitulado *Menor*

abandonado: versos amargos para o Ano Internacional da Criança, 1979 (p.226, 2014):

De onde vens, criança?
Que mensagem trazes de futuro?
Por que tão cedo esse batismo impuro
Que mudou teu nome?
Em que galpão, casebre, invasão, favela,
Ficou esquecida tua mãe?...
E teu pai, em que selva escura
Se perdeu, perdendo o caminho
Do barraco humilde?...
Criança periférica rejeitada...
Teu mundo é um submundo.
Mão nenhuma te valeu na derrapada.
Ao acaso das ruas – nosso encontro.
És tão pequeno... E eu tenho medo.
Medo de você crescer, ser homem.
Medo da espada de teus olhos...
Medo da tua rebeldia antecipada.
Nego a esmola que me pedes.
Culpa-me tua indigência inconsciente.
Revolta-me tua infância desvalida.
(...)
Há um fosso entre três mundos.
E tu, Menor Abandonado,
és o entulho, as rebarbas e o aterro
Desse fosso.
Acorda, Criança,
Hoje é o teu dia... Olha, vê como brilha lá longe,
na manchete vibrante dos jornais,
na consciência heroica dos juízes,
no cartaz luminoso da cidade,
o ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA.

No poema acima e nos demais citados anteriormente, impressionam a atualidade da criação de Cora Coralina e como sua poética pode ser um importante modo de combater os preconceitos e as exclusões e era

o que a poeta sonhava ao ser lida em vários espaços pelo mundo.

Cora – a menina feia, desajeitada, nascida fora do tempo, a operária dos doces, que foi limitada na infância, na meninice, na adolescência, na vida adulta quando casada – libertou-se na velhice (no tarde da vida) e viveu-a como um tempo de reinvenção, ajuntou as pedras, criou versos e fez doces para viver uma vida nada doce. Outra forma precursora de ver a velhice, pois se liberta e nos ensina que nunca é tarde para realizarmos nossos sonhos e nossos desejos de “ser mais” (FREIRE, 1987). Ela deixou um recado aos jovens, um oferecimento aos mais novos em *Ofertas de Aninha (Aos Moços)* (p.155, 2013):

Eu sou aquela mulher
a quem o tempo
muito ensinou.
Ensinou a amar a vida.
Não desistir da luta.
Recomeçar na derrota.
Renunciar a palavras e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos.
Ser otimista.
Creio numa força imanente
Que vai ligando a família humana
Numa corrente luminosa
De fraternidade universal.
Creio na solidariedade humana.
Creio na superação dos erros
E angústias do presente.
Acredito nos moços.
Exalto sua confiança.
Generosidade e idealismo.
Creio nos milagres da ciência
E na descoberta de uma profilaxia
Futura dos erros e violências do presente.
Aprendi que mais vale lutar
Do que recolher dinheiro fácil.
Antes acreditar do que duvidar. (p.155, 2013)

Nestes tempos difíceis no Brasil e no mundo, aceitar as ofertas de Aninha é urgente e necessário: “não desistir da luta”, “recomeçar na derrota”, “ser

otimista”, buscar “fraternidade universal”, “solidariedade humana”, [crer nos] “milagres da ciência” e “na descoberta de uma profilaxia futura dos erros e violências do presente” – são versos que devem reverberar entre nós, para que nos alimentem a lutar pela restituição de nossa humanidade – ouçamos a poeta.

Últimas considerações

Buscamos ao longo desse itinerário poético apresentar um pouco da grande poeta Cora Coralina, uma mulher de “CORAgem” (PEREIRA, 2009, p.71) e que multiplicou sua voz tal qual como um “CORALina” (PEREIRA, 2009, p.71), e que a seu modo foi uma precursora nas questões de gênero e da velhice. A poesia de Cora nos ensina e nos ajuda a discutir a complexidade do feminino e da velhice, visto que, no tarde da vida, ela recriou e poetizou.

Por conta do limite do artigo, fizemos cortes nos poemas, então expressamos o desejo de que o/a leitor/a tenha sido tocado/a pela beleza poética de Cora, deixando-lhe o convite para conhecê-la mais profundamente e para espalhar a sua poesia. Entretanto, para encerrarmos, ou melhor, ataçarmos a busca, leiam como a própria autora vê a vida, em Assim vejo a vida... (2001):

A vida tem duas faces:
Positiva e negativa
O passado foi duro
mas deixou o seu legado
Saber viver é a grande sabedoria
Que eu possa dignificar
Minha condição de mulher,
Aceitar suas limitações
E me fazer pedra de segurança
dos valores que vão desmoronando.
Nasci em tempos rudes
Aceitei contradições
lutas e pedras
como lições de vida
e delas me sirvo
Aprendi a viver.

Referências bibliográficas

BRITTO, Clóvis Carvalho. Um teto todo seu: aspectos do itinerário poético-intelectual de Cora Coralina. In: __ *Cadernos Especial Feminino*, Uberlândia/MG, v.24, n.1, p.185-205, jan/jun.2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/14223/8146> Acesso em: 4 fev. 2020

CORA CORALINA. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. 23.ed. São Paulo: Global, 2014. [1965].

_____. *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. 10.ed. São Paulo: Global, 2013. [1983].

_____. Assim vejo a vida. Poema inédito em livro. In: __ *Folha de São Paulo*. Caderno Folha Ilustrada, publicado em 4 de julho de 2001. Disponível em: http://www.releituras.com/coracoralina_vida.asp Acesso em: 10 fev.2020.
FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

PEREIRA, Iêda Maria Villas Bôas. *Cora Coralina: a mulher-poeta e suas múltiplas vozes*. Dissertação. (Mestrado em Literatura) - Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/8266/1/2009_IedaMariaVBPereira.pdf. Acesso em: 4 fev.2020

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004

Formas de partilha do literário: sobre *A legião estrangeira*, de Clarice Lispector

por Antonio Andrade

Formas de partilha do literário: sobre *A Legião Estrangeira*, de Clarice Lispector

Antonio Andrade

Resumo

Neste ensaio, fruto de minha experiência no projeto *Compartilhando Leituras* (CFCH-UFRJ), realizo uma discussão a respeito da crítica sobre a obra de Clarice Lispector no campo da literatura brasileira contemporânea e analiso contos do livro *A legião estrangeira* (1964). Partindo da relação entre as noções de estrangeiridade e estranheza, em diálogo com a teoria freudiana, trato de refletir sobre a maneira como a escrita clariciana desestabiliza a própria linguagem narrativa. No âmbito do debate crítico-historiográfica, recupero leituras de Antonio Candido, Haroldo de Campos, Roberto Schwarz, Silviano Santiago, João Camillo Penna e José Miguel Wisnik a respeito da obra da escritora, com vistas a pensar criticamente a presença de uma tensão entre processos de desinvestimento/reinvestimento no universo narrativo ficcional no escopo de seu projeto estético-literário. Como conclusão do percurso de análise dos contos enfocados, proponho, a partir da contribuição teórica de Jacques Rancière, uma abordagem do modo como a obra de Clarice intervém criticamente na “partilha do sensível”, a partir de instigantes formas de relação entre o estético e o político.

Palavras-chave: Clarice Lispector; narrativa ficcional; estranheza; partilha.

Introdução

Este texto resulta da experiência de ter ministrado, em junho de 2019, uma palestra/debate a respeito do livro *A legião estrangeira* (1964), de Clarice Lispector, no âmbito do projeto *Compartilhando Leituras*, vinculado à Decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Parece-me extremamente apropriado o título dado ao referido projeto, visto que é fundamental compreendermos a universidade pública como um espaço de compartilhamento e troca de saberes. No caso da literatura especificamente, esta abertura do espaço universitário faz-se ainda mais necessária, na medida em que a esfera literária tem sido historicamente colocada em um lugar de distanciamento, sobretudo em relação aos leitores oriundos das classes populares. A oportunidade de

compartilhar análises realizadas por mim e, ao mesmo tempo, ouvir pontos de vistas e estratégias interpretativas produzidas pelos participantes do projeto instigou-me ainda mais a vontade de escrever sobre esta escritora, cuja obra, embora reconhecidamente complexa e objeto de uma já vasta história de leituras no campo da crítica, é capaz de mobilizar novos olhares – inclusive de leitores não especializados na área de Letras – provocados pela junção da aparente simplicidade com uma persistente estranheza de seus textos.

Para iniciar minha reflexão, gostaria justamente de propor um questionamento da própria noção de “estranheiridade” que Clarice traz para o título deste livro de contos, gênero literário em que a autora é considerada uma das mais hábeis no panorama da literatura mundial. Embora muitos dos contos reunidos na obra tenham sido escritos ao longo da década de 1950 enquanto a autora ainda vivia no exterior acompanhando o diplomata Maury Gurgel Valente (seu marido na época), a maioria dos espaços, personagens e situações narrativas que constitui estes textos é bastante condizente com características do cotidiano da classe média carioca de meados do século XX. Desse modo, a estranheiridade configurada por esses contos postula-se como uma perspectiva narrativa inabitual, ou não familiar, que abala as condições de produção do discurso e a matriz normativa que atravessa os processos de subjetivação instituídos pelo *status quo*. É importante lembrar, nesse sentido, que tal associação entre as ideias de estranheza e familiaridade foi desenvolvida a partir do estudo de Freud, *Das Unheimliche* [“O estranho”] (1919), termo que em alemão possui uma ambiguidade semântica, pois “*heimlich*, que quer dizer familiar, também significa algo secreto e oculto, o que, paradoxalmente, torna essa palavra próxima de seu oposto, *unheimlich*” (MARTINI/COELHO JR., 2010, p. 2). Esta ambivalência abre portas ainda para que se elabore no campo psicanalítico a reflexão a respeito da ligação entre estranhamento e recalque, tendo em vista o fato de nem tudo passível de ser “estranhado” provocar o sentimento de estranheza no sujeito, mas apenas o que, de certo modo, também subverte a lei do recalque, fazendo vir à tona aquilo que teria de permanecer secreto/recalcado.

Tomando então como ponto de partida a concepção freudiana a respeito do atravessamento do estranho na constituição do sujeito do inconsciente, é possível estabelecer uma relação, etimologicamente respaldada, entre a noção de ‘estrangeiro’ e a de ‘estranho familiar’, compreendendo assim a estranheza como uma percepção vinculada tanto ao externo, ao forasteiro, ao não-humano, ao outro, quanto ao sujeito, às normas que o modelam, às pulsões que o constituem internamente, à alteridade que se desvela na forma-

ção heteróclita do si-mesmo. Sendo assim, creio poder trilhar os caminhos desta leitura de *A legião estrangeira*, de Clarice Lispector, interpelando seus contos por meio da seguinte pergunta: de que modo a questão da estranheza mobiliza a escrita clariciana desestabilizando os elementos constitutivos do discurso literário, bem como as relações entre literatura e vida, sujeito e alteridade?

Essa indagação justifica-se devido a sua narrativa produzir-se a partir de um movimento dúplice: o de extrema aproximação ao cotidiano e o de simultânea ruptura de processos e signos que o enformam. Aliás, devo ressaltar que a interrogação analítica a propósito da obra de Clarice continua a ser considerada uma questão produtiva na historiografia literária brasileira dada a riqueza polissêmica de seus textos. Dentre as perspectivas com que pretendo dialogar – as quais serão mais bem discutidas adiante – destacarei as apostas teórico-críticas na ênfase sobre a elaboração formal da escrita, no movimento de desconstrução do logocentrismo no nível do sentido, na criação de outra forma de configurar a relação tempo/história por meio do discurso literário e no processo de desficcionalização por meio da passagem do plano ficcional para o fluxo de consciência. Essa diversidade de abordagens mostra que as ponderações e os instigantes debates a respeito da escrita clariciana seguem sendo, decerto, motivadores para novas experiências de partilha entre os leitores de seu obra.

Repartições da crítica

Neste ano (2020) comemora-se o centenário de nascimento de Clarice Lispector, escritora nascida em 1920, em Chechelnyk (Ucrânia), oriunda de família judia não praticante (falante de iídiche) que teve que se refugiar da Rússia devido ao antissemitismo. A família da autora de origem estrangeira emigra para o Brasil quando ela tinha apenas 2 anos de idade. Sua entrada no país ocorre em 1922 pelo porto de Maceió. Em 1925, a família Lispector muda-se para Recife. Sua mãe falece em 1930 quando Clarice ainda era criança. Em 1935, ela vai com o pai e a irmã para o Rio de Janeiro, onde termina o ensino secundário e ingressa, em 1939, na Faculdade Nacional de Direito, da Universidade do Brasil (atualmente UFRJ). Começa a trabalhar como jornalista em 1940. Obtém a naturalização brasileira em 1943, ano em que também se casa com o diplomata Maury Gurgel e lança seu primeiro livro *Perto do coração selvagem*, romance que cria grande repercussão na cena literária brasileira, tendo sido premiado e servido de objeto de resenha por importantes críticos da época. De 1944 a 1959, viaja por diversos países do mundo acompanhando o marido – conforme apontamos anteriormente – mas mesmo no exterior continua escrevendo e mantendo correspondência com vários escritores e

intelectuais brasileiros como Fernando Sabino, Lúcio Cardoso, Rubem Braga e Érico Veríssimo. Em 1959, separa-se do marido, retorna ao Brasil com os dois filhos que teve com Maury Gurgel e volta a produzir textos para a imprensa. Em 1960, publica *Laços de família*, seu mais conhecido e premiado livro de contos. Em 1964, saem publicados simultaneamente a coletânea de contos *A legião estrangeira* e o romance *A paixão segundo G.H.* De acordo com a própria autora, a forte repercussão deste romance, que representa um marco em sua obra, acabou, de certo modo, ofuscando *A legião estrangeira*, o que ratifica, a meu ver, o empenho crítico-analítico na realização de estudos que tenham esta obra como foco. Em 1977, a escritora publica a novela *A hora da estrela*, considerada um de seus textos mais importantes, dada a interessante tensão entre discussão metalinguística e problematização da desigualdade social presente na obra. Nesse mesmo ano, o livro *A legião estrangeira* é republicado sem a seção final intitulada “Fundo de gaveta”, que continha textos dispersos, misto de crônicas, contos, aforismos e anotações, os quais passam a integrar o livro *Para não esquecer*. Para efeito de análise aqui, focalizarei apenas os 13 contos longos que passam a constituir as edições de *A legião estrangeira* das editoras Ática e Rocco, que tiveram grande circulação no Brasil. Em dezembro de 1977, Clarice morre vítima de câncer apenas dois meses depois de a doença ter sido diagnosticada.

Após essa breve nota biográfica sobre a autora, passo a assinalar algumas contribuições de importantes intelectuais brasileiros que marcaram a recepção crítica de sua obra. Para começar, faço referência a “No raiar de Clarice Lispector” (1943), escrito pelo grande crítico literário Antonio Candido no mesmo ano da publicação de *Perto do coração selvagem*, romance de estreia da escritora, que naquele então tinha apenas 23 anos. Nesse ensaio, Candido, seguindo a linha argumentativa que perpassa sua reflexão sobre a história literária, avalia a literatura de Clarice como um gesto inaugural dentro do campo literário brasileiro, marcado pela influência estético-cultural e o caráter periférico em relação ao cânone europeu. Nesse sentido, ele sinaliza que sua obra prefere “o risco da aposta à comodidade do ramerrão” (CANDIDO, 2004[1943], p. 127), conseguindo alçar, no âmbito da dicção narrativa, um “tom mais ou menos raro em nossa literatura moderna”, qualificada por alguns críticos como “ingenuamente naturalista” (*ibidem*). O estudioso valoriza assim a grande elaboração estilístico-formal da escrita clariciana, analisando seu texto como uma tentativa de exploração vocabular “capaz de estender o domínio da palavra sobre regiões mais complexas e mais inexprimíveis”, fazendo “da ficção uma forma de conhecimento do

mundo e das ideias” (*idem*, p. 126).

Seguindo essa ênfase sobre o processo de elaboração escrita, mas tratando de pensar, por outro viés, o modo como a esfera literária pode interpelar criticamente o logocentrismo da cultura ocidental, em “Introdução à escritura de Clarice Lispector” (1978), de Haroldo de Campos – feito originalmente como prefácio a um estudo de Olga de Sá sobre a autora – empreende-se uma leitura a respeito da diferença da obra clariciana em relação aos projetos estéticos de James Joyce e Guimarães Rosa, aos quais seu estilo é frequentemente comparado. Para Haroldo, naqueles autores haveria uma literatura do significante, enquanto Clarice, pelo contrário, teria procurado desenvolver uma “literatura do significado” que mobiliza metaforicamente a linguagem, instalando-se “a contrapelo do discurso lógico, mediante o qual são aproximadas e contrastadas as regiões mais surpreendentes e imponderáveis do plano do conteúdo” (CAMPOS, 2006[1978], p. 186). Aproximando sua análise à teoria de Peirce, o ensaísta relaciona a metáfora em Clarice à ideia de símbolo, que como um “vértice semiótico da arbitrariedade” (próxima à função operativa do ‘como’) é capaz de “aproximar tudo de tudo” (*ibidem*).

Como se pode perceber, muitas das leituras em torno do projeto estético-literário de Clarice Lispector giram em torno da dimensão linguístico-discursiva de sua obra, enfatizando ora procedimentos estilísticos da escrita, ora estratégias de ruptura manejadas por ela em relação aos mecanismos de produção de sentido prototípicos dos gêneros narrativos. Isso provocou inicialmente um processo de afastamento da crítica de extração sociológica quanto aos efeitos e impactos que sua dicção vinha produzindo no panorama da prosa brasileira posterior à geração do romance de 30. Um exemplo disso é a avaliação predominantemente negativa da habilidade ficcionista de Clarice que Roberto Schwarz realiza no ensaio “Perto do coração selvagem” (1959). A partir de uma base teórica marxista-lukacsiana, o crítico, após condenar certa tendência existencialista na cena literária de meados do século XX, assevera que, na estrutura narrativa clariciana, os episódios “não se ordenam segundo um princípio necessário; agem por acúmulo e insistência”, indiciando desse modo que “é na diversidade exterior das experiências sucessivas que melhor reconhecemos a unidade essencial da experiência [...] e o consequente desaparecer do tempo como fonte de modificação” (SCHWARZ, 1981[1959], p. 54). Contudo, é importante ressaltar que Schwarz demonstra também nesse texto sensibilidade crítica em relação à destreza da autora para o aprofundamento psicológico das situações narrativas, dizendo inclusive que, no texto de Clarice, “A construção de experiências psíquicas é admirável na precisão, segundo o fluxo da consciência” (*idem*, p. 55). Cabe recordar aqui aos leitores que ‘fluxo de consciência’ é uma técnica literária – praticada também por outros grandes escritores

internacionais como Joyce, Proust e Virginia Woolf, por exemplo – em que a narrativa busca trazer para o plano da enunciação a complexidade psíquica do sujeito, entremeando o raciocínio lógico a impressões pessoais momentâneas e associações livres de ideias.

Contrapondo-se à visão de Schwarz, que considera que a prosa ficcional clariciana empreende uma anulação do tempo e da dimensão histórica do discurso literário em prol de uma dicção exclusivamente psicologizante, Silviano Santiago, em “A aula inaugural de Clarice” (1997), tratará de inverter esta chave de interpretação argumentando que a narrativa de Lispector inaugura “uma outra concepção de tempo [...] (vale dizer de história, ou seja, de transformação e evolução do personagem): a do tempo atomizado e, concomitantemente, espacializado” (SANTIAGO, 1997, p. 4). Esta outra concepção de tempo identifica-se à ideia de acontecimento – enquanto “instante-já” ou “o é da coisa”, valendo-me de formulações usadas por Clarice em seus textos –, desvelando uma temporalidade narrativa que se dá como um ‘acontecimento desconstruído’, isto é, uma *durée* da satisfação vinculada ao desenvolvimento individual, numa profícua relação entre experiência, aprendizagem, corpo e subjetividade. Retomando o ponto de vista filosófico de Marcuse, Silviano reflete que em Clarice ocorre também uma substituição da ideia masculina de trabalho pela noção de “labor” (enquanto cuidado), subvertendo assim a noção de cultura a partir de uma perspectiva feminina/subalterna: “O labor não se manifesta pela força humana alienada única e exclusivamente em experiência do trabalho, em produtividade [...]. Ele é manifestação de proximidade e distância do objeto de cuidado, de um misto de vigilância e afeto, de diligência e abandono, de inquietação e paz” (*idem*, p. 3).

Dentre os muitos artigos recentes que têm sido publicados a respeito da escritora, destaco “O nu de Clarice Lispector” (2010), de João Camillo Penna. Nele, o pesquisador retoma a já consagrada relação entre a obra clariciana e as de Joyce e Proust para rever criticamente o modo como a noção de epifania vem sendo atribuída ao texto de Clarice. Em lugar da vertente de extração religiosa que tenta explicar a epifania como um instante absoluto de revelação do divino, João Camillo – a partir do ângulo teórico agambeniano – considera que a obra da autora aproxima-se a um real que não se reduz à ficção, de tal modo que nela o mais importante seria a elaboração pela escrita de uma “experiência nua” (cf. AGAMBEN, 2004), atravessada pelo vazio que desierarquiza todas as instâncias: literatura/vida, sujeito/objeto, humano/animal, divino/profano, público/privado. Dessa maneira, o gesto enunciativo de Lispector alcançaria, de modo semelhante ao assinalado por Haroldo de Campos, um

estado em que todas as coisas estariam intimamente ligadas, descobrindo assim “um ponto radicalmente não hierárquico de nivelamento de tudo o que existe” (PENNA, 2010, p. 4), igualando o menor ao maior. A hipótese do estudioso é que o processo de escrita clariciano é o de desficcionalização, de modo a destituir tanto a fábula religiosa quanto a literária de seu lugar de autoridade explicativa: “Inaugura-se aqui um programa especificamente literário e artístico de apagamento do trabalho específico da literatura e da arte, em uma escrita que se tece ocultando-se como tal, construindo uma experiência nua, desficcionalizada” (*ibidem*). Ao opor-se à dialética entre o particular e o universal, proposta também por Candido como eixo de formação do sistema literário brasileiro, João Camillo nega a possibilidade de se reduzir a obra de Clarice à antinomia entre o importado (literatura influenciada por modelos estrangeiros) *versus* o nacional, pois ela se fixa “solidamente em um solo singular [...], sem descurar em nada da nacionalidade brasileira, mas situando-se em uma terra qualquer” (*idem*, p. 5). Em outra passagem do artigo, o autor aprofunda esta oposição à visão de Candido ao dizer que “a perspectiva clariciana se assemelha a uma referência universal, embora não seja isso que mais importa nela [...]. Seus textos são dimensionados a uma escala íntima, ao mesmo tempo intrínseca e exterior, nem geral nem particular” (*idem*, p. 11).

Na videoaula intitulada “A matéria Clarice” (2016), realizada pelo Instituto Moreira Salles, José Miguel Wisnik adere a essa linha interpretativa postulada por João Camillo Penna para dizer que no conto “O ovo e galinha”, de *A legião estrangeira*, a escritora começa a investir mais fortemente em uma mudança de seu projeto estético-literário, abandonando importantes elementos da narrativa como enredo e personagem a fim de aderir a um processo discursivo de desficcionalização/despersonalização no âmbito da escrita, algo que depois se desdobra, de maneira contundente, em romances como *A paixão segundo G.H.* e *Água viva*, por exemplo. Esta proposição de Wisnik indicia, a meu ver, um instigante jogo de (des)continuidades na análise de *A legião estrangeira*, visto que neste livro pode se perceber uma tensão configurada pelo ‘desinvestimento’ na narrativa ficcional, em prol de uma discursividade de caráter mais descritivo e reflexivo, que convive com a potencialidade do ‘reinvestimento’ na ficção, ainda que alterando o valor discursivo dos elementos narrativos, como já indicou argutamente Silviano Santiago.

Na minha opinião, esse é um dos grandes fatores que fazem a escrita clariciana ser vista como um objeto estranho para a crítica. O movimento ambivalente entre o laborioso cuidado com a composição narrativa e a sua simultânea tentativa de abandono funciona como um gesto inabitual que coloca em crise pressupostos da teoria literária. Não à toa, por isso, um crítico como Antonio Candido aponta

a sensibilidade de Clarice na tessitura narrativa de um “ritmo caprichoso de duração interior” (CANDIDO, *op. cit.*, p. 129). Isso me soa como um alerta de cuidado analítico para se depreender essa ‘caprichosa’ construção do ficcional, em vez de se enxergar aí apenas o seu abandono. Mesmo Roberto Schwarz, em seu ímpeto de condenação histórico-sociológica em relação à tendência existencialista no âmbito da ficção, reconhece, quase de maneira contraditória, a destreza “admirável” da escritora em vários aspectos do domínio narrativo. Por conta disso, prefiro aqui não analisar os contos de *A legião estrangeira* sob a ótica de uma desficcionalização total, tampouco como um percurso dividido em etapas evolutivas – indo do ficcional à sua destituição absoluta – mas como a tensão de uma estranheza performativa dentro da tipologia narrativa.

Leituras partilhadas

Para começar esta análise de *A legião estrangeira*, evoco as palavras de Clarice Lispector, em entrevista concedida em 1977 a Júlio Lerner para o programa *Panorama* da TV Cultura, a respeito de um dos contos do livro: “[...] tem um conto meu que eu não compreendo muito bem [...] O ovo e a galinha, que é um mistério pra mim”. Além da atribuição do efeito de sentido de ‘indecifrável’ a respeito desse conto, é importante lembrar que “O ovo e a galinha” foi o texto que Clarice escolheu para ser lido no I Congresso Mundial de Bruxaria, de que participou em 1975 em Bogotá, atitude que reforça – talvez propositalmente – a vinculação de sua obra à ideia de estranheza. Cito um trecho do conto:

O ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe. [...] Entendê-lo não é o modo de vê-lo. — Jamais pensar no ovo é um modo de tê-lo visto. — Será que sei do ovo? É quase certo que sei. Assim: existo, logo sei.

[...] Quanto a quem veio antes, foi o ovo que achou a galinha. A galinha não foi sequer chamada. A galinha é diretamente uma escolhida. — A galinha vive como em sonho. Não tem senso da realidade. Todo o susto da galinha é porque estão sempre interrompendo o seu devaneio. A galinha é um grande sono. — A galinha sofre de um mal desconhecido. O mal desconhecido da galinha é o ovo. [...]

Pego mais um ovo na cozinha, quebro-lhe casca e forma. E a partir deste instante exato nunca existiu um ovo. É absoluta-

mente indispensável que eu seja uma ocupada e uma distraída. Sou indispensavelmente um dos que renegam. Faço parte da maçonaria dos que viram uma vez o ovo e o renegam como forma de protegê-lo. (LISPECTOR, 1999[1964], p. 35 et seq.)

Nesse fragmento, é possível observar um gesto de desconstrução da relação de evidencialidade entre olhar e pensamento. A homofonia ovo/olho reverbera ao longo do texto, porém há nele uma oposição entre as ações de ver e pensar, tradicionalmente aproximadas pelo ocularcentrismo da cultura ocidental (cf. CHAUI, 1988), haja vista o trecho em que se assevera “Jamais pensar no ovo é um modo de tê-lo visto”. Tal oposição indicia-se ainda na intertextualidade paródica em relação ao axioma cartesiano *cogito ergo sum*, que ao invés de ‘penso, logo existo’ é retextualizado aí como “existo, logo sei”, com vistas a ressaltar o modo como o racionalismo submete toda forma de existência às diretrizes do conhecimento e, conseqüentemente, do poder. Nesse sentido, partindo ainda da solicitação de outro intertexto que circula no senso comum, o da pergunta ‘Quem veio primeiro, o ovo ou a galinha?’, a enunciação opera um deslocamento do clássico dilema filosófico substituindo o conectivo “ou” pelo “e” no título do conto, de forma a desabilitar a importância de uma resposta em definitivo a esta alternativa, dado que o fundamental é refletir sobre o modo de relação entre o ser e a coisa. E se a ‘galinha’ aí funciona como índice do sujeito – poder-se-ia logicamente pensar o efeito irônico relacionado ao eco da metaforização desse vocábulo na linguagem popular – é possível compreender o papel dos objetos, fortemente contornados de sentidos no bojo da memória discursiva, dentro do processo de cerceamento e normatização dos corpos e mentes, processo este que se dá inevitavelmente na relação com o Outro, i.e. com o saber da tradição (da ordem do tácito e do anônimo) que se naturaliza no discurso – vide o recurso de indeterminação do agente na frase “Todo o susto da galinha é que *estão* sempre interrompendo o seu devaneio” (grifo meu). Justamente por isso, parece-me interessante pensar a agência exercida pela narração em 1ª pessoa – que representa uma mulher dona de casa que vê um ovo na cozinha enquanto prepara o café da manhã e que pode, ao mesmo tempo, ser lida como um *alter ego* da escritora – ao dizer “Pego mais um ovo na cozinha, quebro-lhe casca e forma”. A princípio, o que parece ser uma atividade cotidiana sinaliza uma sub-reptícia tensão de natureza estético-filosófica entre a forma e o informe, isto é, do mesmo modo como o rompimento da casca do ovo dá lugar a uma matéria que já não tem forma delimitada, o processo de estranhamento daquilo que é banal (familiar) configura um gesto de ruptura com a própria estrutura prototípica da narrativa.

Essa questão do informe aparece também vinculada à própria noção de gênero (*gender*) no conto “A mensagem”, como se pode ver na citação a seguir:

Informes como eram, tudo lhes era possível, inclusive às vezes permutavam as qualidades: ela se tornava como um homem, e ele com uma doçura quase ignóbil de mulher. Várias vezes ele quase se despedira, mas, vago e vazio como estava, não saberia o que fazer quando voltasse para casa, como se o fim das aulas tivesse cortado o último elo. Continuara, pois, mudo atrás dela, seguindo-a com a docilidade do desamparo. [...]

A casa simbolizava alguma coisa que eles jamais poderiam alcançar, mesmo com toda uma vida de procura de expressão. [...]

De qualquer tremor de terra, ele saía com um movimento livre para a frente, com a mesma orgulhosa inconsequência que faz o cavalo relinchar. Enquanto ela saiu costeando a parede como uma intrusa, já quase mãe dos filhos que um dia teria, o corpo pressentindo a submissão, corpo sagrado e impuro a carregar. (LISPECTOR, *op. cit.*, p. 26 et seq.)

Desses excertos de diferentes passagens do conto depreende-se um percurso que vai do informe – vinculado à fluidez do gênero, ao multimorfismo do desejo e à própria transição corporal da puberdade – em direção à performatividade sociodiscursiva que produz o binarismo de gênero. Os personagens centrais do texto são uma menina e um menino jovens que encontram uma casa antiga abandonada, localizada pela narração perto do Cemitério São João Batista no Rio de Janeiro. Externo e interno cruzam-se neste momento da narrativa, pois o espaço da casa funciona como *Leitmotiv* para uma experiência interior. O “antigo” representa aí o peso da tradição, da ideologia e do discurso que incide sobre os sujeitos, limitando a liberdade dos corpos e das formas de relação. Se numa perspectiva ortodoxa, um percurso narrativo evolui do comum (padronizado) ao singular (complexo), neste conto parece ir, pelo contrário, do singular ao padrão. No entanto, tal adentramento na norma não subtrai o efeito da dúvida que se instala, sobretudo no âmbito da subjetividade feminina.

Em outro conto do livro intitulado “A solução”, em lugar do enfoque sobre a relação masculino/feminino, o enredo gira em torno da personagem Almira, que se torna obcecada por uma colega de trabalho cuja amizade busca

incessantemente, não obstante os insultos e maus-tratos que recebe: “Chamava-se Almira e engordara demais. Alice era a sua maior amiga. Pelo menos era o que dizia a todos com aflição, querendo compensar com a própria veemência a falta de amizade que a outra lhe dedicava” (LISPECTOR, *op. cit.*, p. 51). O que chama a atenção no texto, a meu ver, são os efeitos de curiosidade (que se instaura desde o título) e de contra-expectativa (resultante do desenlace da história). Os estereótipos da suposta inveja feminina e da magreza enquanto padrão de beleza e instrumento simbólico de assédio são criticados ironicamente no conto. Contudo, a “solução” encontrada por Almira extrapola o conflito no plano da linguagem, pois “como se fosse uma magra” (*idem*, p. 52), numa reação violenta, ela acaba dando uma facada em Alice. A estranheza provocada por este evento foge à imagem apaziguada e frágil a que a feminilidade é geralmente associada. Além disso, nota-se na narrativa uma espécie de paródia da estrutura moralizante das histórias infantis, na medida em que, após o crime, a personagem principal passa a viver feliz na cadeia, junto com as “autênticas” companheiras que então consegue conquistar.

Se no conto abordado acima a autenticidade da amizade entre mulheres é lograda apenas no espaço de detenção, fora da dinâmica social comum, em “Uma amizade sincera”, a narração enfoca dois personagens homens, sendo um deles o próprio narrador – ressalte-se que neste livro a maioria dos contos é narrada ou em 3ª pessoa, ou a partir de uma voz feminina em 1ª pessoa. No entanto, o clichê da amizade “sincera” que surge desde a juventude e se prolonga ao longo de toda a vida é também aí desconstruído. Em contraposição a tal estereotipia em torno dos afetos e do convívio com o outro, aparentemente sem uma explicação lógica a amizade entre os dois se desvanece e desfaz – leia-se este fragmento do final da história: “A pretexto de férias com minha família, separamo-nos. Aliás ele também ia ao Piauí. Um aperto de mão comovido foi o nosso adeus no aeroporto. Sabíamos que não nos veríamos mais, senão por acaso. Mais que isso: que não queríamos nos rever. E sabíamos também que éramos amigos. Amigos sinceros” (LISPECTOR, *op. cit.*, p. 63). Nesse sentido, as próprias noções de amizade e sinceridade ligam-se estranhamente à ideia de finitude e à própria consciência da solidão enquanto condição existencial do sujeito.

Para retomar o movimento discursivo de diálogo paródico com a tradição da literatura infantil, destaco o conto “Os desastres de Sofia”, que desde o título explicita referência intertextual ao clássico homônimo da Condessa de Ségur, muito conhecida no século XIX pelos seus livros infantojuvenis. No texto clariciano, a história desenrola-se no espaço de uma escola primária onde uma aluna percebe certo desconforto de um homem grande, corpulento, mas “de ombros

contraídos” (LISPECTOR, *op. cit.*, p. 5), por estar na posição de professor de crianças. A narração em 1ª pessoa é realizada a partir da ótica de uma mulher já adulta que rememora esse momento da infância. Após a descrição de diversos estratagemas utilizados pela menina para chamar a atenção do professor – entremeada por largas passagens de excursos reflexivos – chega-se a um momento central da trama narrativa, quando o docente propõe uma atividade de produção escrita:

— Vou contar uma história, disse ele [o professor], e vocês façam a composição. Mas usando as palavras de vocês. Quem for acabando não precisa esperar pela sineta, já pode ir para o recreio.

O que ele contou: um homem muito pobre sonhara que descobrira um tesouro e ficara muito rico; acordando, arrumara sua trouxa, saíra em busca do tesouro; andara o mundo inteiro e continuava sem achar o tesouro; cansado, voltara para a sua pobre, pobre casinha; e como não tinha o que comer, começara a plantar no seu pobre quintal; tanto plantara, tanto colhera, tanto começara a vender que terminara ficando muito rico. [...]

Mas levianamente eu concluía pela moral oposta: alguma coisa sobre o tesouro que se disfarça, que está onde menos se espera, que é só descobrir, acho que falei em sujos quintais com tesouros. [...] Suponho que, arbitrariamente contrariando o sentido real da história, eu de algum modo já me prometia por escrito que o ócio, mais que o trabalho, me daria as grandes recompensas gratuitas, as únicas a que eu aspirava. É possível também que já então meu tema de vida fosse a irrazoável esperança, e que eu já tivesse iniciado a minha grande obstinação: eu daria tudo o que era meu por nada, mas queria que tudo me fosse dado por nada. (LISPECTOR, *op. cit.*, p. 9 et seq.)

Nesse texto, pode se perceber que o efeito de estranheza produzido pela narrativa de Clarice parte muitas vezes de um processo de desterritorialização do sentido que interrompe a lógica associativa de ideias impostas pela ideologia dominante. Desse modo, a aluna em vez de relacionar as noções de riqueza às de trabalho e esforço, inverte a ‘moral da história’ e opta por associar a ideia

de tesouro às de encontro e gratuidade. Além disso, se lembrarmos que o nome Sofia advém da palavra grega *σοφία* (sabedoria), seria possível refletir que a obra clariciana propõe outra relação com o saber, enquanto algo que se elabora não pela sujeição ao sistema do capital e a mera reprodução discursiva de pré-construídos (cf. PÊCHEUX, 1988), mas pela abertura à atividade criativa do sujeito promovida pelos desvios da escrita.

Como pudemos observar, vários contos deste livro são marcados pela tensão entre processos de estabilização – atrelados ao não questionamento de normas, regras e narrativas moralizantes – e de desestabilização – produzidos no conflito e na relação com a alteridade. Isto pode ser visto também no conto “Evolução de uma miopia”, no qual se narra o episódio de um menino que vai passar o dia na casa de uma prima casada que “não tinha filhos e adorava crianças” (LISPECTOR, *op. cit.*, p. 56). Nesse texto, a problemática da transferência materna é representada como uma forma de “amor sem seleção”. Nele, a oposição entre valores positivos e negativos atribuídos respectivamente às concepções de estabilidade e instabilidade é subvertida pela narração que se imbrica ao modo de organização do pensamento infantil, ao dizer, por exemplo, que “A estabilidade, já então, significava para ele um perigo: se os outros errassem no primeiro passo da estabilidade, o erro se tornaria permanente, sem a vantagem da instabilidade, que é a de uma correção possível” (*ibidem*). Com isso, Clarice lança mão, a meu ver, do próprio construto histórico do amor materno – dado como absolutamente certo e inquestionável – como uma estratégia de desautomatização dos sentidos ligados à ideia de estabilidade no escopo do racionalismo moderno. Não à toa, a imagem utilizada pela escritora para erigir metaforicamente este lugar de enfrentamento da ótica racionalista é a da miopia enquanto uma forma de ver, com estranha clareza, aquilo que está recalcado: “Foi apenas como se ele tivesse tirado os óculos, e a miopia mesmo é que o fizesse enxergar” (*idem*, p. 58). E seguindo ainda o movimento de crítica aos mecanismos de genderização do feminino na escrita clariciana, o jogo ambivalente de (des)estabilização perpassa também aí a questão da dificuldade de ter filhos, focalizada ao final do conto como condição de sofrimento e signo paradoxal de uma “estabilidade do desejo irrealizável” (*ibidem*).

O processo discursivo de modelização do feminino no âmbito do machismo estrutural é discutido, por outro viés, a partir do conto “A legião estrangeira”, que dá título ao livro. Nele, a narradora-personagem, que é ao mesmo tempo mãe, dona de casa e escritora – novamente numa espécie de figuração autobiográfica da autora –, reflete sobre seus encontros com a menina Ofélia, que todo tempo compara as atitudes dela às de sua mãe, reproduzindo com uma “voz de quem fala

de cor” (LISPECTOR, *op. cit.*, p. 75) o discurso normativo em relação ao papel da mulher no contexto da classe média. Durante esses encontros, o efêmero aparecimento de um pinto comprado na feira – índice de certa fragilidade vital – funciona como mobilizador de um desconcertante afeto em relação ao animal, tensamente figurado de maneira vivificada e reificada, além de gatilho para um processo de desordem emocional da menina. No conto, como já foi apontado antes, a ideia de estrangeiridade não se refere necessariamente ao não-brasileiro, e sim ao movimento de ressubjetivação provocado pela experiência. Além disso, o aproveitamento no título da expressão “legião estrangeira”, que remete historicamente ao exército de mercenários formado por pessoas de várias nacionalidades (embora criado pela França no século XIX), funciona como metáfora do não-pertencimento e do desenquadramento de fronteiras identitárias (sobretudo, do nacional). Neste conto, o texto de Clarice deixa patente, a meu ver, um equilíbrio tensivo que permeia toda sua obra, colocando o discurso em um entre-lugar de atravessamentos do tipo narrativo (marcado pela elaborada construção de espaço, personagens, diálogos, dinâmica temporal etc.) com a linguagem de caráter poético-reflexiva, imiscuída em todos os pontos da história.

Não só nesse conto que acabamos de comentar, o animal representa o elemento detonador da experiência do estranho e da problemática relação entre o eu e o outro. Como afirma Maria Esther Maciel, “os limites entre humano e não humano no universo literário clariciano são porosos, e muitas vezes se confundem” (MACIEL, 2017, n.p.). Em outros contos de *A legião estrangeira*, a questão da animalidade indica um diálogo interdiscursivo com o gênero fábula, mas sempre no sentido de subverter o caráter moralizante dessa discursividade. Em “Tentação”, ressalta-se, numa relato entremeado pela intertextualidade com o mito de Orfeu e Eurídice, o espanto do narrador, que apenas observa a cena, ao perceber uma possibilidade de comunicação (que logo se rompe) entre uma menina e um bassê numa rua do bairro do Grajaú, no Rio de Janeiro. Já em “Macacos”, entrecruzam-se, de maneira especular, reflexões sobre diversas formas de relação: entre mãe e filhos, dona de casa e macaca, humano e animal, classe dominante e subalternos. “A quinta história”, por sua vez, compõe-se como uma narrativa que recomeça sempre pela repetição do enunciado “queixei-me de baratas” (LISPECTOR, *op. cit.*, p. 58), seguida, de formas distintas, por relatos em torno do ato de matar baratas – prática, *a priori* considerada banal, mas que se torna aí representação da própria pulsão de morte, constitutiva do humano. A partir dessa estratégia discursiva, Clarice reflete, de maneira metalinguística, sobre a própria tradição da ficção narrativa, estabelecendo diálogo intertextual com *As mil e uma noites*, além de ironizar, mais uma vez, o racionalismo filosó-

fico pautado na ideia de transcendência.

Voltando ainda à questão do nacional, é interessante notar que, em “Viagem a Petrópolis”, Clarice já havia abordado, muitos anos antes da publicação de *A hora da estrela*, a questão social da migração nordestina para o Sudeste. Nele, a velha retirante maranhense Mocinha vem para o Rio de Janeiro e é abrigada – num tipo de relação que remete à memória da escravidão no Brasil – “no quarto dos fundos de uma casa grande, numa rua larga cheia de árvores, em Botafogo” (LISPECTOR, *op. cit.*, p. 44). Como a interseção entre velhice e demência irritasse alguns membros da família de classe abastada, a senhora foi abandonada na região serrana em frente à casa de um dos membros da família, casado com uma mulher alemã. Após “demorada confabulação” (*idem*, p. 49), o casal formado por uma alemã e um brasileiro decide expulsar Mocinha de sua casa, condenando-a a morrer faminta e sedenta em uma estrada de Petrópolis. Pode se perceber que neste conto a autora joga intencionalmente com aspectos relativos aos paradigmas socioculturais brasileiros, mas ao mesmo tempo, num dúplici movimento, mostra que a crueldade classista aproxima as atitudes tanto de brasileiros quanto de estrangeiros.

Já no conto “Os obedientes”, os temas da relação conjugal e do processo de separação são enfocados. O texto centra-se sobre um casal de protagonistas, alienados das mudanças políticas do país e completamente submissos às normas que regem os comportamentos sociais, descritos como uma espécie de “reserva militar” simbólica do *status quo* (LISPECTOR, *op. cit.*, p. 67). Devemos lembrar a importância deste gesto crítico num livro publicado no mesmo ano da instauração do Golpe Militar no Brasil. A narrativa alterna passagens focadas no marido e na esposa, refletindo sobre suas diferentes formas de relação com o tédio do dia a dia e com pequenas experiências cotidianas que conduzem paulatinamente à confrontação com o ‘estranho familiar’ e à irrupção dos desejos mantidos em segredo pelo mecanismo de recalque. A culminância do relato com o suicídio da mulher é atravessada pela referência ao mito bíblico de Adão e Eva e, novamente, Clarice desestabiliza aí vários lugares-comuns, atribuindo a esse ato considerado tabu os sentidos de desobediência positiva e de doação digna de gratidão.

Por fim, analiso aqui “A repartição dos pães”, no qual a intertextualidade com a Bíblia também aparece através da clara referência à Última Ceia. No conto, entretanto, a posição de Jesus é exercida pela figura feminina da “dona da casa” num almoço de sábado entre estranhos. Percebe-se aí uma crítica ao individualismo burguês e à perda do sentido de comunidade. O desejo de convívio com o outro, ainda que anônimo e desconhecido – chega-se a afirmar no texto, por exemplo, que “Pão é amor entre estranhos” (LISPECTOR, *op. cit.* p. 21) –, vai sendo

pouco a pouco recuperado pela hospitalidade ‘estranhamente generosa’ da mulher, em contraste com os padrões contemporâneos. Por meio do alimento, da mesa farta, acompanhada pelas sugestões sinestésicas de formas, cores, gostos, texturas e aromas, a escrita literária vai interpelando, por uma via mais hedonista do que necessariamente cristã, a fábula religiosa, destituindo não o prazer da interação com o universo narrativo ficcional, e sim o seu preceito dogmático e moralizante.

Considerações finais

Gostaria encerrar esta reflexão a respeito da obra de Clarice Lispector, centrada na leitura dos contos de *A legião estrangeira*, retomando, tal como fiz acima na seção analítica e também na seção a respeito da fortuna crítica sobre a autora, a questão do movimento pendular de desinvestimento/reinvestimento na narrativa ficcional, empreendido pela escrita clariciana. Em outro momento da famosa entrevista que Clarice concedeu à TV Cultura no ano de seu falecimento, ela diz o seguinte: “Antes dos sete anos eu já fabulava, já inventava histórias. Por exemplo, eu inventei uma história que não acabava nunca. É muito complicado pra explicar essa história como era”. Note-se nesse modo de falar sobre sua relação com a literatura uma reiterada afirmação da fabulação como seu principal meio de expressão, ao passo que já no âmbito dessa memória infantil ela indicia a presença do estranho (enquanto potência criativa) como elemento que desconstrói a estrutura composicional do gênero discursivo (cf. BAKHTIN, 2003[1952-53]), trazendo para a própria cena da escrita a questão da dificuldade de narrar, bem como o paroxismo que a fricção da língua(gem) com o ficcional produz no âmbito da enunciação, o que nos textos da vida adulta de Clarice resultou em muitas outras “histórias” que ocupam esse lugar de limiar: (in)terminável, (não-)recontável.

Retornando ainda à indagação que me coloquei no início deste ensaio, é possível afirmar que a estranheza que se desentranha da experiência cotidiana, do acontecimento banal ou do contexto familiar mobiliza a escrita de Clarice não na direção de um abandono absoluto da forma narrativa, mas rumo à performatividade do informe, configurado, dentre outras maneiras, por impactantes excursos de caráter ora descritivo-reflexivo, ora poético, no âmbito dessa discursividade. Desse modo, ela alcança uma dicção esteticamente revolucionária e provocativa no campo da literatura brasileira, ao mesmo tempo que indicia outras formas possíveis de relação literatura/vida, sujeito/alteridade, intervindo assim criticamente, a meu ver, no que Jacques Rancière define como “partilha do sensível” – noção entendida enquanto “sistema de evidências sensíveis que revela [...] a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas” (RAN-

CIÈRE, 2009, p. 15). Tal duplicidade significativa implicada nos efeitos metafóricos da ideia de ‘partilha/repartição’, como vimos, mantém diversas formas de diálogo com a literatura clariciana, apontando nela uma importante interface entre estética e política que nos convida a repensar, inclusive, a partir da discussão sobre a ética que envolve a ação intelectual/docente, o modo como temos, ou não, produzido (ou reproduzido) formas de partilha do literário nos espaços educacionais onde atuamos.

Referências:

AGAMBEN, G. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso [1952-53]. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

CAMPOS, Haroldo de. Introdução à escritura de Clarice Lispector [1978]. In: *Metalinguagem & outras metas*. São Paulo: Perspectiva, 2006, p. 183-188.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector [1943]. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970, p. 124-131.

CHAUI, Marilena. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adauto (org.) *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 31-61.

FREUD, Sigmund. O estranho [1919]. In: *Obras completas*, ESB, v. XVII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

LISPECTOR, Clarice. *A legião estrangeira* [1964]. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
MACIEL, Maria Esther. Conversa com Maria Esther Maciel: animalidade e literatura [entrevista realizada por Maria João Cantinho]. *Revista Caliban*, 2017.

MARTINI, André de; COELHO JR., Nelson. Novas notas sobre “O estranho”. *Tempo psicanalítico*, vol. 42, n. 2, Rio de Janeiro, p. 1-13, 2010.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.

PENNA, João Camillo. O nu de Clarice Lispector. *Alea*, vol. 12, n. 1, Rio de Janeiro, p. 1-14, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Ed. 34, 2009.

SANTIAGO, Silviano. A aula inaugural de Clarice. *Folha de SP*, São Paulo, 7 de dezembro de 1997.

SCHWARZ, Roberto. Perto do coração selvagem [1959]. In: *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981, p. 53-58.

TV CULTURA. *Panorama com Clarice Lispector* [entrevista realizada por Júlio Lerner]. São Paulo, 1977. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=ohHP1l2E->

VnU. Acesso em 03/03/2020.

WISNIK, José Miguel. *A matéria Clarice* [videoaula]. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2016. Link: <https://www.youtube.com/watch?v=PmAkOgaej04>. Acesso em 02/04/2020.

Letras Verdes: a atualidade das questões ambientais em Euclides da Cunha

por Anabelle Loivos Considera

Letras Verdes: a atualidade das questões ambientais em Euclides da Cunha

Anabelle Loivos Considera

Resumo

A atualidade do “letramento verde” na obra amazônica de Euclides da Cunha reside na insistência do escritor numa concepção de linguagem como vitalidade, como espaço de realização do homem e materialização da cultura, em todas as suas faces. Daí, elegermos a literatura amazônica de Euclides da Cunha como espaço possível para o diálogo com as falas sobre e do meio ambiente. Em suma, é possível entrever nos escritos amazônicos de Euclides o apogeu de um escritor e a necessidade de “traduzir” o interesse de seu pensamento e a beleza de sua densidade literária para o leitor de hoje.

Palavras-chave: Euclides da Cunha; Amazônia; ensaios; “letras verdes”.

Uma introdução – Euclides imaginado

Quase posso imaginar um Euclides, companheiro dos delírios da urbe, a entrar com o pé direito na Rua do Ouvidor e com o esquerdo sair de lá, batendo o pó dos sapatos e das rodas de tertúlias a que não conseguia se chegar, por desvio de rota.

Imagino, ainda, Euclides lendo Taine, Eça, o mais velho Graça – Graça Aranha – e a pilha de correspondências e opúsculos a ele enviados para o exercício do afeto cordial entre os pares: missivas e prefácios. O fiapo de cigarro de palha à boca, o espanto com as peripécias de seus menininhos internos na serra, de onde mandam notícias de notas escolares e reprimendas dos padres jesuítas.

Imagino Euclides com um olho de transbordo e outro muito vivo, ambos embrenhados na mata virgem desse sertão sem ficção chamado Brasil. O escritor que se evade da sombra de uma retórica republicanista para imaginar a pátria sua, toda cambinda, de índio brabo, de imigrantes, caiçaras e caboclos tapuias, no romance que não há.

Euclides tão sem jeito, tão sem prumo, nó de gravata sempre a se fazer: essa é a personagem de si, homem caboclo tenente desconfiado de todo, mas sem meias palavras; palavra inteira, inteireza de escrita de um Ésquilo errante. Filho

de janeiro: de um tal deus Jano cuja dupla face desloca o olhar ao passado e ao futuro. Euclides da Cunha, sem entrementes.

É este Euclides o que optou, na maturidade de sua vida e de sua escrita, pelo traçado de letras verdes em múltiplos artigos e ensaios amazônicos, trazendo à baila mais um Brasil que o Brasil não conhecia: o da floresta, o das comunidades ribeirinhas, o do ouro branco da borracha. Vamos conhecê-lo melhor, pois.

Para além de Os sertões... outro sertão: a Amazônia

Euclides da Cunha¹ geralmente é referenciado (e reverenciado, em igual medida) como autor da monumental obra *Os sertões*, fruto de suas andanças pelo interior da Bahia, enquanto correspondente do jornal O Estado de São Paulo. O escritor foi enviado para cobrir os estertores da guerra de Canudos para o periódico paulista, dirigido por Júlio de Mesquita, em 1897. Antes mesmo do seu epílogo, Euclides já escrevera para a imprensa diversos artigos propondo explicações para o fenômeno de insubordinação que estava ocorrendo no sertão baiano, desde 1886. Era o intelectual orgânico, habituê das rodas e tertúlias da rua do Ouvidor, tentando decifrar o “gnóstico bronco” representado por Antônio Conselheiro e seu séquito, depois de tantas andarilhagens acampado no que seu povo chamava poeticamente de “Belo Monte”, a fazenda velha de Canudos.

O livro de Euclides sobre a refrega – que deixou mortos pelo menos 30 mil brasileiros, somados o lado dos soldados do Exército e o dos habitantes de Canudos –, lançado cinco anos depois da guerra, em 02 dezembro de 1902, teve recepção calorosa nos meios literários. Costuma-se dizer que Euclides da Cunha “dormiu desconhecido e acordou famoso”. Atesta o sucesso do livro seu amigo rio-pardense, Francisco Venancio Filho:

Saído Os Sertões, aguardou apreensivo e desconfiado as primeiras notícias. Estas lhe chegaram ruidosas e enaltecedoras. Em pouco, de engenheiro apenas que era, passou a maior escritor brasileiro de seu tempo. Entre todas, a crítica lúcida

¹ Nascido em 20 de janeiro de 1866, na Fazenda da Saudade, município de Cantagalo-RJ, Euclides Rodrigues da Cunha só viveu em sua terra natal até os três anos de idade, até a morte da mãe, por tuberculose. Depois, foi enviado por seu pai, junto da irmã mais velha, para passar temporadas em Teresópolis-RJ, na casa de tios maternos, certamente por conta do clima mais favorável ao tratamento da doença que herdaria da mãe. Durante a juventude, Euclides chegou a morar em Teresópolis, São Fidélis-RJ, Rio de Janeiro e Salvador-BA. Já como engenheiro militar de obras públicas, passou por Campanha-MG, São Paulo, Santos-SP, Lorena-SP e São José do Rio Pardo-SP. Como diplomata e correspondente jornalístico, esteve ainda em Canudos e Manaus. É deste Euclides da Cunha “em viagem”, autor-errante que desejava adentrar o país para vivenciá-lo é que se fala, aqui – revelando uma espécie de missão patriótica cujos contornos de aprendizagem, experimentação e edenismo são, em muito, afeitos aos ideais romanescos do Euclides-leitor (CONSIDERA; SANGENIS, 2013).

de Araripe Júnior promoveu-o de “recruta a triunfador”. Em breve esgota-se a primeira edição. O sucesso era inédito, no Brasil, para o livro daquele tomo, nem versos, nem romance (VENANCIO FILHO, 1966, p. 40).

O ano de 1903 traz para o escritor fluminense Euclides da Cunha, então com 37 anos de vida, a notoriedade que mais tarde o faria figurar no panteão de imortais da ABL, mas também chega com dificuldades extremas na vida profissional: fracassam suas tentativas de ingressar na Escola Politécnica de São Paulo; é levado a vender por 600 mil réis à Editora Laemmert os direitos autorais da segunda edição de *Os sertões*, por dificuldades financeiras; demite-se da Superintendência de Obras Públicas do Estado de São Paulo, num contexto desfavorável de queda do preço do café, o que leva à redução dos vencimentos dos funcionários.

Já por essa época, consciente de que o seu trabalho com a escrita, além de ser o que de fato lhe agradava, era o responsável pelas delícias (dos aplausos) e pelos dissabores (pelo marasmo profissional) que lhe sobrevinham, Euclides revelou seu desejo de viajar ao Acre, que se tornara alvo de disputas territoriais entre o Brasil, o Peru e a Bolívia. Em carta escrita de Lorena, datada de 20 de fevereiro de 1903, Euclides da Cunha faz saber ao engenheiro belga Luís Cruls, sua intenção de ir à Amazônia: “Alimento, há dias, o sonho de um passeio ao Acre. Mas não vejo como realizá-lo. Nesta terra, para tudo faz-se mister o pedido e o empenho, duas coisas que me repugnam. Elimino por isto a aspiração – em que talvez pudesse prestar alguns serviços” (CUNHA, 2009, V. 2, p. 879).

Os artigos escritos por Euclides, neste ínterim, a *O Estado de São Paulo* e a *O Paiz*, retomam temas já candentes em *Os sertões*, e ampliam sua repercussão, revelando um autor que antecipa preocupações com o destino nacional. Em “Um velho problema”, de 1904, lê-se: “Para abalar a terra inteira basta-lhe um ato simplíssimo – cruzar os braços” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 103). São todos libelos de um autor que se sensibiliza com problemas das populações do recôndito interior, ensaiando uma espécie de tratado sobre as condições do trabalhador das ferrovias, do trabalhador do campo e, também, do trabalhador absorvido pela indústria fabril.

Em seu discurso de posse no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a 20 de novembro de 1903, talvez a maior glória para o próprio Euclides, homem de ciência por definição, o escritor fala da “ufania” que lhe “causa esta investidura” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 561), além de confessar:

“deixaram de atrair-me às aventuras de antigo caçador de miragens” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 561). Euclides da Cunha, que julgava estar trazendo à instituição “uma qualidade única e irreduzível, (...) a qualidade de Brasileiro” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 562), fez em seu discurso uma breve análise sobre a formação política brasileira, deixando transparecer seu ceticismo quanto aos rumos da República. Face às “notáveis vicissitudes da nossa existência coletiva, com os seus desvios, com os seus recuos” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 562), Euclides declarou-se: “Prefiro não deixar a atitude de curioso contemplativo, protegido pela obscuridade enobrecedora, mercê da qual passo por aí perfeitamente desconhecido, como um grego antigo transviado nas ruas de Bizâncio...” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 562).

A partir de 1904, Euclides da Cunha acaba ingressando de vez na seara temática que tomaria o resto de seus dias e de suas preocupações lítero-político-filosóficas: a grande, inóspita e desafiadora Amazônia, seu mais novo “sertão”. É importante entender que sertão, para Euclides, é um termo usado não apenas para designar um lugar geográfico e/ou social, mas a ideia de que, para além de um sertão, porém, existem muitos sertões – e que todos eles podem e devem ser tomados como metáforas do Brasil profundo. Nas páginas de *O Estado de São Paulo*, o escritor abriu um amplo debate sobre os conflitos de fronteira, condenando o envio de tropas brasileiras para o Alto Purus e defendendo uma solução diplomática que permitisse incorporar o território do Acre. Em *O Paiz*, defendeu uma nova “guerra dos cem anos” contra as secas do Nordeste, reclamando para aquela região a construção de açudes, poços e estradas de ferro, além do desvio das águas do rio São Francisco para áreas castigadas pela estiagem. Ideias inovadoras, para a época, e que nem Euclides nem os sertanejos viram ser transpostas do papel para a realidade, até os dias de hoje. Conforme ressalta Considera,

Quatro desses chamados “ensaios amazônicos” foram escritos antes mesmo do início da expedição, em maio de 1904, quando Euclides ainda estava no Rio: “Contrastes e confrontos”, “Conflito Inevitável”, “Contra os Caucheiros”, “Entre o Madeira e o Javari”, e depois inseridos na coletânea intitulada *Contrastes e Confrontos* (1907). Neles, Euclides discute o perigo iminente de uma guerra entre o Brasil e o Peru, face ao conflito de interesses entre os dois países na região amazônica. Toda essa produção nos dá conta do vivo interesse do escritor pela questão amazônica e chama a

atenção para a sua intensa “preparação” para o desvendamento da então inóspita região do Brasil, através da leitura de diversas monografias científicas e do exercício da escrita jornalística como forma de submeter suas ideias à apreciação da intelectualidade e dos gabinetes do poder (CONSIDERA, 2019, p. 88-9).

Depois de uma alentada conversa com José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco, em sua casa de verão da Westfália, em Petrópolis – tertúlia à qual o Barão costumava submeter todos os candidatos a postos na diplomacia brasileira, então –, e que teria durado cerca de cinco horas, Euclides foi nomeado, em 9 de agosto, chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, na fronteira entre o Brasil e o Peru. Contribuíram para isso o diplomata e historiador Oliveira Lima e o escritor e crítico literário José Veríssimo, que o recomendaram a Rio Branco, além do amigo e, também, diplomata Domício da Gama, que acompanhou a reunião. Mas não se pode deixar de destacar o preparo cuidadoso que o próprio Euclides fizera para a ocasião, lendo diversas monografias sobre a Amazônia e reafirmando as opiniões que já expressara em seus artigos posteriores a Os sertões sobre a região. Em carta ao pai, enviada de Guarujá e datada de 8 de agosto de 1904, Euclides descreve entusiasticamente o momento ímpar que então vivenciava:

Meu Pai

Acabo de receber do dr. Oliveira Lima um telegrama noticiando a minha próxima nomeação para a comissão de engenheiros para os limites do Peru. Não sei ainda em que cargo. De qualquer modo devo aceitar. Só terei a lucrar – como brasileiro que vai prestar um serviço à sua terra, como engenheiro que não pode ter um trabalho mais digno, e como escritor que não poderá ter melhor assunto... (CUNHA, 2009, V. 2, pp. 938-9).

Foi assim que Euclides da Cunha assumiu a importante missão de fazer o levantamento cartográfico do rio Purus, acompanhado dos representantes do Peru que vinham chefiados pelo capitão de corveta Pedro Alejandro Buenaño, numa região de muitos e históricos conflitos na fronteira entre os rios Purus e Juruá, onde caucheiros peruanos e seringueiros brasileiros travavam duras batalhas pela posse dos seringais, desde finais do século XIX. Imbuído desse espírito “bandeirante”, partiu do Rio de Janeiro, em 13 de dezembro, no vapor

Alagoas, rumo a Manaus, fazendo antes escalas em Vitória, Salvador, Recife, São Luís do Maranhão e Belém. Chegou ao porto final apenas no dia 30 de dezembro, com o coronel Belarmino de Mendonça, chefe da Comissão de Reconhecimento do Alto Juruá. Em carta de 1905 a Domício da Gama, Euclides assim descrevia a capital do estado do Amazonas: “... cidade estritamente comercial de aviadores solertes, zangões vertiginosos e ingleses de sapatos brancos (...) meio caipira, meio europeia” (CUNHA, 2009, V. 2, p. 969).

Em cada porto de paragem, Euclides da Cunha cumpriu diversos rituais inerentes ao seu cargo de chefia da comissão. Em Salvador e Belém, foi a redações de jornais, em busca de informações mais precisas sobre a região conflituosa. No Recife, ladeado por Oliveira Lima, visitou pessoalmente Clóvis Beviláqua; esteve, ainda, na Faculdade de Direito da capital, e conheceu várias igrejas e conventos de Olinda. Também em Belém, se encontrou com o zoólogo suíço-alemão Emílio Augusto Goeldi e com o botânico suíço Jacques Huber, ambos naturalistas do “Museu de História Natural e de Etnografia de Belém do Pará” – fundado em 1866 e que, a partir de 1902, passou a ser chamado de “Museu Paraense Emílio Goeldi”.

A tão ansiada partida para o Alto Purus, entretanto, nunca chegava, o que desagradou muitíssimo a Euclides. Já passara três meses do ano de 1905, de janeiro a abril, nesse compasso de espera, às voltas com os preparativos da expedição e com as burocracias que a emperravam. Nesse meio tempo, ficou hospedado, em Manaus, na Vila Glicínia, perto do reservatório do Mocó, residência do engenheiro Alberto Rangel, seu ex-colega da Escola Militar e responsável pela demarcação de seringais na região do rio Juruá-Mirim, junto com Firmo Dutra, igualmente engenheiro de formação militar, que esteve no Juruá envolvido com as pendências de fronteiras entre brasileiros e peruanos. Apesar da acolhida generosa e da ambiência agradável que lá encontrou – envolto por livros e prerrogativas de chefe de expedição –, Euclides foi acometido de febres palustres, em virtude do calor úmido da cidade, do qual reclama em diversas cartas a amigos e parentes, até mesmo com ironias – dizendo que “Deve ser admirável para o organismo das palmeiras” (VENANCIO FILHO, 1938, p. 143).

Nesse ínterim, Euclides ia observando, entre maravilhado e cauteloso, as intensas mudanças de paradigmas sociais operadas pelo vertiginoso ciclo da borracha: o crescimento da imprensa local; a opulência do Teatro de Manaus, onde se apresentavam as mais referenciadas companhias de espetáculos estrangeiras; a construção de escolas, largas avenidas e

calçamentos. Tomaria contato com os estudos de outros viajantes e homens da terra sobre a “Hileia prodigiosa” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 131), assinados por um William Chandless (explorador inglês que reconheceu algumas nascentes do rio Purus, fazendo um relato de todos os grupos indígenas que encontrou e chamando a atenção para a existência de uma vasta rede de comunicação e trocas entre os vales do Alto Madre de Dios e Ucayale e o Purus), ou ainda por um Manuel Urbano da Conceição (um nordestino que terminou o trabalho de reconhecimento de todas as nascentes dos afluentes do Purus, abrindo então caminho para o rápido e intenso povoamento do Acre).

Numa carta a Coelho Neto, enviada de Manaus, em 10 de março de 1905, Euclides da Cunha citou o título do livro que pretendia escrever sobre a Amazônia – Um paraíso perdido –, “... onde procurarei vingar a Hiloé maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVIII. Que tarefa e que ideal! Decididamente nasci para Jeremias destes tempos” (CUNHA, 2009, V. 2, p. 977). Noutra carta, esta a Alberto Rangel, datada de 20 de março, Euclides asseverava ao amigo o seu “destino de bandeirante”:

Realmente, creio tanto no meu destino de bandeirante, que levo esta carta de prego para o desconhecido com o coração ligeiro. Tenho a crença largamente metafísica de que a nossa vida é sempre garantida por um ideal, uma aspiração superior a realizar-se. E eu tenho tanto que escrever ainda... (CUNHA, 2009, V. 2, p. 987).

Finalmente, a 19 de março de 1905, o Itamaraty enviou a Euclides da Cunha as instruções oficiais para a realização da viagem ao Purus – o que, do ponto de vista estratégico, foi muito prejudicial aos expedicionários, que acabaram tendo de sair em plena vazante dos rios. A comissão brasileira partiu, então, em 5 de abril, às cinco horas da tarde, do igarapé São Raimundo, em Manaus, somando “47 pessoas incluídas as praças do contingente de linha”², divididos em duas lanchas (“Cunha Gomes” e “N.º 4”) e acompanhados por um batelão (batizado “Manuel Urbano”) abastecido de mantimentos e víveres, para sobrevivência do grupo na longa navegação pelos rios da selva amazônica.

2 Ofício do Paraná de Guajaratuba, 14-4-1905 (original no Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro). Cf. TOCANTINS, Leandro. Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992. p. 69

Há uma foto dessa “nossa flotilha” (vide figura 1, nos anexos), como a apelidou Euclides, feita por Arnaldo Pimenta da Cunha³. A expedição chegou à foz do Purus em 9 de abril, à 7 horas da manhã, e atingiu a foz do rio Chandless em fins de maio, conforme anotações de Euclides da Cunha em seu relatório.

As dificuldades que a comissão enfrentaria daí para frente seriam inúmeras, e maiores, talvez, do que a burocracia do Itamaraty, anterior à viagem. Além dos problemas de geografia física do local – em alguns trechos do percurso, os navegantes foram obrigados a abandonar as lanchas a vapor e continuar em canoas ou ubás⁴ a remo, ou arrastadas nas próprias costas, rio acima –, Euclides da Cunha deparou-se com o antagonismo do chefe peruano da comissão mista, Pedro Buenaño, com quem teve várias alterações.

Como se não bastassem apenas esses percalços, o batelão Manuel Urbano, que levava os mantimentos do grupo brasileiro, naufragou em 21 de maio de 1905, na altura de São Brás, no Médio Purus, fazendo com que os membros da comissão brasileira chegassem famintos ao Cujar, uma das cabeceiras do Purus. Em entrevista ao *Jornal do Commercio*, de Manaus, a 29 de outubro de 1905, Euclides assim descreveu o episódio do afundamento do Manuel Urbano:

Entretanto levamos ainda um mês para chegarmos à boca do Acre; quinze dias depois, 21 de maio, tivemos de estacar, antes da confluência do Chandless, em virtude do lamentável naufrágio do batelão Manuel Urbano, onde iam os nossos gêneros. Retidos pelo doloroso incidente, que nos desaparelhava de recursos precisamente à entrada do deserto, e impunha a reorganização da comissão enfraquecida justamente na ocasião em que deviam multiplicar-se as suas energias para investir com o desconhecido – somente em começos de junho abalamos da boca do Chandless para a frente (CUNHA, 2009, V.1, p. 655).

3 Arnaldo Pimenta da Cunha, primo de Euclides e auxiliar técnico do primeiro-tenente Alexandre Argollo Mendes na expedição ao Purus, viria a ser Professor de Astronomia na Escola Politécnica, em 1913, além de chegar ao posto de Prefeito de Salvador, em 1935. Infelizmente, as fotos realizadas por Arnaldo durante a expedição e organizadas em álbum pelo próprio Euclides da Cunha acabaram sumindo do Arquivo Histórico do Itamaraty, em 2003.

4 De origem indígena, o vocábulo “ubá” designa uma canoa composta por uma só peça, escavada em tronco de árvore ou feita de uma casca inteiriça, sem quilha. É um tipo de embarcação muito comum na Amazônia, e se presta à navegada de baixo calado.

Apesar de todos os empecos, os louros pela descoberta do mistério sobre o que uniria o Purus com os rios Ucayale (peruano) e Madre de Dios (afluente do rio Madeira ao norte da Bolívia) são creditados aos comandados de Euclides, que identificaram vários canais abertos pelos caucheiros e seringueiros que concorreram para tal ligação. Essa descoberta fixa, definitivamente, toda a extensão do afluente Purus do Amazonas em espaço brasileiro, legitimando a integridade do território nacional.

Um episódio bastante conhecido, protagonizado por Euclides da Cunha na Amazônia, foi o quase incidente diplomático ocorrido em 30 de junho de 1905, em Curanjá, povoado alemão dentro das fronteiras peruanas⁵. Consta que Karl Sharff, “o mais importante caucheiro peruano, dono da borracha desde Curanjá até Alerta” (PIZA, 2010, p. 196), resolvera oferecer um banquete aos chefes da comissão mista de reconhecimento do Alto Purus (vide figuras 2 e 3, nos anexos). Entretanto, na sala fartamente decorada para a recepção dos comensais, não havia sequer uma bandeira do Brasil, ao passo que se podiam ver muitas flâmulas e pavilhões peruanos. Euclides, brioso, ficou tocado com aquela situação acintosa, e teria se decidido pela simples retirada do evento, não fosse o fato de ter passado os olhos pela sala e ter visto várias folhas de palmeiras, contrastando em verde e amarelo, o que lhe daria a chance metafórica de uma resposta à altura da provocação dos alemães e peruanos. Tomando da palavra, revelou-se feliz por estar compartilhando daquele momento entre os convivas, principalmente por perceber “a requintada galanteria com que se tinha posto naquela sala a bandeira da nossa terra”:

(O espanto dos convivas foi absoluto!) Esclareci-o então dizendo-lhes que uma extraordinária nobreza de sentir fizera que eles ao invés de irem procurar no seio mercenário de uma fábrica a bandeira de meu país tinham-na buscado no seio majestoso das matas, tomando-a exatamente da árvore que entre todas simboliza as ideias superiores da retidão e da altura. E terminei: “Porque, srs. peruanos, a minha terra é retilínea e alta como as palmeiras...”

Não poderei dizer... o efeito dessas palavras, nem o constrangimento com que o chefe peruano e outros cumprimentaram-me declarando “que eu havia compreendido

5 A informação sobre o episódio do banquete em Curanjá também consta no “Diário da Marcha” (pertencente ao Arquivo Histórico do Itamaraty), redigido primeiramente pelo alferes Antonio Carlos Cavalcante de Carvalho e, após 22 de maio de 1905, por Arnaldo Pimenta da Cunha. O “Extrato do Diário de Marcha da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus” está reproduzido em PIZA, Daniel. Amazônia de Euclides – Viagem de volta a um paraíso. São Paulo: LeYa Brasil, 2010.

muito bem o pensamento deles...” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 841).

Euclides da Cunha publica, em 1906, na Revista Kosmos, o artigo “Entre os seringais”, no qual denuncia as condições de trabalho semiescravo nos seringais do Acre. Destacamos o belo final do texto, em páginas nas quais Euclides constrói o seu “novo sertanejo”, ancorado em uma existência “presente-ausente” nos longínquos espaços incivilizados da Amazônia:

O cearense aventureiro ali chega numa desapoderada ansiedade de fortuna; e depois de uma breve aprendizagem em que passa de brabo a manso, consoante a gíria dos seringais (o que significa o passar das miragens que o estonteavam para a apatia de um vencido ante a realidade inexorável) – ergue a cabana de paxiúba à ourela mal destocada de um Igarapé pinturesco, ou mais para o centro numa clareira que a mata ameaçadora constringe (...).

É o diagrama da sociedade nos seringais, caracterizando-lhe um dos mais funestos atributos, o da dispersão obrigatória. O homem é um solitário. Mesmo no Acre, onde a densidade maior das seringueiras permite a abertura de 16 estradas numa légua quadrada, toda esta vastíssima área é folgadoamente explorada por oito pessoas apenas. Daí os desmarcados latifúndios, onde se nota, malgrado a permanência de uma exploração agitada, grandes desolamentos de deserto...

Um seringal médio de 300 estradas corresponde a cerca de vinte léguas quadradas; e toda essa província anônima comportará, no máximo, o esforço de 150 trabalhadores.

Ora, esta circunstância, este afrouxamento das atividades distendidas numa faina dispersiva, a par de outras anomalias, que mais para adiante revelaremos, contribui sobremaneira para o estacionamento da sociedade que ali se agita no afogado das espessuras, esterilmente – sem destino, sem tradições e sem esperanças – num avançar ilusório em que volve monotonamente ao ponto de partida, como as “estradas” tristonhas dos seringais... (CUNHA, 2009, V. 1., p. 660-1).

Euclides da Cunha retornou a Manaus, porto de partida para a expedição ao Alto Purus, apenas em 23 de outubro de 1905; portanto, seis meses e meio depois de perfazer o itinerário de 6.400 quilômetros, contando a distância de ida e de volta. Vinha com o grupo em frangalhos, diminuído do original de quase 50 pessoas para pouco menos de 10 colaboradores. A aventura por rios e florestas foi extremamente lesiva à saúde de Euclides, que passou privações de comida e remédios, além de ter contraído malária. Já em 29 de outubro, Euclides concedeu uma entrevista para o *Jornal do Comércio*, da capital amazonense, em que destacou os feitos patrióticos de sua equipe e os seus próprios, expondo as dificuldades da epopeica viagem, sem esquecer relatos sobre a flora e a geologia da região percorrida. Na entrevista citada, “Os trabalhos da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus”, Euclides assim descreve um dos momentos mais telúricos e dramáticos da epopeia que possibilitou a penetração e a exploração do que viria a ser o território acreano:

O sol descia para os lados do Urubamba... Os nossos olhos deslumbrados abrangiam, de um lance, três dos maiores vales da terra; e naquela dilatação maravilhosa de horizontes, banhados no fulgor de uma tarde incomparável, o que eu principalmente distingui, irrompendo de três quadrantes e trancando-os inteiramente – ao sul, ao norte, ao leste – foi a imagem arrebatadora de nossa pátria que nunca imaginei tão grande (CUNHA, 2009, V. 1, pp. 658-9).

Euclides ainda redigiria, em Manaus, o relatório final da expedição, em comum acordo com o comissário peruano. Mas o texto só seria concluído em 16 de dezembro de 1905. No dia 18 desse mesmo mês, tomou o navio “Tennyson” para o Rio de Janeiro, chegando à capital federal em 5 de janeiro de 1906. O herói do Purus misturou-se aos anônimos que desembarcaram, e começou uma outra viagem, de retorno (possível?) aos fragmentos de si, de sua família, esposa, filhos e saudades.

Letras verdes em Euclides da Cunha

O largo interesse manifesto nos escritos de Euclides da Cunha por questões ecoambientais fez com que ele aceitasse a tarefa de prefaciар, em agosto de 1907, a obra *Inferno verde*, livro de relatos amazônicos de Alberto Rangel, publicado

no ano seguinte. Em seu prefácio, Euclides propõe uma “guerra de mil anos contra o desconhecido”, que resultará em triunfo ao “arrancarem-se os derradeiros véus da paragem maravilhosa [a Amazônia], onde hoje se nos esvaem os olhos deslumbrados e vazios” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 593). O elogioso preâmbulo de Euclides da Cunha ficaria mais famoso do que a própria obra prefaciada. Nele, Euclides registra:

A Amazônia, ainda sob o aspecto estritamente físico, conhecemo-la aos fragmentos. (...) A terra ainda é misteriosa. O seu espaço é como o espaço de Milton: esconde-se em si mesmo. (...) Realmente, a Amazônia é a última página, ainda a escrever-se, do Gênese (CUNHA, 2009, V. 1, pp. 592; 593; 595).

A dicção euclidiana aponta, desta forma, para uma espécie de “historicismo em clave de drama”, através do qual se pactua com o leitor uma narrativa imaginosa que possa, em todo o seu pathos⁶, enredar tempos e espaços, documentos e juízos críticos, num só discurso. A máxima do consórcio entre a ciência e a arte sintetiza, assim, a escrita de Euclides da Cunha. Embarcando profundamente na literatura científica ou mesmo ficcional sobre viagens, o caboclo de Cantagalo adere ao projeto iluminista dos viajantes naturalistas, conjugando um olhar municiado – que atendia aos anseios classificatórios e enciclopedistas de então – a um outro, artístico, justamente no que tange à “escrita verde” – que opera o deciframento de uma pátria esquecida nos sertões e de todos os seus “outros”, mitigados pelo processo civilizatório. Por tudo isso, Euclides da Cunha se qualifica como um intelectual de vanguarda no que tange às preocupações com os impactos ambientais, ecológicos e sociopolíticos das entradas promovidas pelos ideais de ordem, civilização e progresso da nascente república brasileira.

Em sua ecoescrita “Fazedores de Desertos”, um dos mais pungentes textos de *Contrastes e Confrontos* (1907), Euclides antecipa questões cruciais para a preservação do meio ambiente, denunciando o modelo perverso de ação do homem e do capital sobre a natureza: “Porque o homem, a quem o romântico historiador negou um lugar no meio de tantas grandezas, não

⁶ Termo comum à teoria da literatura, a palavra grega pathos significa paixão, excesso, catástrofe ou passagem. Segundo Descartes, filósofo que cunhou o conceito, não existe pathos senão na mobilidade e na imperfeição. Em última estância, podemos dizer que o pathos se trata de uma experiência humana representada pelo viés da arte, evocando a participação compassiva do “leitor” desta obra artística.

as corrige, nem as domina nobremente, nem as encadeia num esforço consciente e sério. Extingue-as” (CUNHA, 2009, V. 1, p. 90).

Daí o quadro lastimável descortinado pelos que se aventuram, nestes dias, a uma viagem no interior – varando a monotonia dos campos mal debruados de estreitas faixas de matas, ou pelos carregadores longos dos cafezais requeimados, desatando-se indefinidos para todos os rumos – miríades de esgalhos estondados quase sem folhas ou em varas, dando em certos trechos, às paisagens, um tom pardacento e uniforme de estepe...

Mas é natural o fenômeno. Nem é admissível que ante ele se surpreendam os nossos lavradores, primeiras vítimas dessa anomalia climática.

Porque há longos anos, com persistência que nos faltou para outros empreendimentos, nós mesmos a criamos.

Temos sido um agente geológico nefasto, e um elemento de antagonismo terrivelmente bárbaro da própria natureza que nos rodeia.

É o que nos revela a história (CUNHA, 2009, v. 1, p. 87).

Desta forma, muito antes da legitimação de conceitos como “ecologia”, “responsabilidade social” e “questões ambientais”, Euclides soube fazer uma ampla e importante reflexão sobre a Amazônia como “terra sem história”, onde os processos de exclusão social seriam tão ou mais severos quanto os que havia presenciado nos sertões da Bahia, em plena Guerra de Canudos.

Considerações finais

A grande ruptura da nacional narrativa modernista de Euclides encerra a opção pela escrita como o verdadeiro instrumento de transplante da civilização para a selva(geria). Na missão à Amazônia, Euclides da Cunha fez-se novamente “viajante-narrante”, numa epopeia ao extremo-norte para demarcar limites e fazer uma exploração topográfica. Entretanto, não levava consigo, apenas, os então precários instrumentos de medição, como o sextante, mas “cem, duzentos olhos, mil olhos perscrutadores” (Cunha, 2009a, v. 2, p. 193), como já enunciava em Os sertões. Para um dos mais importantes biógrafos de Euclides, Sylvio Rabello:

O engenheiro que fora ao extremo norte demarcar o traçado de um rio e desvendar-lhe as cabeceiras desconhecidas, não levava apenas os instrumentos de precisão, mas sobretudo grandes e espantados olhos de observador. Olhos que viam tudo como em análise espectral. Vendo na Amazônia mais do que uma natureza. A outro viajante mais apressado ou mais descuidado, essa natureza pareceria só como num estado de preparação para a vida: o homem, os animais e as plantas vivendo quase do favor das águas. Para Euclides não. Ele viu o drama do homem no seu desesperado esforço de sobrevivência. O seringueiro trabalhando para ser cada vez mais escravo (RABELLO, 1983, p. 284).

Para nossa conclusão trazemos um pequeno trecho de uma das peças de maior lirismo da obra amazônica de Euclides da Cunha, verdadeira joia da literatura brasileira que nos sugere imagens verdejantes de um espírito conciliador entre o homem e a poética (nem sempre cálida e muitas vezes sofrida) de sua inserção no meio ambiente:

Judas-Ahsverus

No sábado da Aleluia os seringueiros do Alto-Purus desforram-se de seus dias tristes. É um desafoço. (...)

Nas alturas, o Homem-Deus, sob o encanto da vinda do filho ressurreto e despeado das insídias humanas, sorri, complacientemente, à alegria feroz que arrebenta cá embaixo. E os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes. (...)

É um doloroso triunfo. O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vinga-se de si mesmo: pune-se, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; (...)

E Judas feito Ahsverus vai avançando vagarosamente para o meio do rio. Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de rifles aquele botafora. (...)

Caminha. Não pára. Afasta-se no volver das águas. Livra-se dos perseguidores. Desliza, em silêncio, por um estirão

retilíneo e longo; (...)

E vai descendo, descendo... Por fim não segue mais isolado. Aliam-se-lhe na estrada dolorosa outros sócios de infortúnio; outros aleijões apavorantes sobre as mesmas jangadas diminuta entregues ao acaso das correntes, (...)

Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos – lá se vão, em filas, um a um, vagarosamente, processionalmente, rio abaixo, descendo... (CUNHA, 2009, V. 1, p. 175-180).

Referências bibliográficas

CONSIDERA, Anabelle Loivos. *Sertão, selva e letra: Euclides da Cunha em atavessamentos*. Niterói-RJ: EdUFF, 2019.

_____.; SANGENIS, Luiz Fernando Conde. *Euclides da Cunha: da face de um tapuia*. Niterói: Nitpress, 2013.

CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966. V1.

_____. *Obra Completa*. Organização Paulo Roberto Pereira. 2.^a ed., Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. 2V.

_____. *O Rio Purus*. Rio de Janeiro: SPVEA, 1960.

PIZA, Daniel. *Amazônia de Euclides – Viagem de volta a um paraíso*. São Paulo: LeYa Brasil, 2010.

RABELLO, Sylvio. *Euclides da Cunha*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1983. (Vera Cruz, 103.)

TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992.

VENANCIO FILHO, Francisco. *Euclides da Cunha a seus amigos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1938. (Biblioteca Pedagógica Brasileira. Serie 5.^a – Brasileira – Volume 142.)

_____. “Retrato Humano.” In: CUNHA, Euclides. *Obra Completa*. Organização Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1966. V1. p. 33-44.

Anexos



Figura 1: A fotografia “A nossa flotilha” foi publicada primeiramente em CUNHA, Euclides da. *O Rio Purus*. Rio de Janeiro: SPVEA, 1960. Euclides está marcado com uma seta.

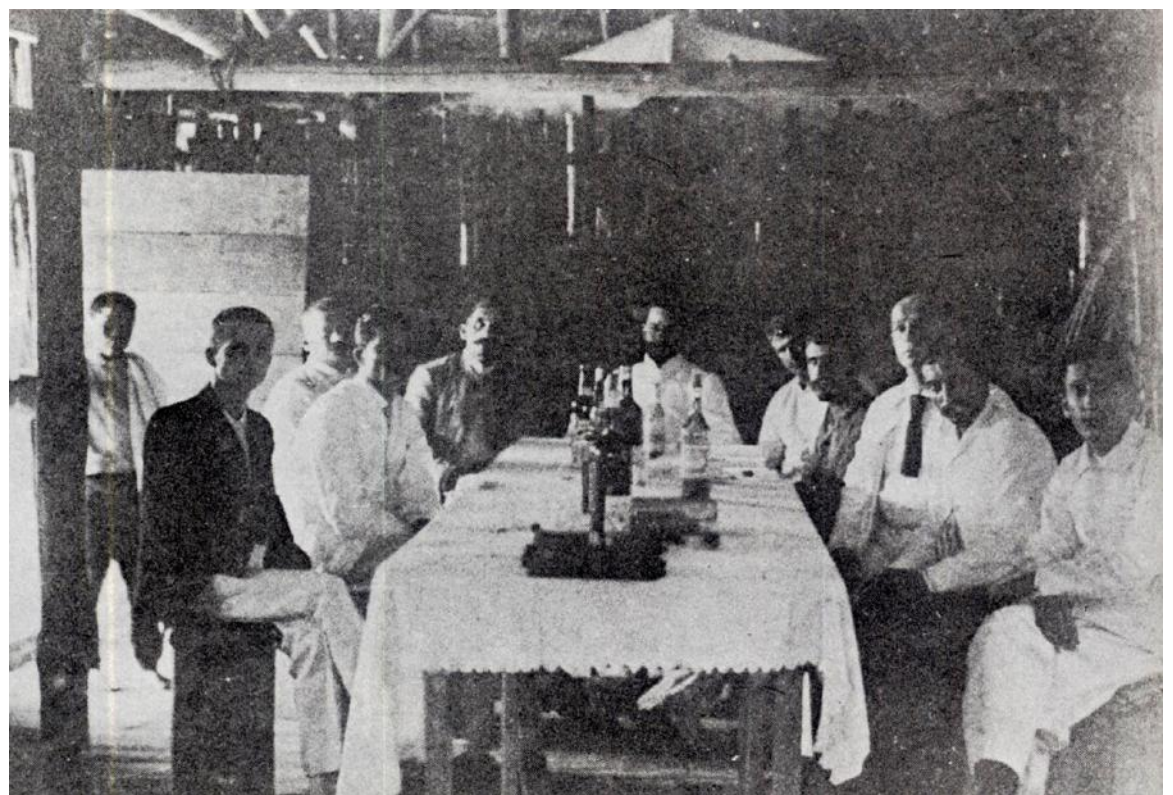


Figura 2: A fotografia do banquete em Curanjá, feita por Arnaldo Pimenta da Cunha. In: TOCANTINS, Leandro. *Euclides da Cunha e o Paraíso Perdido*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1992. Euclides está marcado com uma seta.



Figura 3: A fotografia do barracão com a bandeira peruana, cuja reprodução pertence à Mapoteca do Itamaraty (não foi publicada em livros).

Compartilhar leituras, semear palavras e afetos

por Nínia Parreiras

Compartilhar leituras, semear palavras e afetos

Ninfa Parreiras

Resumo

Como é o processo de escrita da autora Ninfa Parreiras? Os labirintos da escritura literária e dos ensaios. Das leituras e brincadeiras na infância ao mundo contemporâneo. Tipos de textos, inspirações e a lapidação das palavras. A escrita como ato terapêutico, os temas dos livros e a literatura como arte para todas as idades.

Palavras-chave: Escrita; Livros para Infância; Subjetividade; Artesania de palavras; autora Ninfa Parreiras.

Introdução: Por que escrevo?

Falar sobre a literatura é falar de tudo que tenho desenvolvido nos últimos anos, no campo pessoal e profissional. Trabalho em diferentes ofícios, com as escritas e os sentimentos. Atuo como professora, psicanalista/psicóloga, escritora e produtora cultural. Gosto de transitar entre as palavras e de lidar com gente. Acredito na possibilidade das mudanças subjetivas, como um re-nascer, um reinventar-se a cada dia. O escrever e o falar nos propiciam isso.

Curiosamente, o mar nos ensina muito. Aliás, os rios, as florestas, as serras, as chuvas e as secas. Impressionante como na natureza tudo muda e vive em torno dos ciclos. Ficamos leves quando nos conectamos com esses movimentos. Quando podemos reparar que, num mesmo dia, a serra tem cores diferentes. E cheiro, perfume, textura...

Ora sinto que meus materiais de trabalho são a pá, a enxada, o ancinho e o regador nas mãos. Para cavar a terra, afofar, aparar ervas daninhas. O texto é terra a ser lavrada.

Ora sinto que tenho uma serra, uma broca, uma lixa e uma lima para lapidar. O texto é pedra bruta. Ou toco de madeira.

A escrita é artesanal. Ela é força, trabalho pesado, custa tempo e disponibilidade subjetiva para mergulhar nas angústias e nos sonhos. Escrevo para mim, antes de tudo. Não penso em temas nem em faixas etárias. A escrita me convoca.

Participo de um mundo social, logo, o que escrevo é para todos os leitores que puderem ler. É minha responsabilidade escolher o melhor que faço para compartilhar com os outros. Lapidar e lavrar os textos que serão publicados e/ou postados nas redes sociais.

Apresentação: Como escrevo?

Ao escrever, tento praticar uma artesanania com as palavras. Há um primeiro momento - o desabafo com uma livre associação de ideias. Um desenrolar de emoções. Algo parecido com uma sessão de psicanálise. As coisas chegam sem pedir licença e se apresentam como é possível. São representações simbólicas.

Já no segundo momento, este sim, é trabalho de paciência. Dia após dia, palavra puxa palavra. É pôr a linguagem *na mão na massa*, naquilo que temos de mais nosso, a língua – Pátria, mãe, berço.

Tenho um enorme amor pela Língua Portuguesa e por suas nuances e sotaques. Chego a absorver variações musicais da língua quando viajo e/ou convivo com falantes de acentos diversos. Isso é delirante! Você fala aqui, no Sudeste, alguém lá no Norte vai te entender. Ao mesmo tempo, pode não te entender, justamente por conta das singularidades de cada lugar, das variações linguísticas.

O que mais gosto é do segundo momento da escritura. Corta daqui, subentende dali. Ler, reler e brincar com musicalidades e detalhes das palavras. Burilar aqui e lá. É uma parte misteriosa, que vou descobrindo: segredos e variações na escrita, com as polissemias, as figuras de linguagem, as intertextualidades, o ritmo, a melodia do texto.

Discussão: O que foi plantado na infância

Antes da escrita, vem a leitura, um processo que não temos domínio sobre ele. Tenho gosto eclético para ler: romances, contos, novelas, crônicas, poesia, dramaturgia. E adoro ler e apreciar textos de filosofia, psicanálise, biografias, fotojornalismo, artes, gastronomia, religiosidade, mitologias, história.

Ser escritora não fazia parte dos meus sonhos, nem dos meus planos. Sempre gostei de escrever e das aulas de Composição (hoje, redação), quando estava no Grupo Escolar, na minha cidade natal.

Preciso escrever, me organizo na escrita, funciona como uma catarse. A escrita é assumidamente terapêutica para mim. Eu me tranquilizo ao escrever.

Desde que comecei a desenhar com as letras, lá atrás, na infância, fazia cadernos, pequenos textos, com sentimentos e sensações experimentadas. Sem

pretensões. Era uma distração.

Com o passar do tempo, criava textos em versos, poemas, pequenos contos. Ainda não sabia dizer o que era, e, aos poucos, percebi que alguns textos podiam ser trabalhados literariamente. Hoje, na escrita de ensaios, de textos teóricos, também costumo incluir pequenos poemas.

Fui fazer Letras na Faculdade. Li e estudei muita coisa, em três universidades diferentes, em três cidades. Pouco a pouco, fui vendo com olhos críticos e exigentes o que eu produzia. Antes dos quarenta anos, não me autorizei a compartilhar minha escritura.

Foi preciso escrever muita coisa, passar a limpo, guardar, encher as gavetas. Voltar de novo nos textos. E descobrir que escrevo para mim, sim, mas escrevo também para os outros.

Trabalhei com literatura para a infância e a juventude, desde que eu era estudante na graduação de Letras, como pesquisadora e especialista da FNLIJ – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, no Rio de Janeiro (RJ), por muitos anos. Tive contato com tudo o que o envolve o livro para crianças: leitura, seleção, crítica, exposição, tradução, feiras de livros, concursos literários, prêmios nacionais e internacionais, resenhas de livros para jornais, recomendações de leitura, pesquisa sobre leitura, projetos e programas de leitura etc. E tive aproximação com os profissionais da área: escritores, ilustradores, editores, professores, pedagogos, revisores, mediadores de leitura, bibliotecários, livreiros, divulgadores, jornalistas, críticos de literatura, fotógrafos. A experiência que vivi lá foi uma formação para mim e a trago até hoje no trabalho que desenvolvo.

Durante longo tempo, eu conseguia fazer meus escritos principalmente quando viajava. Com tempo para dialogar com o que via e sentia, me permitia escrever livremente, sem ser para uma demanda externa. Havia algo dentro de mim que me convocava a escrever.

Com um distanciamento da lida diária, começava a me soltar e a me permitir ocupar a página. A minha análise pessoal me ajudou. Trabalhei intensamente o material onírico, com isso, afloraram ficções coladas à própria realidade. Aquilo seria literatura?

Anotava sensações, coisas que mexiam com os pensamentos, o corpo. Fotografava o miúdo que me chamava a atenção. No retorno das viagens, textos, histórias, poemas atrelados a fotos, a pessoas e a situações.

A imagem é alguma coisa que me captura. Gosto de ser desafiada pela foto ou pintura. Isso me remete às aulas de Composição, quando a professora mostrava uma gravura e pedia um texto. Eram imagens simples, em geral, bem diferentes daquele universo do interior mineiro. Havia montanhas de neve, tendas em deserto

de areia, gordas vacas leiteiras nos montes gelados, um pôr do sol entre cabanas de bambus. Era algo tão ficcional, que eu me sentia motivada a escrever!

Outra coisa que me captura é a escuta. Sou de família numerosa, com uma casa que não fechava a porta para a vizinhança e para os familiares. Entrava e saía muita gente, em busca de ajuda, para oferecer um molho de couve, um fubá mimoso. Ou para buscar uns ovos caipiras do quintal de casa.

Meu pai era um autodidata, na homeopatia e na fitoterapia. Era um raizeiro nato, conhecia plantas, árvores, folhagens e flores. Ele recebia pessoas com as doenças mais esquisitas (gota, reumatismo, varíola, lepra, sarampo, difteria). Eu ouvia de rasante os lamentos, as queixas, as curas. A gente não podia falar nada, as vozes vazavam pelo forro de madeira da casa. Eu sabia que aquilo era sigiloso. Assustada, ficava dialogando com os meus botões sobre os lamentos dos outros.

Minha mãe era doceira, de pouca fala. Estabeleceu códigos silenciosos e não verbais com os filhos. Eu ficava atenta à suas expressões na testa, nos olhos, nos lábios. Aprendi, com ela, a traduzir sentimentos para os pontos das comidas no fogão à lenha: tachos de doces, tabuleiros de biscoitos, caldeirão de feijão, angu batido.

De modo que isso tudo me povoa até hoje. É uma população de memórias, sensações e fragmentos de falas e murmúrios que preciso arrumar dentro de mim. E o papel é o melhor território para essa gente toda ocupar e se expandir.

Não costumo selecionar gêneros para escrever. Nem a faixa etária do meu (possível) leitor. Seria pretenciosismo da minha parte. Escrevo de acordo com o meu termômetro interno e minha disponibilidade de tempo.

Tampouco seleciono assuntos para escrever. Eles me escolhem. Costumo escrever sobre questões difíceis, como a tristeza, a morte, o desamparo. Isso faz parte da minha rotina e não me sinto desconfortável em escrever sobre isso. Não acredito numa literatura previsivelmente com final feliz. Teria a vida um final feliz sempre, para todos? Os limites entre ficção e realidade são teias de aranha. Vou tateando nas linhas.

Minha escrita não nasce pronta, custa trabalho de musculação com as palavras. Ou de ioga. Por isso, falei em instrumentos de trabalho associados à terra/ao cultivo ou à lapidação de pedras e de madeira. Preciso de um tempo para burilar o escrito.

Com o passar do texto na gaveta, ou do arquivo no computador, percebo se ele vai ser lido para outras pessoas. E se vou publicar ou postar nas redes sociais. É um feeling que tenho depois de ler e reler.

Os textos podem seguir para as editoras de acordo com critérios bem seletivos. Sobre as ilustrações, não sou eu quem escolho os profissionais. Posso

sugerir um nome, mas são as editoras que convidam os ilustradores.

Não tenho nenhum controle sobre o caminho do livro até o leitor. Já me surpreendi com obras que escrevi sobre a morte, as partidas. E foram bem lidas por crianças pequenas e também para bebês. Tenho livros que trazem brincadeiras de palavras e os adultos gostam tanto, a ponto de guardar embaixo do colchão. Já me confessaram isso!

Admiro e respeito os mediadores de leitura, os contadores de histórias, os professores - os profissionais dos livros e da leitura. São eles que levam adiante as histórias nesse Brasilão nosso.

O que sugerir a quem escreve ou quer escrever? Leitura! Ler livros e autores de épocas diferentes, de gêneros variados. Conhecer os clássicos, quem veio antes de nós, é fundamental. E anotar seus textos, rascunhar, passar a limpo, lapidar... O tempo para o texto ser compartilhado vai chegar, sem pressa.

Conclusões: A escrita é terapêutica

A escrita me deixa mais leve. Quando escuto, vejo ou fico sabendo de algo que me cutuca, consigo ficar serena depois que escrevo. Aquilo pode me acompanhar, vai e volta. Volta e vai. Saio de casa, me lembro do que escutei. Ou de algo que vivi. Uma coisa que me assombrou, me surpreendeu. Volto para casa e aquilo volta comigo. E me acompanha no sono. As convocações para escrever chegam do meu mundo interno.

Então, escrevo! E quando escrevinho, fico sensivelmente organizada. De bem comigo.

Tenho total consciência que, ao escrever, sublimo. Sou lagarta que se transforma em borboleta ou em mariposa. Vivo metamorfoses delirantes no processo da escrita. Ele só acontece porque tenho um terreno com terra a ser cuidada, as leituras e toda a bagagem afetiva e brincante que tento cultivar. Escrever me liberta e rompe as amarras.

Tentativa de distribuir meus livros em temas:

Com viés social: A velha dos Cocos; Donana e Titonho.

Viés histórico: O Morro do Castelo; Histórias d'além mar.

Viés ambiental: Encontros d'água: sete contos d'água; Coisas que viram outras.

Descobertas da infância: Com a maré e o sonho; Um mar de gente; Um teto de céu; Poemas do tempo; Coisas que chegam, coisas que partem.

Desamparo: O mergulho no espelho; Lá no alto; O menino no beco da pipa; Com fio.

Teóricos: Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê; Do ventre ao colo, do som à literatura – Livros para bebês e crianças; O brinquedo na literatura infantil: uma leitura psicanalítica; Janelas da escrita: memória de Bartolomeu Campos de Queirós.

Organizados: Cuentos infantiles brasileños; Depois do Silêncio: Escritos Sobre Bartolomeu Campos de Queirós; Contos e poemas para ler na escola: Bartolomeu Campos de Queirós; Contos e crônicas para ler na escola: Nei Lopes; Mapas literários: um Rio de histórias; Miudezas; Janela Poética; Galhos no abismo; Conta-contos; Miscelâneas poéticas; Revista Philos Centro Educacional Anísio Teixeira – CEAT; Revista Philos 50 anos Centro Educacional Anísio Teixeira – CEAT / Homenagem a Chico Buarque; Nuvem.

Referências:

Ensaaios (não-ficção)

PARREIRAS, Nínia. *Confusão de línguas na literatura*: o que o adulto escreve, a criança lê. Belo Horizonte: RHJ, 2009.

_____. *Do ventre ao colo, do som à literatura* – Livros para bebês e crianças. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

_____. *O brinquedo na literatura infantil*: uma leitura psicanalítica. São Paulo: Biruta, 2009.

_____. *Janelas da escrita*: memória de Bartolomeu Campos de Queirós. Belo Horizonte: Fundo Estadual de Cultura, MG, 2018.

Literatura Infantil

PARREIRAS, Nínia. *Com a Maré e o Sonho*. Belo Horizonte: RHJ, 2006.

_____. *A Velha dos Cocos*. São Paulo: Global, 2006.

_____. *Um teto de céu*. São Paulo: DCL, 2009.

_____. *Encontros D'água* – sete contos d'água. São Paulo: Scipione, 2009.

_____. *O morro encantado*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *O Mergulho no Espelho*. Curitiba: Positivo, 2010.

_____. *Lá no alto*. Curitiba: Positivo, 2010.

_____. *Cuentos infantiles brasileños*. San José, Costa Rica: Embajada del Brasil en Costa Rica, 2011.

_____. *Um Mar de Gente*. São Paulo: Girafinha, 2007/Rovelle, 2014.

_____. *Donana e Titonho*. São Paulo: Paulinas, 2018.

Poesia

PARREIRAS, Nínia. *Coisas que Chegam, Coisas que Partem*. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. *Poemas do Tempo*. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *O menino no beco da pipa*. São Paulo: Larousse, 2009.

Literatura Juvenil/EJA

PARREIRAS, Nínia. *Com Fio*. São Paulo: Larousse Jovem, 2010.

_____. *Histórias d'além mar*. São Paulo: Paulinas, 2013.

_____. *Coisas que viram outras*. Nova Friburgo: In Media Res, 2019.

Livros de não ficção (informativos)

PARREIRAS, Nínia. *Relações afetivas*. São Paulo: DCL, 2010.

_____. *Direitos humanos e ECA, volumes 1 e 2*. São Paulo: DCL, 2010.

_____. *Família, volumes 1 e 2*. São Paulo: DCL, 2010.

_____. *Orientação sexual, volumes 1 e 2*. São Paulo: DCL, 2010.

Coletâneas, como organizadora:

PARREIRAS, Nínia. *Cuentos infantiles brasileños*. São José, Costa Rica: Embajada del Brasil en Costa Rica, 2011.

_____. *Depois do Silêncio: Escritos Sobre Bartolomeu Campos de Queirós*. Belo Horizonte: RHJ, 2013.

_____. *Contos e poemas para ler na escola: Bartolomeu Campos de Queirós*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

_____. *Contos e crônicas para ler na escola: Nei Lopes*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

_____. *Mapas literários: um Rio de histórias*. Rio de Janeiro: Rovelle, 2015.

_____. *Miudezas*. Rio de Janeiro: Selo Cartonera Carioca, 2016.

_____. *Janela Poética*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, 2017.

_____. *Galhos no abismo*. Rio de Janeiro: Edições Chave da Torre, 2017.

_____. *Conta-contos*. Rio de Janeiro: Cartonera Carioca/Quase Oito, 2017.

_____. *Miscelâneas poéticas*. Rio de Janeiro: Selo Cartonera Carioca/Quase Oito, 2018.

_____. *Revista Philos Centro Educacional Anísio Teixeira – CEAT*. Rio de Janeiro: Revista Philos, 2018.

_____. *Revista Philos 50 anos Centro Educacional Anísio Teixeira – CEAT / Homenagem a Chico Buarque*. Rio de Janeiro: Revista Philos, 2019.

_____. *Nuvem*. Rio de Janeiro: Cartonera Carioca/Quase Oito, 2019.

Em co-autoria:

PARREIRAS, Nínia. *Da África e Sobre a África: Textos de Lá e de Cá*. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. *Navegar pelas letras, literaturas de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. *Histórias de Papagaios, com Bartolomeu Campos de Queirós*. Papagaios: Prefeitura Municipal de Papagaios & SESC, 2012.

_____. *Ciranda de Traços e Letras na Pré-Escola*. Belo Horizonte: RHJ, 2019.

_____. *Acalanto de Brincadeiras e Interações na Creche*. Belo Horizonte RHJ, 2019.

A trajetória d'O Pasquim: um alternativo que se tornou empresa (1969-1991)

*por Andréa Cristina de
Barros Queiroz*

A trajetória d'O Pasquim: um alternativo que se tonou empresa (1969-1991)

Andréa Cristina de Barros Queiroz

O Semanário da patota de Ipanema

O Pasquim foi um semanário que surgiu em 26 de junho de 1969 como um jornal de bairro. Em especial, de um bairro da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro – Ipanema –, um reduto bastante elitizado e cosmopolita. É certo que nem todos os seus jornalistas eram cariocas. Alguns vinham de Minas Gerais, outros do sul e do nordeste do país, mas na confluência de trajetórias distintas constituíram um jornal a partir das referências daquele microcosmo, lugar no qual a maioria residia e com o qual se identificava.

Havia uma “aparente” liberdade entre os jornalistas d'O Pasquim, em relação à organização interna da redação e às escolhas dos temas por eles abordados. A redação não se pretendia hierarquizada e nem existia uma pauta definida entre os colaboradores a ser seguida. Era um lugar de confronto de ideias e de sociabilidade. Mas, isso não quer dizer que existisse a ausência de conflitos e desacordos e até mesmo rachas na equipe. O Pasquim foi libertário quando trouxe questionamentos e críticas acerca do conservadorismo da sociedade, em especial da classe média, da qual a maioria dos colaboradores era originária; assim como, sobre o autoritarismo dos governos civil-militares. E também quando dialogavam com o cenário da contracultura, como Luís Carlos Maciel, que na sua seção Underground, no semanário, discutia temáticas como a liberação sexual, o uso de drogas, a juventude hippie e o rock and roll. Contudo, também havia opiniões mais conservadoras, impregnadas por posturas fortemente machistas e por críticas ao movimento feminista e ao dos homossexuais, posições e comportamentos tão arraigados na cultura política brasileira, refletindo nas páginas do jornal um grande paradoxo.¹

Não podemos rotular O Pasquim, nem aos seus jornalistas, fixando sua estética em conservadora ou libertária, uma vez que eles poderiam atender tanto a uma quanto a outra concepção. O Pasquim foi um jornal de seu tempo, com os questionamentos e discursos próprios de sua época. Sendo assim, como eles mesmos sublinharam: “O Pasquim é um produto do meio; também

¹ A “cultura política”, como observou Serge Bernstein (1998, p.360), nos permite uma explicação dos comportamentos políticos por uma fração do patrimônio cultural adquirido por um indivíduo durante a sua existência e compartilhado pelo tecido social o qual está inserido.

ninguém é perfeito” (O PASQUIM n.6, ago. 1969, frase de capa).

O Pasquim pode ser identificado como um jornal alternativo. Podemos destacar que no contexto da ditadura civil-militar (1964-1985) brasileira foram criados por volta de 150 periódicos que, em meio às suas especificidades, tinham um traço comum: a oposição ao regime autoritário, tendo passado a ser conhecidos como imprensa alternativa. A disseminação da grande quantidade de alternativos durante o período da ditadura civil-militar pode corresponder à hipótese de que os jornalistas expurgados dos grandes meios de comunicação estavam à procura de espaços para manifestarem suas posições ou simplesmente um lugar para exercerem sua atividade profissional. Aliado a esse elemento primordial, ou seja, uma abundância de recursos humanos disponíveis e insatisfeitos, acrescentava-se o papel das inovações técnicas que facilitaram a circulação de suas ideias.

Dessa forma, a imprensa alternativa

constituía não apenas um fenômeno jornalístico, mas também um fenômeno político. Ela representava uma das mais importantes possibilidades de luta política na época. Por outro lado, ela também representava a difícil convivência entre o legal e o ilegal, o público e o clandestino (ARAÚJO, 2000, p.22).

Estes profissionais que seguiram o caminho alternativo se opunham às condições de trabalho na grande imprensa, de que muitos foram expulsos, e no sentido mais amplo, ao regime ditatorial. Muitos jornais foram criados neste cenário alternativo. Alguns deles e, em particular, o PifPaf e A Carapuça, estabeleceram as bases do que viria depois a ser O Pasquim, principalmente, por contarem em seus quadros, com colaboradores que usavam a linguagem do humor para se comunicar com a sociedade, e ainda porque muitos desses jornalistas depois viriam a compor o semanário de Ipanema.

É importante sublinhar a existência n’ O Pasquim de formações e opiniões distintas, que, da mesma maneira que possibilitou uma projeção nacional do semanário, ressaltando o aspecto da diversidade cultural, ocasionou cisões na equipe. Ora por crise financeira ora por conflito de egos ora por discordância nas opiniões. Destacam-se duas principais cisões que provocaram toda uma transformação interna no jornal: a saída de Millôr Fernandes, em 1975, e a de Ziraldo, em 1982.

Fazendo dos conceitos estabelecidos e outsiders de Elias e Scotson (2000) uma analogia com O Pasquim, devemos estar atentos para uma evidência em

que percebemos uma coesão grupal entre aqueles que chegaram à redação no início do jornal e os que foram sendo incorporados nos anos seguintes. Esse grupo mais antigo foi entendido aqui como o estabelecido e o grupo dos mais jovens como outsiders. Portanto, tomando como parâmetro essa relação entre estabelecidos e outsiders, destacamos que pertenciam ao grupo mais antigo os idealizadores e fundadores do jornal: Jaguar, Tarso de Castro, Sérgio Cabral, Carlos Prosperi, Cláudio Ceccon, Millôr Fernandes e Ziraldo. Nos números seguintes, aderiram ao projeto d'O Pasquim: Luiz Carlos Maciel, Paulo Francis, Fortuna, Ivan Lessa e Henfil. Não havia uma equipe no sentido estrutural, ou seja, organizada de maneira hierárquica. Existia um núcleo fixo que representava os principais jornalistas, os quais agiam como redatores, seguindo-se dos colaboradores eventuais e dos leitores. Foram inúmeros os colaboradores eventuais do semanário, como: Martha Alencar, Moacir Scliar, Newton Carlos, Chico Buarque, Caetano Velloso, Chico Anísio, Ferreira Gullar, Glauber Rocha, Cacá Diegues, Aldir Blanc, entre muitos outros.

O semanário de Ipanema modificou a linguagem jornalística ao reproduzir, na linguagem escrita ou gráfica, a oralidade e isso acabou por influenciar a propaganda, como também, transformando também a fala coloquial. As páginas do periódico estavam recheadas dessa linguagem oral, em todos os sentidos, seja nos artigos, seja nos desenhos e até mesmo na publicidade. Isso fez com que O Pasquim deixasse de ser apenas um jornal de bairro e se tornasse um representante da fala nacional. Com isto, O Pasquim marcou não apenas a sua época, mas toda uma geração. O semanário foi um marco gerador de profundas transformações nos meios de comunicação e no cotidiano da sociedade. Ambos incorporaram esta nova fala pasquiniana. Aqueles que participaram do periódico, sejam colaboradores ou leitores, marcaram a história do jornalismo no Brasil como a geração Pasquim.

Justamente por criar esse fenômeno geracional, O Pasquim foi um dos poucos jornais caracterizados como alternativos que não teve uma vida efêmera, já que deixou de circular apenas em 1991. Millôr Fernandes, desde o início do jornal, já havia alertado seus companheiros de profissão sobre as distorções que poderiam ocorrer entre o projeto e a prática alternativa, em especial acerca da questão da independência. Já que a proposta de constituir um jornal baseado na autonomia financeira e de pensamento, durante um período em que as liberdades civis e políticas estavam cerceadas, era difícil. Não somente para criar o periódico, mas, sobretudo, para mantê-lo em circulação.

A principal questão sobre essa dinâmica entre estabelecidos e outsiders diz respeito à interdependência que existia entre eles, mesmo tendo a ausência

de uma pauta previamente definida entre todos os que faziam o periódico. Como mencionou Braga (1991, p.180), “as hierarquias [dentro d’O Pasquim] existem muito mais em função de atribuições pessoais do que de atribuições formais”.

Foi nessa interdependência entre os estabelecidos e os outsiders que se forjou a noção de autocensura. A ideia de que existiria uma coesão entre os estabelecidos significava, mesmo sem uma pauta definida, que um estabelecido poderia interferir na fala de outro estabelecido e, sobretudo, na de um outsider, a fim de manter as regras e a coesão do grupo. E nesse contexto de interferência na fala, destacamos a participação de Millôr Fernandes no semanário, que sempre se mostrou avesso a esse tipo de comportamento, inclusive esse foi um dos motivos para a sua saída do periódico.

Eles ficaram conhecidos como a patota d’O Pasquim, mas não representavam uma redação tradicional. Assim, a produção do periódico era construída sem uma pauta definida. Isso fazia o periódico ser idiossincrático: cada autor trazia uma contribuição inteiramente pessoal e independente, sem obedecer a nenhum plano. A equipe do semanário constituiu-se em uma organização não burocrática e essencialmente criativa (BRAGA, 1991, p.215). Bernardo Kucinski (2003, p.20) ressaltou que a patota representava “um exercício lúdico motivado pelo gozo” contrapondo-se “à lógica da eficiência e da produção”, tão arraigada na grande imprensa.

Entre os jornalistas não havia uma organização hierárquica da redação nem um controle financeiro administrativo, havia um espírito anárquico entre eles – eram “antiempresariais”. Por isso, analisou Kucinski (2003, p.20), ocorreu um estrangulamento financeiro do jornal, mesmo sendo bem-sucedido editorialmente. Lembramos que após seis meses de circulação, O Pasquim atingiu a tiragem de 200 mil exemplares, chegando próximo à venda dos grandes veículos de comunicação de sua época.

Acrescentamos que O Pasquim foi submetido à censura prévia em março de 1970, mas mesmo antes dela existir no jornal, chegava à redação uma lista dos “temas proibidos” de serem pronunciados, discutidos ou informados. Contudo, o semanário continuou publicando muitas dessas temáticas proibidas e, por esse motivo, teve muitas edições apreendidas antes mesmo da censura prévia. E no mesmo ano que esse mecanismo de controle de expressão entrou em vigor no jornal, nove de seus jornalistas foram presos durante dois meses.² Vale destacar que, apesar do interesse do regime ditatorial em desarticular o semanário alternativo, com a prisão de seus integrantes, O Pasquim continuou a circular com a contribuição dos que não foram presos – Millôr Fernandes, Martha Alencar,

2 Foram presos, em 01/11/1970: Flávio Rangel, Fortuna, Ziraldo, Paulo Francis, Luiz Carlos Maciel, Jaguar, Tarso de Castro, José Grossi e o fotógrafo Paulo Garcez.

Henfil e Miguel Paiva –, que escreviam as suas matérias e a de seus amigos como se fossem os que estavam enclausurados – e por artistas e intelectuais que nada tinham a ver com a redação, foi o chamado “rush da solidariedade”.

Todavia, isso não impediu que O Pasquim quebrasse financeiramente. Além do excesso de matérias cortadas pelo crivo da censura prévia e da prisão de grande parte da equipe nuclear, a partir de 1973 o jornal passou a ser censurado via Brasília, dificultando ainda mais manter o periódico em circulação. A censura prévia centralizada na capital federal provocava danos em diversos níveis para os periódicos: editorialmente, pois gerava a perda de atualidade, uma vez que havia um intervalo de quase duas semanas entre o fechamento e a distribuição desses jornais; e, comercialmente, causava prejuízos financeiros, já que grande parte já havia passado pela fotocomposição e era lacerado pelos censores (MAIA, 2002, p.488).

Com isto, o periódico enfrentou sua primeira grande crise financeiro-administrativa. A fim de sanar esta crise e recuperá-lo editorialmente, Millôr Fernandes assumiu a tarefa de administrar O Pasquim de setembro de 1972 até março de 1974. Em sua administração, Millôr decidiu cortar todos os gastos extras, telefonemas internacionais e despesas desnecessárias, houve um controle rigoroso dos custos. O novo diretor também mudou o nome-empresa do periódico, que de O Pasquim, Empresa Jornalística Editora passou a se chamar Editora Codecri Ltda. – Comitê de Defesa do Criolêu (segundo Henfil, a única empresa brasileira que defende o consumidor), que posteriormente passou a gerar receita financeira com a edição de várias matérias, artigos e entrevistas famosas d’O Pasquim organizadas em livro.

Outra tentativa do jornalista foi recuperar as vendas do semanário, que havia despencado dos 200 mil exemplares (entre 1969 e 1970, período em que o jornal recebeu muitos investimentos de publicidade) para 45 mil no segundo trimestre de 1972. Através do artigo “O leitor padrão d’O Pasquim”, Millôr promoveu um concurso entre os leitores (por meio de um questionário) que poderia fazer aumentar as vendas com a distribuição de prêmios. O jornalista queria, na verdade, saber quem estava lendo o periódico naquele momento, ou seja, a que público o semanário estava atingindo.

Apesar de ter conseguido recuperar o jornal, Millôr rompeu com o semanário, em 1975, quando, após o fim da imposição da censura prévia, o jornalista escreveu o editorial “Sem Censura”, em que se questionava e aos próprios pasquinianos de qual seria o papel deles enquanto jornalistas da imprensa alternativa com o fim da censura prévia n’O Pasquim. Ou seja, de quem era a responsabilidade pelos não-ditos, do jornalista ou do censor,

discutindo, assim, a existência dos interditos pessoais. Logo após esse episódio Millôr saiu do jornal.

Para Bernardo Kucinski (2003, p.227), “com o fim da censura prévia encerrava-se o ciclo resistente d’O Pasquim e nascia uma outra fase, a do jornal politicamente calculista e promotor de campanhas políticas, personificada por Ziraldo”. Do fim da censura prévia em diante houve uma intensa transformação no periódico. Devemos ressaltar que era um novo Pasquim, novo até no nome, pois havia perdido a sua vogal precedente há alguns números, desde o início de 1975. Assim, ele deixou de ser O semanário de Ipanema para se tornar mais um jornal dentre tantos. Apesar de manter sua oposição ao regime autoritário, denunciando desmandos, o periódico ficou mais temeroso, recuando em certas posições quando lhe era interessante. E essas características eram contrárias à proposta que Millôr Fernandes tinha para o periódico.

Os motes de campanha em que o Pasquim se envolveu neste período confluíram com a situação política em que o país se encontrava, entre os governos de Ernesto Geisel e João Batista Figueiredo. Enfatizando as promessas de distensão política e do fim do AI-5 e a Campanha pela Anistia. Esta última fez com que o jornal se recuperasse, voltando a vender 83 mil exemplares no final de 1978, conforme comentou Ziraldo (entrevista a KUCINSKI, 11 jan. 1990, 2003, p.227).

Portanto, com o fim da década e a passagem “lenta, gradual e segura” da ditadura para a democracia, o Pasquim morreu. Esta morte aconteceu naquilo que o semanário tinha por definição: a estrutura anárquica, sem engajamento partidário, e uma crítica da situação política com criatividade e humor, assim o jornal perdeu sua estética, a concepção do “autor como produtor” (BENJAMIN, 1994, p.120-136).

O Pasquim da década de 1980 não pode mais ser chamado de alternativo, pois passou a figurar como uma empresa jornalística. A última tiragem do jornal ocorreu em 1991, mas a memória que se construiu do periódico, que neste período era quinzenal, está sempre voltada para a década de 1970, justamente por ter se descaracterizado como alternativo e, principalmente, por ter perdido o referencial de linguagem que o lançou: inovador e visceral.

De alternativo a jornal-empresa

O Pasquim começou a década de 1980 enfrentando, junto com o restante do país, uma grave crise econômica, reflexos da ilusão do milagre econômico, agravada, principalmente, pela diminuição das vendas em banca e pelas

constantes apreensões, que estavam levando o jornal a um quadro de asfixia. Além disso, o periódico foi obrigado a aumentar quatro vezes seu preço, em um mesmo ano, sabendo que os salários no país nem sequer acompanhavam a inflação.

Além disso, o medo era frequente entre os jornalistas, mesmo com todo o discurso de distensão política promovido pelo governo, o que se percebia era o predomínio do autoritarismo e da repressão. Por isso, a autocensura continuava marcante. Este medo não era apenas dos jornalistas, estava também entre os jornaleiros, pois suas bancas sofriam atentados. Neste sentido, a cada número o jornal foi morrendo, perdendo a sua fala e identidade. Foi uma morte lenta e sofrida por todos: pelos que faziam o Pasquim, pelos que já tinham feito parte dele e pelos leitores fieis.

Neste período quem passou a sustentar o jornal foi a editora Codecri, que de filial passou a matriz. Entretanto, mesmo com vários best-sellers, a editora não conseguiu se ampliar, ao contrário, caminhou para a decadência junto com o semanário. Neste momento de crise, Ziraldo resolveu assumir a direção do jornal, tentando quitar todas as suas dívidas. Assumiu essa responsabilidade com a condição de ter total liberdade para modificar o que achasse necessário, a começar pelo próprio formato do periódico. Em 1981, substituiu o formato tabloide pelo estilo clássico, standard, dos jornais diários. Entretanto, este novo formato durou apenas cinco meses.³ Para Ângela Dias (2000, p.159-196), a transformação do formato do jornal, em jornalão, já indicava uma politização do periódico e o seu redirecionamento para uma dicção mais séria e menos lúdica em relação ao espaço público.

Além desta transformação no formato, Ziraldo acreditava que o Pasquim tinha de ficar mais político, engajando-se na campanha do PMDB, o que para o cartunista o “salvaria” definitivamente da crise.

Assumi vários compromissos pessoais, fazendo questão de todos serem em meu nome, não do Pasquim que nunca assumiu nenhum compromisso com ninguém. [...] Fiquei com o Pasquim, e fui aguentando [sic] economicamente (consegui levantar recursos suficientes para pagar nossas dívidas). As pessoas gritavam: “Quêisso! Se venderam”, nada disso, eu sempre estive no PMDB. Assumi um compromisso pessoal (bate no peito) e salvei o Pasquim (entrevista de Ziraldo ao PASQUIM n.704, de 23 a 29 dez. 1982).

³ Este formato grande durou 21 números, de 17/12/1981 a 12/05/1982. O formato tabloide voltou no número 672, que trouxe a seguinte frase editorial: “Quem nasceu pra tabloide nunca chega a jornalão”.

Seja como for, após a tentativa fracassada de reerguer o jornal da crise que se arrastava há alguns anos, Ziraldo e Jaguar levaram o Pasquim a uma disputa político-partidária, o que contrariava a tradição anárquica do semanário e que acabou por descaracterizá-lo por completo de sua principal marca.

Ziraldo acreditava ser importante e viável eleger um conjunto de governadores peemedebistas na eleição de 1982, constituindo uma espinha dorsal de poder democrático, de norte a sul no país. Foi neste sentido que Ziraldo propunha usar o Pasquim para apoiar Miro Teixeira, candidato ao governo do Estado do Rio de Janeiro. Diante desta ideia do periódico pôr-se a serviço de uma candidatura, percebemos um reconhecimento de que o Pasquim havia falido, esgotado sua função original. Jaguar não acreditava na proposta do PMDB, e entrou no mesmo jogo que Ziraldo, mas apoiando Brizola, candidato do PDT. Durante o período pré-eleitoral, o Pasquim saía com o “cantão do PMDB”, escrito por Ziraldo e o “covil do Jaguar”, totalmente brizolista. E, ainda apostaram que dependendo do resultado, quem vencesse as eleições ficaria com todas as cotas do jornal. Como a vitória foi do candidato do PDT, Jaguar se tornou o “único dono do falido Pasquim, com US\$ 200 mil em dívidas” (KUCINSKI, 2003, p. 228).

A partir daquele momento o periódico se redefiniu, alinhando-se ao PDT e tendo em Jaguar seu grande porta-voz e idealizador, era uma nova realidade para o Pasquim. Norma Pereira Rego (1996, p.81) ressaltou que era estranho ver o Pasquim com uma linha editorial definida, “ele estava profissional como a grande imprensa, mas sem os recursos dela”. Portanto, o Pasquim perdeu o seu estilo, a pluralidade, a ausência de pauta, mas, sobretudo, a sua identidade.

O que podemos concluir destas observações, então, é que não importava o partido vencedor nas eleições de 1982, tanto Ziraldo quanto Jaguar transformariam o semanário de Ipanema num intelectual orgânico (GRAMSCI, 1979). O jornal afirmava-se como um intelectual orgânico, principalmente, pelo engajamento explícito de sua própria produção, como nos cartuns humorísticos sobre a política educacional do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

No ano de 1984, o Pasquim lançou o mote de campanha das Diretas Já, com o slogan “Direto Pras Diretas”.⁴ É importante destacar que mesmo com a candidatura de Tancredo Neves (PMDB-MG) à presidência, em 1984, o jornal permaneceu alinhado ao governador do PDT. Podemos perceber isso através da entrevista, nesse mesmo ano, que o Pasquim fez com Darcy Ribeiro, então vice-governador e secretário de cultura do Estado Rio de Janeiro.

É interessante perceber que o alinhamento brizolista do jornal foi reiterado em 1986, principalmente, pelas 28 Cartas Abertas ao Governador, além da

⁴ Essa campanha se estendeu do número 762 até o número 779, de 31 maio a 06 junho de 1984.

campanha de oposição a Moreira Franco, adversário de Darcy Ribeiro, candidato à sucessão e então vice-governador. Para Jaguar (entrevista à autora, em 06 ago. 2004), foi um erro o alinhamento do jornal ao PDT. Segundo ele, era melhor o periódico ter fechado as portas a ficar caracterizado como Brizolista. Ainda assim, o cartunista declarou que “as intenções de Brizola em ajudar o Pasquim eram boas e o erro estava em aceitar a ajuda”.

Como considerou José Luiz Braga (1991, p.97-126), este período refere-se à “perda do pique” do jornal. Ressaltamos que a fala pasquiniana foi morrendo, entrando numa crise de identidade, que culminou na reconstrução de uma memória por parte da própria sociedade, na qual o passado é observado sempre pelo viés da oposição política durante a ditadura. Isso faz com que se esqueça a partidarização do Pasquim neste momento da década de 1980, e depois a sua transformação em empresa jornalística, que o levou a um apelo sensacionalista, com um resultado estético sobrecarregado, sem criatividade e nada inovador. Perdeu tudo aquilo que caracterizava seus jornalistas como a geração Pasquim.

É importante compreender que na década de 1980 houve uma progressiva midiatização do espaço público, com uma intensa massificação, levando a uma despolitização dos problemas nacionais. Ângela Dias (2000, p.183) destacou que a liberdade de imprensa tão almejada durante o período autoritário, na passagem para democracia, revelou-se capciosa e parcial, ao mesmo tempo em que a progressiva escalada da mundialização econômica e cultural diminuía cada vez mais o espaço para qualquer iniciativa alternativa, voltando-se para um forte esquema empresarial e pragmático, em termos da relação econômica custo/benefício.

Cabe lembrar que nesta década, em virtude da transformação camaleônica da política, diante de algumas permanências na passagem da ditadura para a democracia, a chamada imprensa alternativa ficou comprimida entre o esvaziamento de seus quadros de colaboradores, que retornaram à grande imprensa, e o arejamento de sua linguagem, a qual passou a fazer parte do cotidiano das grandes empresas de comunicação. Como não tinha condições de concorrência, “a imprensa nanica de vocação geral fica assim sitiada entre o pequeno jornal-militante [...] e o jornal-empresa funcionando na base do lucro” (BRAGA, 1991, p.102).

Diante desta perspectiva, o Pasquim que tentava se manter em circulação foi sendo absorvido pela segunda opção, ou seja, aos poucos foi se tornando um jornal-empresa. Todavia, não possuía os recursos financeiros para suportar a concorrência pela informação. Portanto, o Pasquim que se

caracterizou por ser um jornal de opinião deixou seu estilo de lado, e entrou na era da informação, mas sem renovar sua linguagem e, assim, foi se desgastando.

esses jornais [alternativos] eram veículos de opinião numa época em que a opinião estava muito em demanda por ser uma mercadoria rara. Hoje, a demanda é de informação. Mais do que a questão das bombas, que foi gravíssima, a falta de informação fornecida acabaria com o Pasquim (Participação de Zuenir Ventura na entrevista que Ziraldo concedeu ao PASQUIM n.704, de 23 a 29 dez. 1982).

Bernardo Kucinski (2003, p. 230) sublinhou que a decadência do Pasquim está totalmente relacionada à morte de sua linguagem, foi um preço estético pago por não se renovar, e, assim,

de tanto desenhar o forte batendo no fraco, o policial massacrando o estudante, o torturador e o torturado, o humor d' O Pasquim foi se contaminando pelo clichê do bom e do mau, pelo qual a polícia bate sempre, é má, o marginal sempre é bom. Ocorre que nos anos 1980 não havia mais lugar para essa visão esquemática, ou para qualquer visão racional. O humor absurdo do Planeta Diário tomou conta.

Em meio à crise de identidade que descaracterizou a linguagem do Pasquim, surgiram outros semanários humorísticos, como O Planeta Diário e A Casseta Popular, que, conforme a grande imprensa, contribuíram para a disseminação ou normalização da fala pasquiniana: a irreverência e o informalismo. No que tange à verve humorística destes dois periódicos, o que os distinguia do humor do Pasquim da década de 1970, era o escracho e um forte apelo sexual, tendendo a um sensacionalismo. Neste sentido, quando o semanário de Ipanema, na década de 1980, quis fazer frente a esta nova investida, transformou a (auto) ironia, o deboche e o sarcasmo no escracho e no apelo erótico da política, mas-sificando sua linguagem.

O agravamento das condições objetivas de manutenção do discurso pasquiniano e seu progressivo isolamento fizeram com que Jaguar buscasse nos leitores um meio de salvar o jornal e, assim, declarar através de um balão de fala de história em quadrinhos: “Compre o Pasquim ou eu mato este rato!”, e o Sig exclamava com medo: “Ele está falando sério!!” (Pasquim n.980, de 30 mai.

1988, capa). Entretanto, como a sua linguagem não se renovava e permanecia num contínuo desgaste, aqueles leitores que se identificavam com o Pasquim dos anos 1970 não gostavam mais do que liam nesse momento. É certo que da mesma forma que o jornal havia se transformado em algo diferente, na passagem da década, os leitores também mudaram nesse processo, contudo, suas mudanças não correspondiam às transformações do semanário de Ipanema.

O ano de 1988 caracterizou definitivamente a falência do projeto alternativo. Jaguar vendeu o Pasquim para João Carlos Rabello, empresário, jornalista e ex-colaborador do hebdomadário. Nesta época, o jornal vendia três mil exemplares e Rabello estava disposto a “profissionalizar o jornal e ganhar dinheiro com ele” (DIAS, 2000, p.179).

A desconfiguração do projeto se deu por diversos motivos. A primeira evidência era uma irregularidade periodística do jornal, afetado pelos revezes financeiros, que desde o número 969, de 11/02/1988, chegava às bancas entre edições quinzenais, sazonais e recuperações semanais. Além do já mencionado desgaste de sua fala.

Mas a principal referência à morte do seu estilo diz respeito à proposta de João Carlos Rabello para o jornal, o que fez perder, definitivamente, a sua identidade. Através de sua declaração “Por que comprei o Pasquim” percebemos que daquele momento em diante, o jornal se tornaria uma empresa-jornalística, encerrando efetivamente seu conteúdo alternativo. O empresário declarou:

comprei o Pasquim porque acredito que é uma publicação absolutamente viável e dá para ganhar algum dinheiro. Não vai ser muito, mas pelos dará para pagar os fornecedores e os salários dos colaboradores. [...] Como disse, não sou herói, nem mártir. Quero ganhar dinheiro, mas dentro da minha fachada de empresário, bate um coração de jornalista que entre os seus orgulhos está o fato de incluir no currículo a condição de ex-colaborador do Pasquim (Editorial de João Carlos Rabello no PASQUIM n.986, 13 out. 1988).

Além disso, outra evidência que podemos observar como ruína de uma linguagem, de uma estética jornalística, era a quase ausência de charges e cartuns no jornal. N’O Pasquim, da década de 1970, os desenhos tinham a

mesma importância dos textos, havia uma intertextualidade entre traço e escrita. Já nos anos 1980, isso desapareceu. Os desenhos eram escassos e pertenciam a zonas isoladas no jornal, como na seção “Dicas”.

No último ano do jornal, 1991, o que apenas aparecia em suas páginas era um forte apelo sexual e um tom de deboche banal.⁵ O Pasquim havia perdido o seu tom de crítica, estava inserido na órbita neoliberal, interessado no consumo de suas produções, sem se preocupar com a estética jornalística. Assim, deixou de lado o referencial de se fazer ouvir e passou a interagir com o fazer vender.

Seja como for, existiram dois Pasquins, um da década de 1970 e outro da década de 1980. Mas quando seus próprios jornalistas e a sociedade, de uma maneira geral, se referem ao jornal sempre mencionam as características do primeiro e deixam o outro esquecido. Podemos afirmar que a memória sobre o jornal foi construída sob o signo da oposição política de seus jornalistas, muitas vezes, caracterizados como “heróis de uma resistência”, aqueles que trouxeram a liberdade para um mundo de arbitrariedades e censura, que foi a ditadura no pós-1964 no país. Esta imagem heroicizada do periódico foi sendo construída ainda durante a sua existência alternativa, depois rememorada tanto pela sociedade e, principalmente, por aqueles que fizeram parte de sua história. Portanto, quando se ouve falar, ainda hoje, sobre o passado do jornal, a referência que se tem está atrelada a esta marca.

Esta fala ficou evidente quando os jornalistas do Pasquim foram homenageados em fevereiro de 1990, durante o Carnaval carioca, como enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos de Santa Cruz, no Grupo Especial da Liga de Escolas de Samba do Rio de Janeiro. O próprio Samba-Enredo tinha como título “Os Heróis da Resistência”,⁶ cuja letra trazia a memória sobre o passado do jornal da década de 1970, sem mencionar qualquer referência à década de 1980. Na edição de número 1033 (26 jan. 1990, p.22), na seção “Dicas”, o Pasquim trouxe a letra do samba “para os quase 4 mil integrantes dos Acadêmicos de Santa Cruz adentrarem à Sapucaí sabendo o que estão cantando” e, assim, fizeram ao lado da letra uma tradução do que interpretavam sobre o samba, classificando como “as entrelinhas do samba-enredo”. Eis o samba

Oh! Divina luz que nos conduz / Com humor e irreverência /
Hoje ninguém vai nos “gripar” [1] / Somos os heróis da resis-
tência [2] / Vamos “pasquinar” [3], recordar / Sorrir sem cen-
sura [4] / Botar a boca no mundo [5], buscar bem fundo / Sem

⁵ De janeiro a abril, o jornal saiu quinzenalmente; e de maio a outubro passou a ser mensal.

⁶ Os compositores deste samba foram Zé Carlos, Carlos Henri, Carlinhos de Pilares, Doda, Mocinho e Luís Sérgio.

a tal ditadura [6] / Soltaram as bruxas [7], o pau comia [8] / De golpe em golpe [9], quanta covardia [10]! / Venha com a gente, povão / Abra o seu coração / Para o Pasquim [11], o “pequenino” [12] “imortal” [13] / Simbolizado pelo sacana ratinho [14] / Mesmo bombardeado [15], virou paixão nacional [16] / Aí, na palidez da folha [17] / Imprimimos personagens geniais [18] / Lindas mulheres [19] espelhando nossas páginas / Ipanema [20] foi o centro cultural / Hoje, essa história é carnaval [21] / Gip Gip Nheco Nheco [22] / Por favor não apague a luz! [23] / Goze desta liberdade [24] / Nos braços da Santa Cruz [25].

A seguir a correspondência dos números que foram destacados acima com a explicação sobre a letra do samba segundo os pasquinianos, acrescentando, posteriormente, as minhas observações [entre colchetes] às intervenções deles:

[01] Gripe é o codinome que inventamos pros dois meses que o pessoal do Pasquim passou em cana, em 69 [Não foi em 1969, foi entre 1970 e 1971].

[02] Resistência contra a censura e a repressão do governo militar. E também a resistência dos leitores que davam força, comprando o jornal.

[03] Termo ainda não incluído no Aurélio, que significa fazer o Pasquim ou agir que nem o Pasquim [essa era uma das maiores marcas do jornal, a sua oralidade, a capacidade de criar novas expressões e incluí-las no cotidiano da sociedade, principal referência dos anos 1970, a inovação].

[04] Um negócio que encheu o nosso saco até o nº 300 [neste ponto eles deixam de mencionar duas situações: a primeira que o jornal estava sim, sem a censura prévia, mas ainda existia censura; e a segunda foi que deixaram de mencionar, é claro, a existência da autocensura entre os jornalistas].

- [05] Estrilar, brônquear [referência à liberdade de expressão que desejavam, mas que nem sempre foi possível].
- [06] Um negócio que encheu o saco do povo brasileiro durante mais de 20 anos.
- [07] É o mesmo que o pau comia [uma referência à truculência dos governos militares].
- [08] É o mesmo que soltavam as bruxas.
- [09] O governo militar chamava de redentora [quem chamava a ditadura de redentora de forma irônica era Stanislaw Ponte Preta, os militares e a sociedade que a apoiou acreditavam que era uma “revolução”].
- [010] E bota covardia nisso.
- [011] Um jornal lançado em junho de 1969 por Tarso de Castro, Claudius, Sérgio Cabral, Prosperi.
- [012] Só no formato pequeno, tabloide.
- [013] Enquanto dure, como dizia Vinícius.
- [014] O Sig, rato propaganda do jornal.
- [015] Figurativamente pela censura e literalmente por bombas, como a que jogaram uma vez na redação [referência às inúmeras tentativas da ditadura de destruir o jornal].
- [016] Agrademos a gentileza dos autores...
- [017] Pra nós, o verso mais belo do samba-enredo.
- [018] Os Fradins, do Henfil; Jeremias, do Ziraldo; Malaquias, do Claudius; madame e seu bicho muito louco, do Fortuna; o Tavares, do Ivan Lessa; Natanael Jebão, do Fausto Wolff; a Anta, de Jaguar; etc.
- [019] Leila Diniz, Odete Lara, Tânia Scheer, Ionita, Fátima Porto, Adele Fátima, Jussara Calmon, Martha Anderson, etc.
- [020] Ipanema, e depois o mundo! [Uma das principais marcas do Imperialismo Ipanemense]
- [021] Como vocês poderão ver na Sapucaí.

[022] Imortal seção criada por Ivan Lessa.

[023] Em cima do “ame-o ou deixe-o”, acrescentamos: “o último a sair apague a luz do aeroporto”.

[024] Aquela que deveria abrir os braços sobre nós.

[025] Os seis autores do samba poderão explicar isso melhor que nós.

Diante da representação da letra do samba e da própria interpretação dos jornalistas do Pasquim podemos perceber que a memória sobre o periódico está sempre enquadrada na década de 1970, como de total resistência. Isso deixa de fora temáticas polêmicas como a existência da autocensura, o seu conservadorismo em relação às mulheres e aos homossexuais, sobretudo, toda a descaracterização do projeto alternativo que figurou nos anos 1980 e que ocasionou a perda de sua identidade.

Na memória da sociedade ficaram cristalizadas e enquadradas as representações do jornal criado em Ipanema como alternativo à ditadura civil-militar, e a outra representação de sua decadência ou do jornal-empresa, como se diz, “caiu no esquecimento”. Esse jogo do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido faz parte da construção da memória. Já que a memória sempre é construída a partir de um presente e de um desejo social, político, econômico do que se pretende lembrar ou esquecer. Como analisou Michel Pollak (1992), existem na sociedade memórias em disputa promovendo um enquadramento de memória ou de manutenção da memória, que consistiria no ato de privilegiar acontecimentos, datas e personagens dentro de determinada perspectiva na constituição de memórias sociais, de partidos políticos, sindicatos ou outros tipos de organizações e instituições.

Ao fim deste estudo, é importante notar as três representações do Pasquim, o alternativo dos anos 1970; o intelectual orgânico do PDT e a empresa jornalística dos anos 1980, com todas as suas especificidades, contradições e pluralidade. O periódico foi um ator político e social que representou duas épocas distintas, dialogando com as rupturas e permanências deste processo, que no imaginário social, ainda hoje, é exaltado como símbolo de uma geração de jornais e jornalistas.

Referências

- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. *A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, v.1, 1994.
- BERSTEIN, Serge. “A Cultura Política”. In: RIOUX, Jean-Pierre e SIRINELLI, Jean-François (Org.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p.349-363.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- BRAGA, José Luiz. *O Pasquim e os anos 70: mais para epa que pra oba*. Brasília: UnB, 1991.
- DIAS, Ângela Maria. “Pasquim 1980/1991: as vicissitudes de um nanico na década da comunicação mega-empresarial”. *Revista Comunicação & política*. Rio de Janeiro: Cebela, vol.VII, n.3, set-dez 2000, p.159-196.
- ELIAS, Nobert e SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 3.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- HENFIL. *Como se faz humor político*. Petrópolis: Vozes, 1984, (Depoimento a Tarik de Souza).
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. 2. ed. São Paulo: USP, 2003.
- MAIA, Maurício. “Censura, um processo de ação e reação”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). *minorias silenciadas: história da censura no Brasil*. São Paulo: USP, 2002, p.468-511.
- MORAES, Denis de. *O rebelde do traço: a vida de Henfil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.
- QUEIROZ, Andréa C. de Barros. *O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando está sem imaginação (1969-1991)*, 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Niterói: UFF, 2005.
- QUEIROZ, Andréa C. de Barros. *Enfim, um escritor com estilo: o jornalista, pasquiniano, ipanemense e sem censura Millôr Fernandes*, 2011. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História Social. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- REGO, Norma Pereira. *Pasquim: gargalhantes pelejas*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- REIS FILHO, Daniel Aarão. *1968: a paixão de uma utopia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1998.

SIRINELLI, Jean-François. “A geração”. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 5.ed. Rio de janeiro: FGV, 2002, p.131-137.

Travestis e transexuais: processo de exclusão no sistema educacional brasileiro

*por Clarice Nolasco Cardins e
Guilherme Chagas de Siqueira*

Travestis e transexuais: processos de exclusão no Ensino Superior brasileiro

*Clarice Nolasco Cardins
Guilherme Chagas de Siqueira*

Resumo

O objetivo central do texto é evidenciar, através de revisão de literatura sobre o tema, que a população de travestis e transexuais no Brasil está sendo excluída historicamente do sistema educacional de nível superior. Logo em seguida, são expostas as consequências de uma sociedade excludente e violenta para esta população: genocídio – país que mais mata travestis e transexuais no mundo; suicídio – alto índice de ideação suicida; prostituição – 90% das travestis e transexuais brasileiras sobrevivem da prostituição. As reflexões do artigo giram em torno da experiência dos primeiros alunos trans a ingressarem no curso de Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 100 anos de história da instituição, e revelam dados que comprovam que esta universidade não está cumprindo sua função social de democratização do acesso, permanência e inclusão para as pessoas trans.

Palavras-chave: UFRJ; transexuais; condições de acesso e permanência de alunos trans; educação; mortes; suicídio

Introdução

O artigo “Travestis e transexuais: processos de exclusão no ensino superior brasileiro” objetiva apresentar evidências que sustentem – o que, para nós, pessoas trans, já é evidente e cotidiano – o processo de exclusão operado dentro do sistema educacional de nível superior da população trans, tanto quanto apresentar os reflexos de uma sociedade que elimina corpos que não se adequam aos sistemas vigentes de normatização: genocídio, suicídio, prostituição.

Enquanto primeiros alunos trans a ingressarem no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, entendemos que despertar o olhar das pessoas para esse fato histórico não é algo a se comemorar, principalmente em se considerando uma instituição centenária. Pretendemos propor uma

reflexão sobre os porquês de, em 100 anos de existência da UFRJ, somente em 2019 alunos trans ingressarem pela primeira vez no curso de Pedagogia desta Instituição de Ensino Superior.

Apresentação e discussão

O panorama da situação da população de travestis e transexuais no Brasil é alarmante. São altas as taxas de extermínio físico, verificadas na ocorrência de assassinatos e suicídio. Socialmente, as pessoas trans são invisibilizadas. No campo político, constata-se a ausência de representação e de políticas públicas específicas, e no campo econômico a empregabilidade é ínfima. Há, ainda, pouca participação da população de travestis e transexuais no meio intelectual, dada a pequena quantidade de produções acadêmicas que têm as pessoas trans como protagonistas. Para acessar essa realidade invisível, recorreremos aos dados disponíveis sobre essa população ainda bastante deslegitimada no meio acadêmico – como, por exemplo, trabalhos produzidos por ONGs nacionais e internacionais de travestis e transexuais –, tomando tais referências como fontes legítimas e, em última análise, como armas de luta política, no âmbito da produção científica.

De acordo com o Dossiê de Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais, lançado pela ANTRA – Associação Nacional de Travestis e Transexuais (2019, p. 25):

O Brasil segue como o país que mais mata travestis, mulheres transexuais, homens trans e demais pessoas trans de todo o mundo. É o que confirma o relatório da ONG Internacional Transgender Europe, que mapeia 72 países e denuncia a transfobia, lançado em 20/11/2018, Dia Internacional da Memória Trans (T-DOR).

O título de país que mais mata travestis e transexuais no mundo revela um perverso processo de extermínio físico de corpos que não deveriam circular socialmente, apenas porque estes não pertencem à norma vigente de gênero – a cisnormatividade. De acordo este (cis)tema, o sujeito cisgênero é aquele que, ao nascer, foi designado com determinado gênero de acordo com sua genitália – homem/pênis e mulher/vagina – e, ao longo da socialização, se identifica com esse sexo; enquanto isso, o sujeito transgênero se trata daquele que, ao nascer, foi designado com determinado gênero de acordo com

sua genitália e, ao longo da sua socialização, não se identifica com este gênero e transiciona para outro ou não se enquadra em nenhuma norma binária de gênero. Consequentemente, estes sujeitos transgressores são submetidos a um processo de exclusão completa da sociedade que culmina na morte – seja através de transomicídios, transfeminicídios ou suicídios.

Ainda sobre a taxa de mortalidade da população transgênera no Brasil, segundo dados do Relatório “Projeto transexualidades e saúde pública no Brasil: Entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans”, cuja pesquisa foi realizada pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), são estes os dados relativos à ideação suicida entre homens trans: “Os dados mostram que, dos 28 (100%) participantes, 24 (85,7%) já pensaram em suicídio e/ou tentaram cometer o ato. Contra isso, somente 3 (10,7%) informaram jamais ter considerado o ato.” (2015, p. 57)

Diante disso, transfeminicídios, transomicídios e suicídios são altamente recorrentes na população trans, o que corrobora, tendo em vista os dados expostos, a vulnerabilidade dessa população à morte em nosso país. Além disso, as pessoas trans são excluídas de todos os âmbitos sociais, o que não seria diferente no âmbito educacional. E, enquanto pedagogas em formação, julgamos imprescindível ampliar o debate, no âmbito da Educação, sobre o acesso e a permanência das pessoas trans na universidade pública, uma vez que os dados disponíveis evidenciam o alarmante cenário.

De acordo com os dados do Projeto Além do Arco-Íris (2013), da ONG InfoReggae, do Rio de Janeiro, cuja pesquisa atingiu diversos pontos de prostituição da capital, 61,8% das travestis têm no máximo o Ensino Fundamental e 78,9% não possuem o Ensino Médio. Esse processo de exclusão não seria diferente no ensino superior. Embora existam algumas iniciativas por parte das IES – como a Universidade Federal do ABC, a Universidade do Estado da Bahia, a Universidade Federal do Sul da Bahia e a Universidade Federal da Bahia – para garantir uma política de acesso de pessoas trans no ensino superior através de cotas, de acordo com o mais recente relatório da V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) Graduandos (as) das IFES, realizado pela ANDIFES E FONAPRACE (2019, p. 59) “a proporção de graduandos(as) que se declararam trans, na questão sobre gênero, é bem pequena, da ordem de 0,2% em todo país.”

A universidade se caracteriza, assim, como âmbito de exclusão de pessoas trans. Segundo monitoramento realizado pela Divisão de Apoio ao Estudante (DAE), da Pró-Reitoria de Políticas Estudantis da UFRJ, no período de

2010 a 2018, apenas três pessoas trans se formaram de um total 81 estudantes trans identificados. Logo, infere-se que a UFRJ, não diferentemente de qualquer outra universidade no Brasil, não está garantindo o acesso, a permanência e a inclusão de travestis e transexuais em seu corpo discente.

Destarte, tendo em vista o violento quadro exposto, as travestis e transexuais são encaminhadas para uma única fonte de renda viável: a prostituição. Segundo informações do Dossiê de Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais da ANTRA (2019, p. 20), “90% da população de Travestis e Transexuais utilizam a prostituição como fonte de renda.” Enquanto país que mais mata a população trans no mundo, é este o mesmo país que mais consome pornografia transexual. Segundo levantamento do *site* RedTube: “Você tem 89% mais chances de pesquisar sobre transexuais [no RedTube], se vier do Brasil”. (2019, p.1)

Essa alternância entre desejo e ódio são os únicos territórios em que nós, as pessoas trans, circulamos na sociedade brasileira. Dessa forma, cabe à Academia, enquanto espaço que reivindica o livre pensamento, movimentar nossas existências em seus domínios, enquanto instrumento político de transformação social para uma população historicamente marginalizada.

Considerações finais

É importante ressaltar a necessidade premente de reivindicarmos nossas (r)existências enquanto vidas trans, especialmente no âmbito da universidade. É urgente que a sociedade brasileira e, em particular, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, repense suas políticas de acesso, permanência e inclusão desta população. Embora a Constituição Federal do Brasil de 1988 garanta a igualdade entre todos os cidadãos, as experiências aqui expostas evidenciam um cenário de extermínio e exclusão das pessoas trans e da tentativa de apagamento de suas subjetividades, mesmo no espaço acadêmico – que deveria ser plural e aberto. Resta-nos a luta cotidiana para que, em momento próximo da História, travestis e transexuais possam alcançar a categoria de cidadãos de fato, passando a privar de liberdade e direitos garantidos, não mais circulando pelos territórios da morte, do suicídio ou da prostituição.

Referências

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. *Travestis envelhecem?* 2010. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo., São Paulo, 2010.

BENEVIDES, Bruna G; & NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim (Orgs.). *Dossiê: assassinatos e violências contra transexuais no Brasil em 2018*. Bruna G. Benevides, Sayonara Naider Bonfim Nogueira (Orgs.). Brasília: Distrito Drag, ANTRA, IBTE, 2019.

_____. BENEVIDES, Bruna G.; SIMPSON, Leila (Orgs.). *Mapa dos Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017*. Brasília: ANTRA, 2018.

BRAZIL E REDTUBE. *Pornhub insights, 2019*. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/redtube-brazil>. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

FONAPRACE/ANDIFES. *V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico Socioeconômico e Cultural dos Graduandos das Instituições Federais de Ensino Superior*. Brasília: FONAPRACE/ANDIFES, 2018.

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC. Estabelece reservas de vagas para pessoas Transgêneras, nos cursos interdisciplinares da UFABC e cria a Comissão Especial para Pessoas Transgêneras — CEPT. *RESOLUÇÃO CONSUNI N° 190*, de 21 de novembro de 2018. Disponível em: http://www.ufabc.edu.br/images/consuni/resolucoes/resolucao_consuni_190_-_estabelece_reservas_de_vagas_para_pessoas_transgeneras_nos_cursos_interdisciplinares_da_ufabc_e_cria_a_cept.pdf. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

INFOREGGAE.: *Projeto Além do Arco-íris*. Rio de Janeiro. In: InfoReggae, ed. 1, 2013. Disponível em: <http://www.afroreggae.org/wp-content/uploads/2014/06/InfoReggae-01-Al%C3%A9m-Arco-%C3%8Dris.pdf>. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

NÚCLEO DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA LGBT. *Projeto Transexualidades e Saúde Pública no Brasil: entre a invisibilidade e a demanda por políticas públicas para homens trans*. Belo Horizonte: NUH-UFMG, 2015.

TGEU. *Projeto de investigação TvT (2016)*. Observatório de Pessoas Trans Assassinadas (TMM). Transrespect versus Transphobia Worldwide (TvT) project. TGEU, 2016. Disponível em: <https://tgeu.org/tdor-2016-press-release/>. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Aprova o sistema de reservas de vagas para negros e sobrevagas para indígenas; quilombolas; ciganos; pessoas com deficiência, transtorno do espectro autista e altas habilidades; transexuais, travestis e transgêneros, no âmbito da UNEB, e dá outras providências. *RESOLUÇÃO N° 1.339/2018*. Disponível em: https://portal.uneb.br/proaf/wpcontent/uploads/sites/65/2018/12/Res_1.339_2018consu_-_Res_reserva-de-vagas.docx.pdf. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

_____. Dispõe sobre a reserva de vagas para índios aldeados, membros das comunidades remanescentes dos quilombos, pessoas trans (transexuais, transgêneros e travestis), e imigrantes ou refugiados em situação de vulnerabilidade na transição dos Bacharelados Interdisciplinares para os Cursos de Progressão Linear (CPL) *Resolução N° 4/2019*. Disponível em: https://ufba.br/sites/portal.ufba.br/files/resolucoes/resolucao_04.2019_-_cae.pdf. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

_____. Dispõe sobre a política de ações afirmativas para os processos seletivos aos cursos de graduação 1° e 2° ciclo da Universidade Federal

do Sul da Bahia. *Resolução N° 10/2018*. Disponível em: <https://ufsb.edu.br/images/Resolu%C3%A7%C3%B5es/2018/resol-010-09.11.2018.PDF>. Acesso em: 29 de janeiro de 2020.

NARRATIVAS *dos extensionistas*

Entre Olhares sobre o projeto de extensão Compartilhando Leituras

*por Amanda Barbosa Martins Ferreira
e Lidiane Jeane Lima Cezario*

Entre Olhares sobre o Projeto de extensão Compartilhando Leituras

Amanda Barbosa Martins Ferreira
Lidiane Jeane Lima Cezario

As ocorrências relatadas no presente texto serão reais e muito pessoais, tentaremos narrar a chegada e vivência de uma dupla de amigas no projeto, trazendo à tona todos os personagens envolvidos, o que cada um nos acrescentou e o que deduzimos ter acrescentado a eles.

Iniciaremos nossa narrativa usando um trecho em que resume partes que iremos destacar através de nossas experiências vividas no Projeto de Extensão *Compartilhando Leituras*, tal qual:

[...] uma narrativa é composta por uma sequência singular de eventos, estados mentais, ocorrências envolvendo seres humanos como personagens ou autores” e acrescenta, mais à frente que “ela pode ser “real” ou “imaginária” sem perder seu poder como história. (BRUNER, 2002, p. 46-47 apud PAIVA, 2008, p. 2).

Nosso foco em relação às extensões universitárias seria encontrar um projeto que nos permitisse desenvolver um trabalho que compartilhássemos conhecimentos uns com os outros, construindo no percurso dos períodos a aprimoramento do nosso currículo acadêmico.

Ao saber da divulgação do projeto que buscava extensionistas por um grupo no Facebook, com o nome “Compartilhando Leituras”, logo nos deixou animadas e com a sensação de que finalmente encontraríamos uma extensão interessante para participarmos juntas. A universidade acaba bloqueando o gosto por leituras prazerosas no geral, já que a demanda por leituras científicas é gigante e desgastante, o que requer um tempo maior para estudar e compreender os assuntos que estão sendo tratados.

O Projeto de Extensão Compartilhando Leituras tem o objetivo de ampliar discussões sobre diversos temas escolhidos pelas escolas ou pelo grupo de extensionistas, e ao entrarmos no projeto, pudemos compreender melhor como seria o nosso processo nessa extensão. O que nos interessou ainda mais foi a relação de poder criar um vínculo entre a Universidade com a Educação Básica buscando essa aproximação, para que alunos de escolas públicas ocupem o espaço também público universitário, fazendo com que docentes e discentes se integrem e se inspirem para aprimorarem sua formação.

Atualmente, somos responsáveis pela equipe de comunicação e administradoras das redes sociais do projeto. O nosso departamento de comunicação trabalha pela busca de escolas interessadas em acolher os eventos elaborados - especificamente para cada escola - e a partir dos temas escolhidos, nós entramos em contato com um estudioso/palestrante sobre o assunto e o convidamos para participar do evento.

Já a articulação com as redes sociais do projeto, no Instagram e no Facebook, acontece desde a divulgação dos próprios eventos com fotos e vídeos, ampliação do número de seguidores para obter uma maior interação com os alunos das escolas públicas e também das universidades, além de compartilhar os momentos mais importantes durante os eventos, coletar curiosidades, temas e dúvidas. Administrar redes sociais acaba não sendo uma experiência desgastante, já que estamos inseridas em todo um contexto da internet no nosso dia a dia. O maior desafio dessa função é a responsabilidade de editar, criar conteúdo, escrever e divulgar um projeto que carrega o nome da UFRJ. Demorou um pouco para nos sentirmos totalmente à vontade e perdermos as inseguranças e medos de, sem querer, divulgarmos conteúdos errados, escrevermos fora da ortografia, expor em demasia algum convidado, entre outros pontos. Todo trabalho é feito com cautela e sempre consultando a opinião do grupo - o que também torna desafiante- mas no final sempre ocorre tudo bem, o que nos incentiva cada vez mais a perdermos nossos pequenos medos e anseios.

Apesar dos nossos esforços, a maior dificuldade de um projeto desse porte está em fazer com que o público se sinta atraído para participar dos nossos eventos, em resumo: a dificuldade de conseguir um público no geral. Estudantes de Universidades vivem uma correria imensa, em que acabam não dando oportunidades de frequentar os diversos eventos extra-aulas existentes pela faculdade. Já as escolas públicas sofrem com o problema de deslocamento devido à falta de recursos, o que dificulta a chegada até o campus. Logo, cabe a nós procurar contatos antigos e fazer contatos novos com coordenadores, professores e alunos para conseguirmos uma plateia.

No início do projeto, conseguimos parceria com duas escolas: o Colégio Estadual Júlia Kubitschek e o Colégio Estadual Souza Aguiar. O evento que aconteceu com a primeira escola, conseguimos trazer uma das turmas de ensino médio para dentro da universidade em que os alunos tiveram a oportunidade de conhecer o Campus da UFRJ da Praia Vermelha, a história do Palácio Universitário e participar do nosso evento ministrado pela autora Ninfa Parreiras com o tema “Literatura infantil: coisas que viram outras”. Este evento nos marcou pelo fato da professora -que trouxe os alunos para o evento- após

esse encontro começar a participar de um grupo de pesquisas do campus e também de palestras sobre a didática e Educação de Jovens e Adultos, que são áreas de seu interesse. Isso nos estimula como grupo de extensionistas sobre as oportunidades que o projeto proporciona na aproximação, de forma dinâmica de docentes e alunos que enxergam a universidade como algo distante e superior. Por isso, temos como meta fazer com que os professores da rede pública, que acabam sendo esquecidos e desestimulados pela continuação de sua formação, a enxergarem o Projeto como uma aliança parceira.

Outro evento que nos proporcionou uma experiência singular e repleta de personagens protagonistas importantíssimos, foi o nosso último evento do ano de 2019, em uma parceria com o Projeto Espaço Memória, Arte e Sociedade Jessie Jane Vieira de Souza (EJJ) com uma “Roda de conversa no Espaço JJ: os estudantes Trans na UFRJ” com os graduandos transexuais de Pedagogia Guilherme Chagas e Clarice Nolasco, em uma conversa que narrava suas experiências e desafios dentro da universidade.

Consideramos um dos eventos mais importantes do nosso projeto em que os estudantes da comunidade LGBTQI+ de diversos cursos dialogaram e se emocionaram em uma roda de conversa extremamente necessária. Mesmo não sendo nosso lugar de fala, ouvir e aprender sobre o tema e o mais importante: estar dentro de um Projeto que se posiciona e permite espaço para debater diversas questões ‘apagadas’ pela Universidade, tornou-se para nós uma experiência única, nos colocando como personagens de um momento protagonizado por pessoas que ganharam a voz que há tempos estavam sendo silenciadas.

Através do projeto, foi possível sentir a necessidade que os universitários e até os professores doutores possuem de ter um espaço para o diálogo e troca. Foi basicamente como disse uma de nossas convidadas, a autora Ninfa Parreiras (2019) “Muito legal essa ideia de gerúndio, de uma coisa acontecendo, de você dividindo, compartilhando e trazendo pessoas diferentes para dialogar aqui na Universidade”, e é basicamente essa a nossa ideia, uma definição perfeita do nosso projeto, que ainda pequeno dentro do Centro de Filosofias e Ciências Humanas, mas que já contou com a participação desde professores doutores até de graduandos da própria casa, o que nos encanta e ensina é o fato de não trabalharmos com distinção e hierarquização, basta a pessoa ter uma leitura, um autor ou história que queira compartilhar e dialogar com o projeto e estaremos de braços abertos.

Finalizamos o período de 2019.2 com uma vasta bagagem que atendeu sem planejar as necessidades momentâneas, como por exemplo: em setembro em meio às queimadas da Floresta Amazônica, houve um debate sobre Euclides da Cunha e atualidades de questões ambientais; em todo o contexto da polêmica conjuntura

política atual do Brasil trouxemos graduandas dialogando sobre o escritor e professor de história Rubim de Aquino, cruzando caminhos da ditadura com a atual realidade e, também no mesmo contexto, uma palestra enriquecedora sobre o jornal alternativo “Pasquim” polêmico e famoso na ditadura e como o mesmo se reflete em 2019 quando completa 50 anos.

O projeto desenvolveu uma maior percepção em descobrir novas visões de mundo que contribuem com a formação de todos que participam, respeitando a diversidade e permitindo aprender/trocar conhecimentos com o outro. Poder participar deste projeto seja como extensionista, palestrante ou convidado é se inserir na cultura e aproximar pessoas que desejam participar dos assuntos e temas desenvolvidos em nossos eventos. O que traz uma experiência única de aprendizagem fora do âmbito convencional (sala, alunos enfileirados etc) sendo essencial para nossa formação como futuros pedagogos.

Com o ano de 2019 em uma experiência inaugural, foi possível fazer uma análise do que as escolas e a própria Universidade carecem para montarmos em 2020 uma agenda com palestrantes que atendam a demanda, sem esquecer de abranger contextos sociais, políticos e humanos da realidade atual.

Por fim, o que mais nos inspira no Compartilhando Leituras é essa proposta de diálogo, roda de conversa e troca que é imprescindível para a exploração do pensamento crítico e círculo de conhecimentos com formas dinâmicas de aprendizagem. A educação se move e se modifica a todo instante, por isso, precisamos nos atualizar dos caminhos que podemos percorrer e escolher para desenvolver o melhor dos nossos alunos e de nós mesmos como educadores. Pensar sempre em trazer debates necessários e concretos para que o processo formativo seja algo leve e prazeroso, tendo como alvo principal a educação pública e ocupação desse espaço pelos estudantes menos privilegiados.

Esperamos que todos que puderam participar, assim como nós extensionistas, tenham se permitido ouvir e serem ouvidos, aprendendo e observando diferentes vivências e experiências que foram proporcionadas em nossos eventos.

Referências

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. A pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, 2008.

Impressões sobre o projeto de extensão Compartilhando Leituras

*por Ana Lucia de Andrade Barreto
e Rebeca Oliveira Calado*

Impressões sobre o projeto de extensão Compartilhando Leituras

*Ana Lucia de Andrade Barreto
Rebeca Oliveira Calado*

A Universidade contém diversas atividades que contribuem não só para a formação dos estudantes, como para a sociedade como um todo. Para existir Universidade é preciso que haja pesquisa, ensino e extensão, sendo este último o que mais se aproxima da população, visto que, é o momento dedicado exclusivamente às atividades voltadas ao público externo, e o qual é possível mostrar as produções realizadas dentro dos muros da Universidade.

Pensando na função da extensão universitária, foi criado o Projeto Compartilhando Leituras, o qual tem por objetivo partilhar diferentes visões e leituras de mundo, criando um vínculo maior principalmente entre as Escolas básicas e Universidade, dado que, existe uma grande distância entre ambas. Sua dinâmica consiste em trazer pessoas de dentro da Universidade, sejam alunos, técnicos ou professores, para compartilhar um tema de seu interesse com os estudantes e dessa forma contribuir para o aumento do repertório cultural dos participantes.

Durante o ano de 2019 o Projeto Compartilhando Leituras sofreu algumas alterações em seu formato até ser realizado da maneira como é hoje. Sua dinâmica consistia em realizar eventos dentro da Universidade e chamar tanto estudantes de graduação como estudantes das escolas básicas. Depois surgiu a ideia de levar o Compartilhando Leituras para o chão da escola o que ocasionaria uma aproximação ainda maior entre os estudantes da escola básica e a Universidade. Este é, atualmente, o formato em que o projeto funciona.

É de extrema importância que o estreitamento de relações entre essas instituições aconteça, pois ainda prevalece no imaginário social uma ideia de superioridade por parte das Universidades, o que gera um afastamento entre ambas, sendo prejudicial para a disseminação dos conteúdos produzidos na academia, visto que tem por objetivo contribuir com a reflexão sobre as práticas cotidianas de todos os sujeitos escolares, refletindo no debate de outras temáticas que estão em voga na sociedade. O que torna fundamental a parceria entre essas instituições.

A construção de uma narrativa a partir da experiência adquirida no Projeto é um dos grandes desafios que nós estudantes temos que encarar em tão pouco tempo. Além das dificuldades reais de fazê-la, como por exemplo a melhor forma de se expressar ou passar aos leitores cada vivência em detalhes

para que entendam e possam sentir, temos que lidar com nossas próprias inseguranças, e esse talvez seja o maior desafio: enfrentar as barreiras que nós mesmos nos impomos. De acordo com Paiva (2008, p. 1):

Muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos, etc.

Assim, entendemos que nossa narrativa também se construiria a partir de eventos passados, experiências e sentimentos. O “desequilíbrio e a busca pelo equilíbrio” como definiu Todorov (1979 apud PAIVA, 2008, p.01). Ou seja, a narrativa se instituiu com a saída da zona de conforto para um lugar inexplorado, o qual nossas inseguranças foram confrontadas. Um movimento que definitivamente nos colocou sob outra perspectiva.

Ser extensionista do Compartilhando Leituras trouxe muito crescimento para nossa formação. A começar pela interação com outros extensionistas, possibilitando e incentivando o trabalho em equipe, bem como a autonomia para tomar decisões sobre os eventos. Trabalhar em equipe, apesar de parecer fácil, pode ser uma tarefa complicada, mas de fato gratificante, pois é o momento em que diferentes visões e ideias se unem para a realização de um objetivo em comum, que é a existência e evolução do projeto.

Todos os eventos são idealizados em grupo, mas para que tudo ocorra de forma eficaz nos dividimos em duplas de trabalho, tendo sempre a possibilidade de contribuir uns com os outros. As funções se dividem em: parte gráfica, contatos e produção de textos. Trabalhar na função da escrita, principalmente em dupla, foi um outro aprendizado importante que o Compartilhando nos trouxe, sobretudo por se tratar de uma escrita jornalística, sendo assim, se faz necessário relatar o que ocorre nos eventos de forma imparcial e exercer isso em par é ora desafiador ora recompensador.

Nesse contexto, nossa escrita começou a evoluir de maneira gradativa. Pouco a pouco, a insegurança foi diminuindo e os textos começaram a ficar melhores, facilitando a comunicação com o público que acompanha o Compartilhando Leituras através das redes sociais. É importante pontuar que o benefício do aprimoramento da escrita não nos favoreceu apenas em ambiente acadêmico, mas também em outras atividades que permeiam nossa

vida pessoal.

Sendo a leitura, não só a literária, um dos focos do projeto, nosso interesse cresceu a medida que nos foram apresentados novos gêneros e temáticas, algo muito positivo para os extensionistas, tendo em vista, que a leitura é muito importante na prática docente. Dessa forma, os impactos na preparação para a atividade do magistério são extremamente favoráveis. Aprender com a experiência é uma situação que de fato ocorre no Compartilhando Leituras. A cada edição se faz necessária a observação a respeito do que ocorre conforme o planejado e o que não ocorre também, especialmente se tratando de eventos fora dos muros da Universidade. É necessário encarar o que acontece fora do planejamento não como erro, e sim como aprendizado para que nos eventos seguintes saibamos como proceder, e isso com certeza é um aprendizado que adquirimos com o Compartilhando Leituras.

Organizar os eventos trouxe um conhecimento sobre os temas tratados. Apesar de ser um projeto pensado para o público externo, ele acrescenta na formação de todos aqueles que entram em contato com ele. Além de aprender sobre as temáticas debatidas durante todo o tempo que participamos do projeto, passamos a desenvolver muito interesse em assuntos que antes não atravessavam nosso pensamento, algo extremamente positivo e que precisa ser pontuado.

Participar da equipe de execução do projeto, ampliou nossas redes de sociabilidade, visto que, como já mencionado antes, existe uma dupla encarregada de fazer o contato com a escola que deseja nos receber e com o palestrante que irá ministrar o evento, o qual pode acontecer em diversos formatos, dependendo da demanda. Dessa forma, o grupo passou a ter um círculo de convivência maior, facilitando a expansão do repertório sociocultural de cada um. Essa troca afeta positivamente a vivência dos graduandos, uma vez que, cria-se a possibilidade de compreender a realidade de outros indivíduos e, por conseguinte, suas subjetividades, algo que desperta uma sensibilidade indispensável nas relações.

A partir do momento em que nos inserimos em uma atividade acadêmica diferente das aulas que acontecem todos os dias, passamos a viver mais intensamente o ambiente universitário, ou seja, vivendo experiências consideradas significativas para a construção de um educador e saindo da “zona de conforto”, afinal, não conseguimos nos formar como um profissional da educação apenas frequentando as aulas ministradas por professores. Nesse sentido, o Projeto *Compartilhando Leituras* além de proporcionar uma formação para os estudantes através de seu objetivo principal, também oferece uma integração

mais profunda no ambiente acadêmico aos seus extensionistas.

É essencial, para qualquer formação a participação em atividades acadêmicas que ampliem o repertório individual. A forma como o Projeto *Compartilhando Leituras* afeta aos seus ouvintes é diferente para cada um deles, não sendo possível mensurar o quão tocados são os participantes. Sabemos que muitas vezes o público não está familiarizado com as temáticas tratadas, mas é imprescindível a existência de oportunidades em que esse encontro com o novo aconteça, dessa maneira o Projeto cumpre esse papel. Entretanto, além de trazer novas perspectivas para as pessoas, o Compartilhando Leituras está sempre atento às demandas que vêm das escolas, para que a parceria prevaleça.

Fazer com que as pessoas sejam afetadas e promover novas experiências a elas está fora de nosso alcance, pois como já foi dito, isso depende da disponibilidade de cada um e suas respectivas trajetórias. Entretanto cumprir o papel de proporcionar novas vivências, não apenas no tocante a trazer novos conceitos e informações, mas possibilitar que estas se tornem “um acontecimento” para quem recebe é nosso maior objetivo.

Larrosa Bondía (2002) considera que nós vivemos de fato uma experiência quando algo nos afeta, e que esta está escassa na sociedade atual por diversos motivos que são apresentados.

Primeiramente, o autor afirma que há uma circulação excessiva de informações atualmente, algo que para ele é prejudicial, pois não propicia momentos onde as pessoas possam viver experiências verdadeiras. Além disso, o argumento de que os sujeitos opinam demasiadamente sobre diversos temas, e tem a necessidade de expressar uma opinião contrária ou a favor, também aparece no texto como algo desfavorável, contribuindo para a escassez das experiências, já que diversas vezes formulam opiniões sobre um assunto sem experienciar de fato algo que se relacione com este. Por fim, mais duas justificativas são apresentadas: a falta de tempo e o excesso de trabalho. Ambas estão intimamente ligadas, devido à grande demanda por produtividade existente na atualidade. Dessa forma, baseando-se nesse pressuposto, nós da equipe do Compartilhando Leituras temos o propósito de possibilitar aos ouvintes chances de experienciar verdadeiramente diversas situações, por intermédio de nossos eventos, gerando uma sensibilidade, por conseguinte, fazendo com que sejam afetados pelas histórias contadas, palavras trocadas, debates promovidos e momentos magníficos contemplados, de acordo com a disponibilidade de cada um. De maneira que, cada sujeito tenha a possibilidade de se tornar um “sujeito da experiência”, que segundo

Larrosa Bondía (2002) são aqueles que se deixam afetar pelas coisas que lhe acontecem.

Finalmente, a contribuição para com a formação de todos os envolvidos no Projeto é uma das principais metas a serem alcançadas. Não é um objetivo pronto, mas que se constrói junto com os sujeitos. Está em movimento e suscetível a constantes mudanças. Nós, como estudantes que estão diretamente conectados com essa proposta, podemos perceber a transformação que nos trouxe. Compartilhando Leituras é um projeto que ao alcançar mais pessoas pode causar um grande impacto e trazer novas perspectivas.

Referências

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Uma pesquisa narrativa: uma introdução. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 8, n. 2, p. 261-266, 2008.

Interpretações, nuances e entendimentos sobre os impactos de um projeto de extensão

*por Felipe de Carvalho Ferreira
e Emília Carolina Bispo dos Santos Augusto*

Interpretações, nuances e entendimentos sobre os impactos de um projeto de extensão

*Felipe de Carvalho Ferreira
Emília Carolina Bispo dos Santos Augusto*

A universidade pública é dividida e construída baseada em um tripé de educação: ensino, pesquisa e extensão. Partindo desse princípio, esses três eixos proporcionam aos graduandos ampla formação e conhecimento nos mais variados cursos e experiências que tal instituição oferece. Uma das maiores dificuldades, para a comunidade acadêmica, é expor os trabalhos, pesquisas e estudos elaborados, os quais têm uma riqueza imensa, a pessoas fora desse espaço, significando e retornando os investimentos para a sociedade.

Destaca-se nesse contexto que, um dos grandes desafios para as ciências humanas, é ser compreendida como uma área de conhecimento que não necessariamente deva estar imbuída de função imediata. Ou seja, nossas atuações desdobram-se em fundamentos teórico-metodológicos, ocasionalmente caracterizado de inútil e sem valor econômico, contudo recheado de potencialidades no desnude do funcionamento social.

No movimento de integrar os mais diversos públicos com as demandas produzidas dentro e fora da universidade, o projeto de extensão “Compartilhado Leituras” desloca-se com a proposta de promover encontros coordenados por convidados que compartilham uma temática de seu interesse com públicos variados e em espaços distintos. Com isso, sugerimos encontros mensais em escolas e também na própria universidade, cujo objetivo é favorecer a aproximação do público em geral com especialistas em diversas leituras, não só as literárias, mas também as de mundo.

Entendemos a extensão universitária como uma vitrine da produção acadêmica, uma maneira de demonstrar ao público externo as diferentes áreas de produção e os diversos retornos que tal instituição traz. Em tempos de discursos mais conservadores e de ataques velados, estar num projeto de extensão que visa compartilhar leituras de mundo é não apenas para nós um período de aprendizagem, mas um ato político de defesa da educação pública, laica, gratuita e para todos. O sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2005) nos fala que o medo faz com que as pessoas se afastem dos que por elas são considerados estranhos e que a falta de troca e de diálogo cria o terreno fértil para a demagogia e o conservadorismo. Desse modo, com-

preendemos que a produção da universidade não pode se manter-se apenas entre seus muros; que o diálogo não pode se dar apenas entre pares e que a extensão tem esse papel vital de fazer chegar ao maior número possível de pessoas aquilo que é produzido e prezado. O movimento contrário também se mostra indispensável para que o estranhamento seja quebrado. É preciso entender demandas, necessidades e as críticas que a sociedade possui em relação à academia.

Nesse aspecto, o despertar pelo interesse na(s) leitura(s) abre para o horizonte das descobertas, das possibilidades, das variadas visões e posicionamentos pelo mesmo assunto. Todavia, um detalhe que podemos destacar se encontra como desafio emergente nas discussões dentro da universidade: de que maneira poderíamos, então, dialogar e contribuir para que a comunidade tenha acesso a todas essas produções cotidianamente desenvolvidas, e que possam também trazer suas bagagens culturais, em um movimento dialógico de ensino-aprendizagem?

Assim, a oportunidade de participar de um projeto, para além das obrigações burocráticas de ações de extensões a serem cursadas ao longo da graduação, permite, também, a possibilidade formativa enquanto futuras(os) professoras(es). A organização de eventos, diálogo entre os colegas de profissão e envolvimento dos alunos nesse processo é parte imprescindível para o ambiente escolar.

Realçamos, também, a dificuldade de ter o auxílio dos professores universitários na luta pela construção de uma educação democrática, pois, em alguns momentos, notamos resistência de se disporem de irem às escolas. Todavia, não em um tom de crítica, mas de maneira a elucidar os inúmeros percalços enfrentados de encontrar o diálogo, empatia, e compromisso com a educação. Para tanto, refletimos sobre como a cultura escolar hoje ainda administra as atividades de leitura, escrita e construção textual, muito ligadas a cópia e memorização de conteúdos; a leitura quase sempre é difusa, associada a uma série de questionamentos predeterminados para “auxílio” da interpretação e que acaba excluindo as próprias expectativas e entendimentos dos alunos. Ao entrar no ensino superior o jovem se depara com outra realidade.

Na universidade a cópia e memorização pura e simples passam a ser crime e agora é exigido desse aluno uma leitura sólida, própria, um entendimento autônomo, uma apropriação e construção particulares do texto. Desse modo, uma extensão que se encontre no coração da educação básica, levando diferentes leituras de mundo torna-se indispensável para o rompimento desse ciclo.

O crítico literário e filósofo francês Roland Barthes (2004) nos fala que as obras literárias se erguem a partir das profundezas do autor e expandem-se para além de sua responsabilidade. Compartilhar leituras de mundo está em entender como os discursos afetam cada um de nós, exercitar uma escuta e um entendimen-

to como processo libertador e acolhedor. O exercício de escutar e dialogar com o outro visto como um processo de libertação da barbárie, do conservadorismo e das perseguições. Entender como as coisas nos tocam e como elas afetam outros, percebermos e respeitarmos nossas diferenças, eis a importância da partilha de diferentes leituras e posicionamentos.

Outro momento importante no desenvolvimento da extensão é a oportunidade do protagonismo e liberdade de pensamento, subterfúgios e resoluções de problemas que são possibilitados. A tarefa coletiva e integrada são gatilhos a serem ultrapassados, uma vez que constantemente nos encontramos em embates e divergências de ideias. Todavia, a importância de ter uma equipe motivada, confortável e empenhada, fornece os subsídios para elaborarmos estratégias que vão de encontro desde o prazer de fazer as atividades, ao comprometimento de estar sempre juntos para pensarem em outras propostas.

Com as experiências advindas de nossas atuações, conseguimos, também, nos aproximar de âmbitos artísticos e redes de sociabilidades comuns para relações integradas, conjuntas e comunicativas dentro do ambiente escolar. Contamos, atualmente, com cerca de sete extensionistas, todos derivados do curso de Pedagogia. Esse detalhe estreita, ainda mais, a relação conjunta nas atuações.

A aproximação entre a graduação e o projeto proporcionam, entre outras demandas, a visualização prática dos desafios de garantir outros caminhos e atividades que deparemos enquanto profissionais da educação. O diálogo constante do pedagógico, teórico e prático, é algo que nos mobiliza a formação.

Nesse sentido, apesar das críticas de Bourdieu (2015), no qual coloca a escola reprodutora das desigualdades de uma cultura da elite, selecionando, testando e excluindo os hábitos e costumes das classes populares, ainda sim preserva características fundamentais. O choque cultural, mesmo entre os sujeitos da mesma condição social, é encontrado em uma sala de aula, pluralizando-a e transformando-a em um lugar de trocas de práticas e saberes.

Para a efetivação do projeto, organizamo-nos em duplas, cada uma dessas responsáveis por cada etapa do processo de produção dos eventos. Disponibilizamos da equipe de contato e articulações, produção de textos pré e pós eventos e design. Vale ressaltar que, apesar dessas divisões metodológicas, o resultado e finalização das produções é amplamente discutido entre os demais extensionistas.

Para o auxílio nas divulgações dos eventos, as funções relacionadas ao design e identidade corroboram como partes imprescindíveis, uma vez que os estímulos e vontades de participar das nossas propostas temáticas perpassam, primeiramente, na maneira como é apresentada nossas ideias. A arte é um mecanismo de comunicação que aproxima os indivíduos, e tornando-os coletivos.

Tomados por ideias como pertencimento, curiosidade, troca e vínculo, buscamos criar uma identidade visual para o projeto que trouxesse ao público esses sentimentos. O próprio nome do projeto nos auxiliou nessa investida. Compartilhando, essa ideia de um movimento contínuo, essa sensação de dinâmica perene nos levou ao círculo como forma de passarmos essa perspectiva, esse deslocamento, esse moto-contínuo onde ideias, visões de mundo, trocas e diálogos se perpetuam num crescente e numa construção coletiva.

Nos resta ressaltar a enorme, mas gratificante tarefa da criação do vínculo com nosso público alvo e sua importância. Se em diferentes momentos da história a influência entre aluno e professor se apresentou de forma autoritária e opressora onde o professor guardava em si uma forte carga moral, hoje, cada vez mais, essa influência se apresenta, sobretudo entre classe populares, em função da ideia de modelo a ser seguido. Cada vez mais observamos a organização de ações educativas que possibilitem aos estudantes se expressarem plenamente, a experimentarem a vida acadêmica, onde professor e aluno participam ativamente da construção de conhecimentos conjuntos de forma intencional. A aprendizagem, seja em qualquer nível educacional, está atrelada ao vínculo que se cria, a influência que alguém possa exercer sobre outro nasce de um campo estabelecido por ambos. A criança, da perspectiva freudiana, não se constitui como um fantoche dos pais ou professores, a tela em branco sobre a qual se pode escrever o que deseja. Ao contrário, qualquer coisa que ela recebe do outro exige sua participação, seu consentimento para que seja ativado sentidos nessa criança. É parte dessa intensa, necessária e bela ativação de sentidos que o projeto Compartilhando Leituras pretende se inserir, auxiliando cada vez mais na formação de jovens e vorazes leitores numa sociedade cada vez mais diversa e multicultural.

Cabe encerramos com o profundo e belo pensamento de Paulo Freire (2018, p. 48):

o professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe, a sua prosódia, o professor que ironiza o aluno que o minimiza, que manda que ele se ponha em seu lugar ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto

o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furtar do dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando transgride os princípios fundamentalmente éticos da nossa existência.

Referências

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2005.

BOURDIEU, Pierre. *Escritos de educação*. Seleção, organização e notas Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

SOBRE *os autores*

Os autores

Anabelle Loivos Considera é fluminense de Cantagalo-RJ, terra do Euclides da Cunha. Talvez pelas referências literárias do seu pedaço de chão, além de ter passado a infância entre os livros do museu em homenagem ao escritor, do qual o pai era funcionário, enveredou pelas letras e pelo ensino. Publicou as memórias de D. Maricotinha, sua tia-avó, em poemas que desnudam os afetos e as maricotices das mulheres do interior (Oficina Raquel, 2013). E também Mãeme (Costelas Felinas, 2017) e Pura, puxa, puta: poesia! (Moinhos, 2019), coletâneas de poemas sobre o feminino e as mulheridades poéticas. Além da poesia, escreveu os ensaios críticos de Sertão, selva e letra: Euclides da Cunha em atravessamentos (EdUFF, 2019). Dá com grande prazer um bocado de aulas, formando professores de literatura na UFRJ. Tem uma filha chamada Aymée, grande narradora de sua vida. Espera ter pena pra escrever mais, ouvidos pra escutar mais e olhos de ver mais. E mais.

Andréa Cristina de Barros Queiroz é historiadora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Diretora da Divisão de Memória Institucional do Sistema de Bibliotecas e Informação da UFRJ; é Membro da Comissão da Memória e Verdade da UFRJ, onde coordena o grupo de trabalho de pesquisa histórica da CMV-UFRJ. Possui Doutorado em História Social pela UFRJ; Mestrado em História Social pela UFF; é bacharel e licenciada em História pela UERJ. Publicou o livro “Universidade e seus lugares de memória”. Tem como pesquisas os principais temas: Rio de Janeiro; Ditadura civil-militar (1964-1985); censura; imprensa alternativa; O Pasquim (1969-1991); Millôr Fernandes; humor; contracultura; ensino de história e sambas-enredos; memória institucional e patrimônio; história institucional e história oral.

Antonio Andrade possui graduação em Letras Português-Espanhol, Mestrado em Literatura Brasileira e Teorias da Literatura e Doutorado em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF). É professor de Prática de Ensino de Português/Espanhol, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da UFRJ. É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Integra o Grupo de Pesquisa/CNPq Pensamento teórico-crítico sobre o contemporâneo e o GT Literatura e Ensino, da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras

e Linguística (Anpoll). Realiza estágio de pós-doutoramento no Institut für Romanistik, da Universität Potsdam (Alemanha). É coautor do Indicionário do contemporâneo (Ed. UFMG), organizador de Translinguismo e poéticas do contemporâneo (7Letras) e autor de diversos artigos e ensaios em livros e periódicos acadêmicos. Vem atuando nos seguintes temas: literatura contemporânea, práticas translíngues, discurso literário e formação de professores.

Clarice Nolasco Cardins é graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Guilherme Chagas de Siqueira é graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Marta Lima de Souza é Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na qual atua nos Cursos de Pedagogia e de Especialização Saberes e Práticas na Educação Básica com ênfase em Educação de Jovens e Adultos. O campo principal de pesquisa é ensino e aprendizagem da linguagem escrita para jovens e adultos com foco na alfabetização, formação de professores, prática de ensino e estágio supervisionado na EJA. Integra o grupo de pesquisa CNPq “Grupo de Ações de Ensino, Extensão e Pesquisa – Fórum de Ensino da Escrita” – GRAFE. E-mail: souzamartalima@gmail.com

Ninfa Parreiras é Mestre em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo - USP (2006). É psicanalista e psicóloga, com graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC - Rio (1998) e graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC - Rio (1988). É Membro Psicanalista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle - SPID e pesquisadora da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - FNLIJ. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura e Literatura Infantil e Juvenil. É autora de obras para crianças: “Com a maré e o sonho”, editora RHJ; “A velha dos cocos”, editora Global e “Um mar de gente”, editora Girafinha. É professora da Estação das Letras, no Rio de Janeiro, e de outros cursos para adultos e professores, na área de criação de textos e literatura. Membro fundadora da Letra Falante, grupo de pesquisa de literatura infantil e juvenil. Possui artigos publicados em revistas e livros no Brasil, Colômbia, Alemanha, Argentina e Suécia nas áreas de literatura e psicanálise, desamparo,

literatura infantil, sonho e cinema, e psicanálise.

William Soares dos Santos (1972), é carioca, professor da UFRJ e escritor. Possui graduação (1997) em Licenciatura em Letras (Português/Italiano) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Licenciatura em Letras (Inglês) pela Universidade Estácio de Sá (2019), mestrado (2002) em Linguística Aplicada, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutorado em Letras (Estudos da Linguagem) pela PUC-Rio (2007). É professor Associado da Faculdade de Educação da UFRJ, onde atua como Professor de Prática de Ensino de Português / Italiano do Departamento de Didática. É, também, professor do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA) e do Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas (PPGLN), ambos da Faculdade de Letras da UFRJ. Publica textos acadêmicos e literários. Dentre os seus trabalhos acadêmicos, destacam-se os livros *A entrevista na pesquisa qualitativa* (Editora Quartet / Faperj, 2013), organizado com a Professora Dra. Liliana Cabral Bastos e *Formação de professores de línguas em múltiplos contextos* (Editora Pontes, 2015), organizado com a Professora Dra. Cláudia Maria Bokel Reis. Dentre seus trabalhos literários, destacam-se o livro *Poemas da meia-noite (e do meio-dia)* (Editora Moinhos, 2017), livro ganhador do Prêmio PEN Clube do Brasil para livros de poesias em 2018 e finalista do 3º Prêmio Rio de Literatura de 2018, o livro de poesias *Três Sóis* (Editora Patuá, 2019) e o romance *Memórias de um triste futuro* (Editora Patuá, 2020). Traduziu para língua portuguesa os livros *Pedagogias da Libertação – Estudos sobre Freire, Boal, Capitini & Dolci*, de Paolo Vittoria & Antonio Vigilante (Editora Quartet / Faperj, 2014) e os romances *A cidade do vento*, de Grazia Deledda (Editora Moinhos, 2019) e *Elias Portolu*, de Grazia Deledda (Editora Moinhos, no prelo). Suas pesquisas atuais envolvem Educação, Formação de Professores e Estudos Narrativos. Suas investigações são desenvolvidas em contextos específicos de culturas italianas, lusófonas (com ênfase em contextos brasileiros) e anglo-saxônicas de língua inglesa. Seu último livro publicado é *O Identities masculinas em Coriolano e Antônio e Cleópatra de William Shakespeare*. São Paulo: Editora Gataria, 2020.

A equipe do projeto de extensão

Rejane Maria de Almeida Amorim é Professora Associada II da Faculdade de Educação e Coordenadora de Integração Acadêmica do CFCH da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Doutora no programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008). Mestre na área de Mídia e Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002), graduada em Pedagogia e Especialista em Educação pela Universidade do Oeste de Santa Catarina. Professora de Didática nos cursos de licenciatura na modalidade presencial e coordenadora da disciplina Fundamentos da Educação IV no consórcio CEDERJ na modalidade à distância. É pesquisadora e Vice coordenadora do *GRAFE – Grupo de Ações de Ensino, Extensão e Pesquisa Fórum de Ensino da Escrita*, com pesquisas na área da didática e formação docente nas várias modalidades e níveis de ensino. Coordena os seguintes Projetos de Extensão: “A parceria escola e universidade na alfabetização das crianças e na formação inicial dos alfabetizadores” e “Compartilhando Leituras”.

Valdete Viana Tavares é Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Possui Especialização em Docência do Ensino Superior pela UNIPLIN; Pedagogia com habilitação em Administração Escolar e Magistério pela UNIVERSO. Coordenação do Curso de Extensão *Formação Permanente para jovens e adultos trabalhadores/as na Universidade* - Decania do CFCH/UFRJ; Vice Coordenação no Projeto de Extensão *Compartilhando Leituras* - Decania do CFCH/UFRJ; Secretária da Revista do CFCH; Diretora Geral de CIEP de Tempo Integral (2000-2013); Docência em Curso Normal no Instituto de Educação Clélia Nanci; Orientação Pedagógica em Escolas Municipais em São Gonçalo; Coordenação Geral da Implementação da Autonomia Escolar do CIEP 045 Porto do Roza –SG: Gestão, Educacional, Supervisão e Financeiro.

Ronald Vizzoni Garcia é Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e doutor em Ciência Política - IUPERJ/UCAM. Sociólogo atuando na assessoria técnica da Decania do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Amanda Barbosa Martins Ferreira é graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e extensionista do projeto *Compartilhando Leituras*.

Ana Lucia de Andrade Barreto é graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e extensionista do projeto *Compartilhando Leituras*.

Emília Carolina Bispo dos Santos Augusto é graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e extensionista do projeto *Compartilhando Leituras*.

Felipe de Carvalho Ferreira é graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e extensionista do projeto *Compartilhando Leituras*.

Lidiane Jeane Lima Cezario é graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e extensionista do projeto *Compartilhando Leituras*.

Maria Antônia Azevêdo Teixeira Rocha é graduanda em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e extensionista do projeto *Compartilhando Leituras*.

Rebeca Oliveira Calado é graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e extensionista do projeto *Compartilhando Leituras*.

Quem quer compartilhar essas leituras? Em tempos de crises e pandemias, onde o tempo, a atenção e compromissos são fluídos, escorregadios... líquidos. Parar... ler, partilhar, trocar autores clássicos, lugares de fala contemporâneos, autores novos visto sob um olhar clássico, autores clássicos sob um novo olhar. Cruzamento de horizontes de docentes, alunos de graduação, alunos da educação básica, bem assentados na condição de leitor. Leitor que exhibe e distribui dúvidas e curiosidades. Há algo de disruptivo na simplicidade. As humanidades com seu cacoete de “falarem” sobre o humano que habita em nossas vidas.

Ronald Vizzoni Garcia